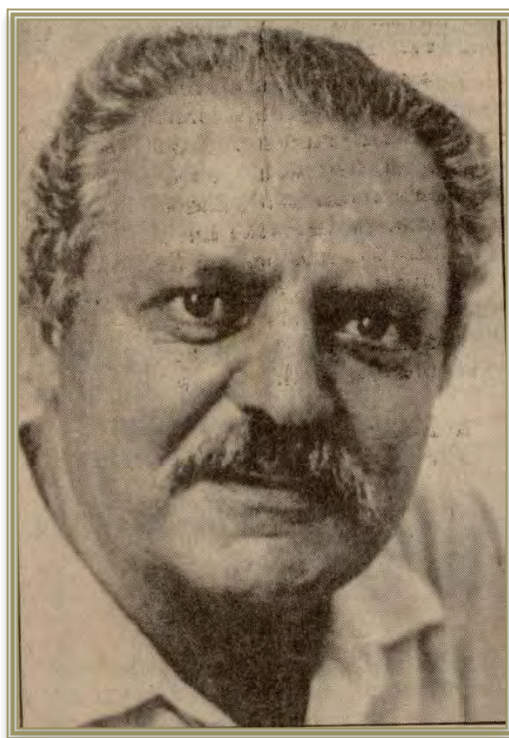


**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Notícias Sobre Salim Miguel:

Matérias, entrevistas, notas e comentários

Volume III - 1990 a 1999

Organização e digitalização: Iraci Borszcz
Enilde Regina Mai Jordanou
Coordenação. Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Florianópolis, 2016

Sumário

001: Salim Miguel: Florianópolis já foi uma cidade muito mais gostosa e simpática	4
002: Letra viva volta com Salim Miguel	6
003: J.O. Universidade	7
004: Nota sobre Salim Miguel.....	8
005: Salim Miguel	9
006: Título para Salim Miguel	10
007: A propósito de Salim Miguel	11
008: Salim Miguel	12
009: Dedicção reconhecida.....	13
010: Livros: Salim Miguel - literatura e coerência.....	14
011: Quarenta anos de vida literária: escritor Salim Miguel recebe homenagem na biblioteca pública de Florianópolis	15
012: O que escandaliza você?.....	16
013: Nossa memória seletiva de 98: cultura sem unanimidade.....	17
014: Salim Miguel	18
015: Florianópolis.....	19
016: Salim Miguel recebe homenagem: Assembléia Legislativa concede-lhe hoje o título de Cidadão catarinense.....	20
017: De Cruz e Souza a Salim Miguel	21
018: Salim Miguel, 74 anos, jornalista e escritor. In: OLIVEIRA, Mauricio. Data estimula planejamentos	22
019: Santa Catarina, um Estado interessante.....	23
020: Verbas para a produção: edital resgate do cinema deve reunir cineastas de todo o país no Rio. Eles buscam mais recursos	24
021: Clic mágico que congela o tempo: ilustres figurinhas.....	25
022: Miro. [Nota com foto]	26
023: Memórias de prisão em tempo de perplexidade	27
024: Entre a confissão e a ficção da cadeia	28
025: Salim Miguel	29
026: Livros para quem naufraga.....	30
027: Notas.....	31
028: Leituras	32
029: Três escritores representam SC em encontro do MERCOSUL	33
030: Estado e censura	34
031: Guerra pelo mercado literário.....	35

032: Papo cabeça	36
033: A sintaxe que nos expressa.....	37
034: Memórias de um libanês na ilha	39
035: Pressão psicológica para intimidar escritores.....	40
036: Salim Miguel dá nova dimensão à linguagem.....	41
037: A gaiola e a amplidão	42
038: Sai Salim. Entra Alcides.....	43
039: Este amor Catarina, um painel da nossa ficção	44
040: Machado de Assis entre pizzas e casas bancárias	46
041: Um churrasco sob a chuva.....	48
042: Primavera Cultural	50
043: Fórum de cultura vai lançar projeto " A Paixão de Ler"	51
044: Quatro anos de cultura.....	52
045: Fundação Franlin Cascaes luta por verbas	53
Índice de autor	55
Índice por jornal	57
Índice por ano	60

GASTAL, Ney. Salim Miguel: Florianópolis já foi uma cidade muito mais gostosa e simpática. **RS**. [s.l.], 10.11 fev. 1990. Entrevista.

Salin Miguel:

**Florianópolis já foi uma cidade
muito mais gostosa e simpática**

Entrevista a NEY GASTAL



Ele é um catarinense atípico. Pelo menos é um dos poucos ilhéus que encontrei em Florianópolis, nos dois dias em que já estive aqui, capaz de olhar para o forasteiro (qualquer forasteiro) com alguma simpatia. Não, afinal, Salin Miguel é mais do que um ilhéu. No tempo que passou fora daqui trabalhou nas maiores editorias brasileiras e criou uma revista literária que durou três anos. Acabou meio por

acidente e até hoje deixa saudades. Diretor da Editora da Universidade de Santa Catarina, fez dela uma das mais importantes casas editoras do Brasil, e esteve inclusive da editora da nossa FAFG. Sobre isto tudo, e, claro, sobre a sua Florianópolis, Salin fala nesta entrevista, feita em uma tarde agradável do verão catarinense em sua sala de trabalho na Universidade, bem longe da praia.

— Começemos com uma rápida apresentação...

— A pior pessoa para se apresentar é a gente mesmo. Mas gosto de dizer que sou basicamente jornalista. Embora com dez livros publicados, sempre chego a algum lugar me apresento como jornalista. E há seis anos dirijo a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

— No resto do mundo as pessoas publicam um livro e

Se apressaram a escrever, e não se dá lá título. Por quê?

— De muito jovem, quando publiquei meu primeiro livro, sempre me constrangi um pouco (atenção, constrangido) ao escrever coisas que me "envergonhar" em me apresentar como escritor. Hoje vejo rapazes com 17 ou 18 anos que têm a audácia que eu não tinha, não se envergonham de publicar, de pôr os seus artigos de opinião, de fazer críticas em jornais e revistas, sabem o que estão fazendo, não se envergonham.

— Mas não se envergonham de continuar dizendo que a imprensa é corrupta?

— Não. Formado em uma época romântica em que jornalista fazia de tudo. Não havia essa especialização de hoje. Fazia de tudo: de plantão de polícia até jornalismo econômico. Não sei se o jornalismo de então era melhor ou pior que o de hoje, mas certamente era muito mais divertido.

— Como fica o fato de um "jornalista" dirigir uma editora universitária?

Embora, ainda basicamente um jornalista, sempre com livros. Além de ter trabalhado com editores aqui de Santa Catarina, trabalhei com grandes editoras do Rio de Janeiro e participei de três das tais "Edições Sol", pioneiras na edição de livros aqui no estado, na Editora Fieiro, no Rio de Janeiro, que nem de livros publicou a revista "Fieiro", durante um tempo, com uma tiragem mensal de 15 mil exemplares, número bastante significativo para a época de 1976, quando eu estava aqui de férias de hoje. Então sempre trabalhei com livros, seja como escritor, seja como jornalista, já que durante mais de vinte anos fiz colunas e críticas literárias. Por isto, quando fui convidado para dirigir a Editora da UFSC, aceitei. Sem medo e sem nenhum desejo.

— Criaste "Ficção", uma revista que marcou época. Por que ela acabou?

Um único contrator brasileiro. Veque a revista acabou quando pensamos que estava se solidificando. Era um projeto de Cícero e Lara Sandroni. Igle Malheiros, o único editor, era eu. Nos reunimos e resolvemos fazer uma revista que se publicasse ficção ou temas ligados a ficção. Já saíamos tirando um mês mil exemplares e vendendo 10 mil. Quando chegamos ao terceiro mês de publicação, éramos uma realidade. Não tínhamos mais uma distribuidora, éramos nós. Não cobrávamos como uma distribuidora que nos cobrava, em cerca de 200 pontos de venda em todo o Brasil. Chegamos então a outra distribuidora e nos ofereceu 1200 pontos de venda. Nos escreveram, desta distribuidora e nos ofereceu 1200 pontos de venda. Nos escreveram, desta dis-

tribuidora, dizendo que diante do sucesso de "Ficção" ele variou o conceito de toda sua estrutura de distribuição para nós. Ficamos fascinados e embarcamos nesta canoa lançada para um deastre. Só para dar um exemplo, aquela banca da Praça da Alfândega, em Porto Alegre, vendia em torno de 250 a 300 exemplares da revista. Esta nova distribuidora não trabalhava com ela. Em Porto Alegre camos de um mês para outro, como a boca de distribuidora, de algo em torno de 600

Exemplares vendidos apenas 80. Foi assim em todo o Brasil. E com um detalhe: a distribuidora com que trabalhávamos antes nos devolia o encalhe (números não vendidos da publicação) e podíamos fazer volumes encadernados ou usá-los para venda em coleções, ou distribuição promocional. A nova distribuidora destruía o miolo da revista e nos devolia só a capa, para provar que aqueles números não haviam sido vendidos. O resultado disto tudo foi que passamos do pleno sucesso à extinção em pouco tempo. Quando parecia que "Ficção" estava se consolidando, ela acabou...

Deixou um buraco ainda aberto.

— Ah, sim. Fizemos um mapeamento da história recente do Brasil e vimos que lançamos dezenas de nomes novos, que hoje estão aí com destaque. O primeiro conto a nível internacional publicado por João Gilberto Noll saiu em "Ficção". Nosso correspondente em Porto Alegre era Moacyr Sallat. Na Bahia era João Ubaldo Ribeiro. Encontra-se estado tinhamos um nome representativo e procurávamos sempre lugar valores novos. O certo é que a revista teve um papel significativo no chamado "boom" do conto brasileiro do final da década de 70.

— A Editora da Universidade não seria o local perfeito para retomar aquele tipo de experiência?

— Hoje em dia não se sabe se é possível. Não sei se uma editora universitária teria como segurar uma barra destas. E, além disso, acredito que para uma publicação assim dar certo ela deve surgir em um dos três principais pólos editoriais do Brasil: Rio, São Paulo ou Porto Alegre. Livros, no Brasil, ainda hoje giram em torno destes três pólos.

— Dito por um catarinense, em Santa Catarina, não deixa de ser um elogio marcante. Porto Alegre tem mesmo ainda toda esta dimensão no mercado editorial?

— Tem. É uma tradição que vem do tempo da Globo. A Globo acabou mas surgiram outras editoras que se não têm o mesmo porte têm grande representatividade. O Rio Grande do Sul tem hoje mais de uma dezena de editoras, pelo menos duas outras delas com grande expressão nacional. Rio e São Paulo não têm, cada uma, muito mais do que isto. E Minas, com grande tradição literária, tem menos.

— Por que então a editora da Universidade de vocês, um estado muito menor, tem mais expressividade do que a nossa?

— Bem... Eu não sei... Não diria que tem mais expressividade...

— Há um ranking publicado pela revista "Leia" que registra isto. Não estou aqui querendo polemizar com as duas editoras. Apenas registro o resultado de um trabalho feito por um publicista especializado a nível nacional. Sérgio Gonçalves, diretor da Editora da UFSC, além de estar fazendo um bom trabalho e ser nosso amigo, é grande e fala alto o suficiente para que a gente não queira polemizar com ele. Mas a avaliação da "Leia" existe e está na imprensa. Como explicas seu resultado?

— Talvez por dois fatores. O primeiro é que havia um mercado produtor de bens culturais nesta área específica, em Santa Catarina, que não estava podendo ser aproveitado. Não tínhamos editoras que dessem vazão ao que está sendo produzido no estado, e publicar fora daqui é muito difícil. Quando a Editora da UFSC foi criada, duas ou três propostas foram apresentadas. A primeira foi a de incentivar a produção da Universidade, a segunda foi recuperar documentos antigos e a terceira foi incentivar o surgimento de novos valores em todas as áreas, dentro e fora da Universidade. Por isto a Editora está aberta a qualquer pessoa, seja de Santa Catarina ou de fora, que tenha um vínculo com o estado, pode apresentar um trabalho e ser publicada aqui. O outro fator que me referi inicialmente é que, como venho de uma área editorial da iniciativa privada, que precisa de retorno para continuar existindo, montei um esquema de distribuição que pode não ser excelente (afinal estamos no Brasil) mas é bastante eficiente. Trabalhamos em três linhas de distribuição e dos nossos títulos cerca de 60% estão esgotados, um bom número destes já em segunda edição e alguns deles até chegando a quarta edição. Então eu não diria que estamos fazendo um trabalho melhor que o da Editora da UFRJ, mas apenas que fazemos mais força, por estarmos em um estado que depende muito mais de sua editora universitária que o Rio Grande do Sul, onde a existência de muitas outras editoras torna a oferta, neste campo, muito maior.



Qual a posição exata da Editora da UFSC no contexto editorial brasileiro?

— A cada ano, no segundo semestre, "Leia" faz um balanço do desempenho das editoras no ano anterior. Existem hoje cerca de 800 editoras no Brasil. "Leia" extrai deste universo geral o grupo de cem editoras que tenham obtido melhor desempenho. Destas cem é feita uma tabulação, com dados como tiragens, livros publicados, primeiras edições, reedições, etc. Pelo quinto ano consecutivo estamos presentes nesta lista. Já estivemos em 44º lugar. Agora estamos em 57º, mas nunca saímos do grupo de 100. E no desempenho de 1988, publicado em 1989, apenas duas editoras universitárias fizeram parte do grupo: a Unicampi e a nossa. Mas acredito que no balanço a ser publicado este ano, relativo a 1989, vamos estar melhor situados. Afinal, em 1988 publicamos 26 títulos e em 1989 publicamos 53 títulos. Isto deve representar uma melhoria em nossa posição entre as 100 melhores editoras brasileiras.

— E também representa um considerável aumento de trabalho. O que me leva a uma pergunta que considero fundamental. Que incentivo para o trabalho pode ter alguém nesta ilha cercada de praias belíssimas por todos os lados?

É uma questão difícil de responder... Afinal, são 42 praias, de todos os tipos, para todos os gostos, praias cheias, praias vazias, praias calmas, praias agitadas. Trabalhar neste contexto é um desafio. Um desafio contra a tendência de deixar para amanhã o que pode ser feito hoje, um amanhã que não chega nunca. Aqui na Editora tive a sorte de encontrar apoio dos três reitores com quem trabalhei. Tenho também a sorte de contar com uma equipe pequena mas muito trabalhadora. Somos, no total, oito pessoas que tocam esta editora para frente, oito pessoas para coordenar e viabilizar a edição e distribuição de 53 títulos só no ano passado. Veja que todo mundo vestiu a camisa, bem como o

pessoal da gráfica da universidade, também altamente motivado a trabalhar nos projetos da editora, antes e principalmente agora, que a gráfica foi completamente reaparelhada. Tudo isto faz com que o esforço de resistir ao apelo das praias naturais da ilha seja compensado pelo prazer de pegar um original e seis meses depois chamar o autor e entregar-lhe o livro em que se transformou aquele seu trabalho.

— Apesar de catarinense, passaste tanto tempo fora daqui que provavelmente tens uma boa visão externa da ilha de Florianópolis. Brinca agora de ser turista e diz o que recomenda para quem está agora fechando as malas e se preparando para vir passar uns dias por aqui?

— Sou um saudosista, sem ser daquelas pessoas que se amarram ao passado para dizer que tudo antes era melhor. Mas que Florianópolis era uma cidade muito mais gostosa, muito mais atraente antes desta coisa desbragada do "boom" imobiliário, ah, isto era. Era uma cidade de casario colonial, uma cidade onde a gente podia circular sem maiores preocupações. Mas ainda hoje ela continua a ter atrativos. O que não inclui o turismo predatório que se faz por aqui. Florianópolis não tem infra-estrutura para este volume de turismo, como bem pode avaliar qualquer um que aqui chegue. Resultado: a população já não tem mais paciência e a tranquilidade que tinha antes no trato com o turista. Este, aliás, é um fenômeno que acontece até mesmo em países do primeiro mundo, quando o fluxo turístico é incrementado. A diferença é que nestes lugares existe uma infra-estrutura compensatória, e aqui não. Daqui há meia dúzia de anos, se continuar assim, todas as praias vão estar poluídas...

— Ai se incluindo a poluição sonora destas detestáveis caixas de som e alto-falantes que vomitam música de baixíssima qualidade à beira-mar...

— Exato! Poluição de todos os tipos. Dos automóveis,

das águas onde já não se pode mergulhar e de seus alto-falantes que impedem até as pessoas conversarem. E falta segurança, a falta disciplinar o fluxo turístico, falta criar um programa turístico de ano inteiro. Esta sazonalidade turística é péssima, torna a vida na cidade completamente louca. Você não imagina o que sobem os preços por aqui quando se aproxima a temporada, preços que, é claro, não baixam quando ela termina e tornam a subir dez meses depois, com a chegada da próxima temporada. Isto, somado ao contexto de crise da economia brasileira, torna o custo de vida em Florianópolis quase insustentável para seus habitantes, que, por isto, começam a ver o turista com alguma má vontade.

Mas o turista vem, mesmo contra vontade dos nativos. E daí, que conselhos dá a estes aventureiros?

— Cuidado. Que evitem os fins-de-semana. Que pesquise bem os hotéis. Em dezembro estive aqui um amigo meu que pagou de diária em um hotel de Canasvieiras a quantia de NC\$ 350,00. Agora em janeiro ele voltou (note bem, pouco mais de 30 dias depois) e lhe cobraram NC\$ 2.200,00. De trezentos e cinquenta para dois mil e duzentos é diferença que inflação alguma justifica em 30 dias. E tudo aqui é feito na base do dólar. Nem BTN existe mais. Agora é tudo dólar. Então recomendo que as pessoas se informem muito bem antes de virem para cá e não se arrisquem a vir, principalmente em fins-de-semana, sem saberem onde e como vão ficar. O risco de assalto é muito grande. Pois isto que hotéis e restaurantes de Florianópolis estão cobrando é um verdadeiro assalto. Um assalto tão violento e imoral quanto aqueles feitos pelos trombadinhas nas ruas das grandes cidades brasileiras.

002: Letra viva volta com Salim Miguel

LETRA viva volta com Salim Miguel. **Jornal de Santa Catarina**. Florianópolis, 23 mar. 1990, pag. 20. Lazer e Cultura.

Letra Viva volta com Salim Miguel

BLUMENAU — A literatura volta com força total à pauta cultural de Blumenau com o retorno do Projeto Letra Viva. O primeiro palestrante do ano será o escritor e crítico Salim Miguel, que abordará sua produção literária e sua atuação junto à Editora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). O evento, que abre a agenda do projeto na década, acontece hoje, às 20 horas, no Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau (rua 15 de Novembro, 161, prédio da antiga prefeitura).

O Letra Viva iniciou em julho do ano passado a partir de uma idéia gerada pelo Cael (Centro Acadêmico dos Estudantes de Letras da Furb — Universidade Regional de Blumenau). Muitos poetas e escritores blumenauenses de destaque, ou emergentes, já passaram por uma das noites do projeto. Entre eles estão: Salete Delourdes, Roberto Saut, Sidney Mafra, Vilson Nascimento, Marcelo Ricardo D'Almeida, Marcelo Rafael Rech e Regina Ballmann.

Além do Departamento de Cultura e do Cael, apóia o projeto a Fundação "Casa Doutor Blumenau", principal editora de livros da cidade. Para 1990, certamente, a maior tarefa dos organizadores do Letra Viva será, justamente, tornar "vivo" o projeto, que como outros tantos eventos culturais sofre com a falta de público. O obstáculo é reconhecido por seus realizadores que pretendem popularizar ainda mais a iniciativa literária.

O PALESTRANTE

Salim Miguel é um pesquisador da literatura hispano-americana e

considera Juan Rulfo um dos maiores expoentes deste filão literário. Nos dois últimos anos, o diretor da Editora da UFSC lançou quatro livros. "A Vida Breve de Sesefredo das Neves Poeta", um romance lançado em 88 pela Editora Tchê, de Porto Alegre; "As Areias do Tempo", um livro de contos, pela Global de São Paulo; "As Várias Faces", uma novela em três atos; e "O Castelo de Frankenstein", uma coletânea de apontamentos sobre autores e livros.

A editora que dirige já possui oito anos de atividades, com mais de 300 títulos lançados e 50% das suas edições esgotadas. Entre as mais de 100 editoras universitárias do País, a da UFSC ocupa a destacada terceira posição em qualidade e quantidade de obras e autores lançados.

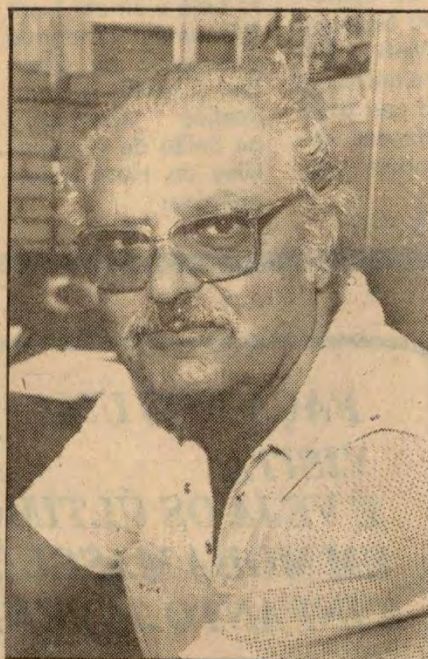


Foto de Arquivo/JSC

S. Miguel, da Editora da UFSC

003: J.O. Universidade

J.O. Universidade. **J.O.Informa**. Rio de Janeiro, out./Nov.1990, pag. 02. Entrevista com Salim Miguel.

J.O. UNIVERSIDADE



Salim Miguel, jornalista, autor e diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, desde cedo esteve ligado aos livros. Foi dono de gráfica, livraria, distribuidora e editora, escreve sobre livros e escreve livros. Autor de várias obras publicadas, ele esclarece o papel das editoras universitárias para o **J.O.Informa**.

JOI - Como e por que surgiu a editora universitária?

SM - A editora universitária não é uma invenção do Brasil. Num país como o nosso, torna-se mais necessária. Atua basicamente em três segmentos: textos importantes de custo elevado e retorno lento; resgate de documentos de valor histórico; e incentivo de novos talentos. É indispensável que esteja aberta para a comunidade em geral, proporcionando um processo de integração comunitária. A nossa produção vem crescendo a cada ano e em 1989, entre livros e revistas, foram publicados 53 títulos. Este ano, com toda a crise financeira, já publicamos mais de trinta títulos.

JOI - Como uma editora universitária lida com a divulgação?

SM - Faz-se o (im)possível, diante da precariedade de espaço nos órgãos de comunicação: lançamentos, *release* para imprensa, mala direta...

JOI - A editora está aberta a convênios, à participação de empresas, ou está restrita a repasse de verbas?

SM - Aberta a convênios, mas não conta com repasse de verbas, somente com a infra-estrutura de apoio da universidade.

JOI - Quanto aos temas, a editora se restringe aos interesses universitários ou às necessidades do mercado?

SM - Ela está sempre voltada para projetos culturais e também atenta às necessidades do mercado, embora trabalhe mais com séries didáticas, livros-texto e revistas semestrais.

JOI - Poderia fazer uma breve avaliação sobre o público leitor universitário?

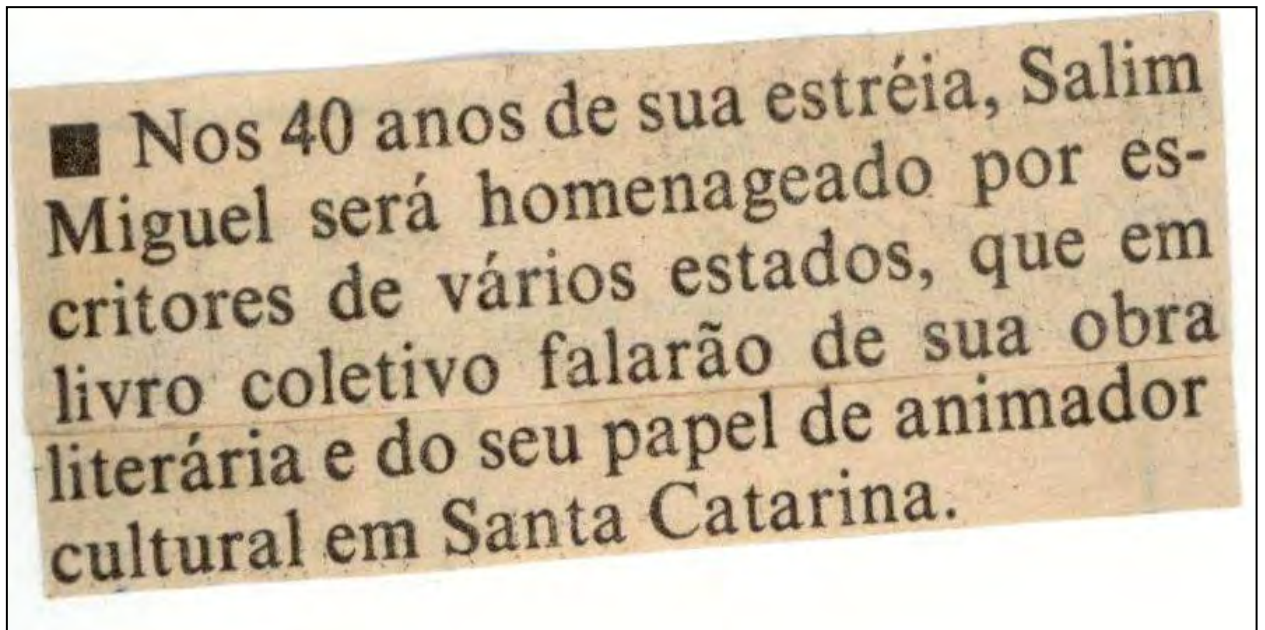
SM - Não creio que se diferencia dos demais. Deveria. Mas a leitura, entre nós, é por vezes um luxo. E seu índice não acompanha o crescimento populacional. Embora a meu ver nada substitua o fascínio da leitura, outras solicitações, mais epidêmicas, afastam o jovem do livro.

JOI - Qual é a sua opinião sobre as editoras nacionais?

SM - As editoras nacionais, universitárias ou não, lutam enfrentando num país do Terceiro Mundo dificuldades de toda ordem, porque não se tem uma infra-estrutura educacional.

004: Nota sobre Salim Miguel

PONTES, Mário. [Nota sobre Salim Miguel] Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 15 jun. 1991, idéias/livros, pag. 02.



005: Salim Miguel

SALIM Miguel. **Jornal de Santa Catarina**. Florianópolis, 06 set.1991, Lazer e Cultura.

Salim Miguel

O escritor catarinense Salim Miguel estará participando de 1º a 4 de outubro, do 1º Encontro de Professores de Literaturas Africana de Língua Portuguesa que vai reunir estudiosos e escritores no Brasil, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau.

Lá ele estará relatando o intercâmbio pioneiro entre a Revista Sul, de Florianópolis e os intelectuais africanos, nos anos 50.

006: Título para Salim Miguel

TÍTULO para Salim Miguel. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 17 set. 1991, Visor, pag. 02.

Título para Salim Miguel



O escritor e jornalista Salim Miguel, que completa 40 anos de literatura, receberá o título de cidadão honorário de Santa Catarina, proposto pelas lideranças de todos os partidos na Assembleia Legislativa. Libanês de nascimento, Salim foi um dos precursores do Movimento Sul, que equivaleu à Semana de Artes Modernas no Estado. Autor de vários livros, é considerado um dos maiores conhecedores da literatura brasileira e portuguesa.

007: A propósito de Salim Miguel

PEREIRA, Francisco José. A propósito de Salim Miguel. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 09 out. 1991, pag.03.

A propósito de Salim Miguel

FRANCISCO JOSÉ PEREIRA

Jornalista e escritor (*)

As lideranças dos partidos com representação na Assembléia Legislativa subscreveram projeto de lei que concede o título de Cidadão Catarinense a Salim



Miguel. Escritor brilhante, é reconhecido nacionalmente como a mais destacada figura da moderna literatura catarinense. Essa honraria, se concedida, enaltecerá quem a recebe mas, neste caso, também dignificará quem a outorga.

Salim Miguel personifica, como nenhum outro, o denominado Movimento Sul, que, em fins dos anos 40, revolucionou definitivamente as letras e as artes em Santa Catarina. Embora com atraso, eram então os ecos da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, que chegavam ao Estado.

A criação do Círculo de Arte Moderna, primeiro, e a edição da Revista Sul, logo depois, simbolizam os marcos desse movimento renovador, a partir do qual e sob sua inspiração - se intensificaram, sob novas concepções estéticas, as exposições de pinturas, passaram a ser mais frequentes as palestras e conferências sobre artes, ganharam novos impulsos o desenho e a gravura, nasceu o primeiro clube de cinema e intensificou-se o movimento teatral.

Assim como a Semana de Arte Moderna no plano nacional, o Movimento Sul também desvendou, no Estado, um quadro culturalmente ultrapassado e apático: iconoclasta, inconformado com a pasmaceira provinciana, o movimento provocou muita indignação

mas, sobretudo, encantamento.

Ainda que Santa Catarina jamais houvesse se caracterizado por uma intensa vida artística e literária, já havia, no entanto, contribuído para o patrimônio cultural do País com nomes como Cruz e Sousa e Luís Delfino na poesia, Virgílio Várzea na prosa e Victor Meirelles na pintura. Em âmbito mais restrito, gerações mais próximas ao surgimento do Movimento Sul deram nomes como Oswaldo Rodrigues Cabral na pesquisa histórica, Martinho de Haro na pintura e Othon Gama D'Eça na literatura. Salvo naturais omissões, pouco mais havia.

Seria injusto omitir nomes que estiveram no processo de formação e nos primeiros anos de vida do Movimento Sul, como os de Aníbal Nunes Pires, Eglê Malheiros, Walmor Cardoso da Silva, Ody Fraga, Guido Wilmar Sassi, Élio Ballstaed, Aldo Nunes, Meyer Filho, Hassis, Hugo Mund, Osvaldo Ferreira de Mello (filho), Silveira de Souza e outros, como seria igualmente injusto negar a Salim Miguel o papel de principal organizador do Movimento e seu divulgador no país e no exterior. Também foi o pioneiro: o primeiro romance dessa nova fase das letras catarinenses, *Rede*, é de Salim Miguel, e dele, com Eglê Malheiros, é o roteiro do primeiro filme catarinense, *O Preço da Ilusão*.

Nascido libanês e naturalizado brasileiro em 1951, faltava a Salim Miguel a cidadania catarinense que, agora, deverá lhe conceder a Assembléia Legislativa do Estado. A comunidade, como forma de antecipado reconhecimento, desde muito já o fez.

(*) Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Salim Miguel

Está aberta no hall da Biblioteca Pública do Estado uma exposição que assinala os 40 anos de estréia literária do escritor Salim Miguel.

Ele foi considerado um dos renovadores do conto no Brasil e merecidamente se destacou em todas as suas atividades, principalmente no jornalismo.

A exposição pode ser vista até o dia 20 deste mês.

009: Dedicção reconhecida

DEDICAÇÃO reconhecida. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 11 nov. 1991. Variedades.

▼ LANÇAMENTO

Dedicção reconhecida

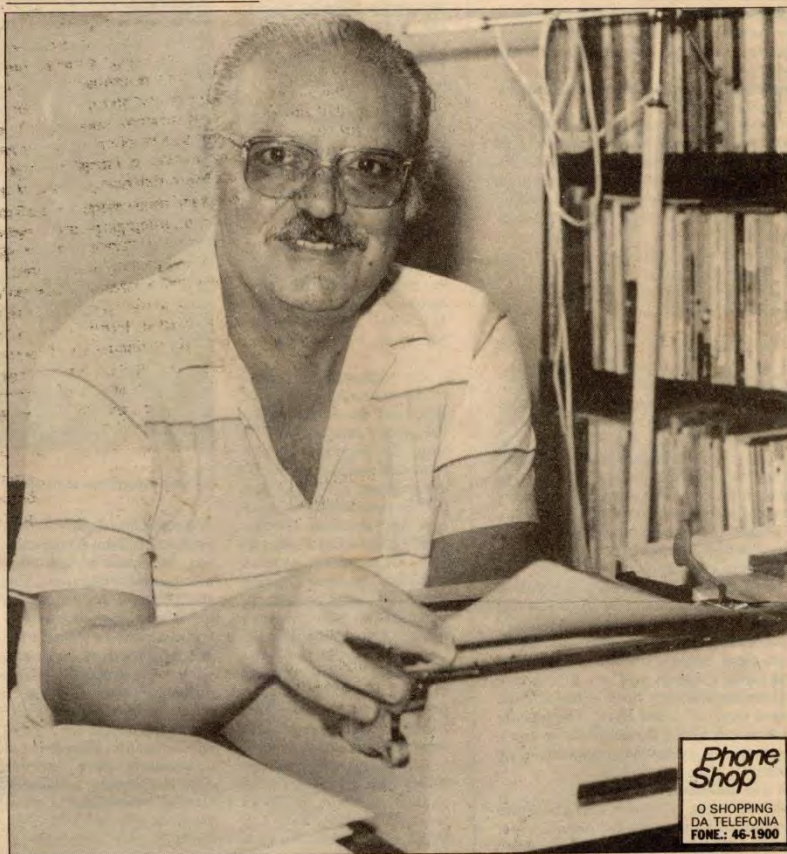
Salim Miguel autografa amanhã, às 20h30min no Reçaca, o livro em sua homenagem, organizado por Iaponan Soares

Coerência literária

Florianópolis - Dois nomes dos mais representativos da literatura catarinense estarão juntos no Reçaca, amanhã, para uma sessão de autógrafos. Iaponan Soares, que organizou o livro *Salim Miguel - Literatura e Coerência*, resolveu compilar depoimentos de outros intelectuais sobre um dos idealizadores do Circulo de Arte Moderna, movimento inspirado na Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, que apenas em 1947 deu o ar da graça em Florianópolis. "Salim Miguel faz parte desse grupo de renovação do conto brasileiro, quase todo ele formado por escritores nascidos na província", disse o autor de *Ao Redor de Cruz e Sousa*:

Iaponan Soares presta uma homenagem ao trabalho de Salim Miguel, hoje com 67 anos de idade, através da análise de Antônio Hohlfeldt, Edda Arzúa Ferreira, Tânia Regina Oliveira Ramos, Janete Gaspar Machado, Sílvia de Souza, Mariléia B. de Souza, Raul Antelo, Tânia Macedo, Guido Wilmar Sassi, Alcides Buss, Mário Pontes, Cicero Sandroni e por ele próprio, Salim Miguel. O atual diretor de arte da Fundação Catarinense de Cultura, Iaponan Soares, justifica que a obra de Salim Miguel para Santa Catarina tem especial significado: "Pois é da realidade catarinense que o escritor fala em seus livros".

Atualmente, Salim Miguel tem muitos projetos em



Phone Shop
O SHOPPING DA TELEFONIA
FONE.: 46-1900

DANIEL CONZI/DC/Florianópolis

O escritor Salim Miguel, 67 anos, é considerado um dos renovadores do conto brasileiro

vista. Dois de seus últimos romances estão em São Paulo aguardando data para publicação. Enquanto isso, ele já pensa nos projetos que têm pela frente. O primeiro é a terceira edição de suas críticas literárias, e o segundo uma reunião de contos. Existe um terceiro, que só

deverá ser conhecido do público em 1995. Salim Miguel adiantou que se trata da imigração libanesa para o Sul do Brasil, com passagens em Santa Catarina,ológico, e Rio Grande do Sul. "Este projeto está na fase das anotações", fez questão de frisar o escritor.

■ FICHA TÉCNICA

Título: *Salim Miguel - Literatura e Coerência*
(154 páginas)
Por: Iaponan Soares
Editora: Lunardelli
Apoio Cultural: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

010: Livros: Salim Miguel - literatura e coerência

LIVROS: Salim Miguel - literatura e coerência. **O Estado**. Florianópolis, 12 nov. 199. Nota [roteiro].

LIVROS



Salim Miguel — Literatura e Coerência — Hoje, às 20h30

min haverá coquetel de lançamento do livro "Salim Miguel — Literatura e Coerência", volume de ensaios organizado por Iaponan Soares e publicado pela Editora Lunardelli. Na oportunidade, Salim Miguel estará autografando seu último livro: "A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta e outros, Restaurante Reçaka (Av. Rubens de Arruda Ramos — Beira-Mar Norte).

011: Quarenta anos de vida literária: escritor Salim Miguel recebe homenagem na biblioteca pública de Florianópolis

QUARENTA anos de vida literária: escritor Salim Miguel recebe homenagem na biblioteca pública de Florianópolis. **A Notícia**. Florianópolis, 12 nov. 1991. Variedades.

Quarenta anos de vida literária

■ *Escritor Salim Miguel recebe homenagem na Biblioteca Pública de Florianópolis*

Florianópolis — O escritor Salim Miguel está comemorando os 40 anos de sua estreia literária, com “Velhice e outros contos”, em 1951. Dois eventos marcam esta data significativa para a literatura catarinense: uma exposição de suas obras, fotos e publicações diversas, até o dia 20 na Biblioteca Pública do Estado, e o lançamento de “Literatura e coerência”, volume dedicado a Salim Miguel e organizado por Iaponan Soares. A edição do livro, ilustrado, é da editora Lunardelli, com o apoio da Fundação Catarinense de Cultura.

O lançamento de “Literatura e Ocorrência” acontece nesta terça, às 20h30min, no restaurante Reçaka. Durante a noite literária, Salim Miguel autografa seus últimos livros — “A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta” (editora Tchê), “A areia do tempo” (Global Editora) e “O castelo de Frankenstein — volume 2” (EdUFSC/Lunardelli). Segundo o organizador da obra sobre Miguel, ela resgata tanto o escritor quanto o animador cultural, seja como li-



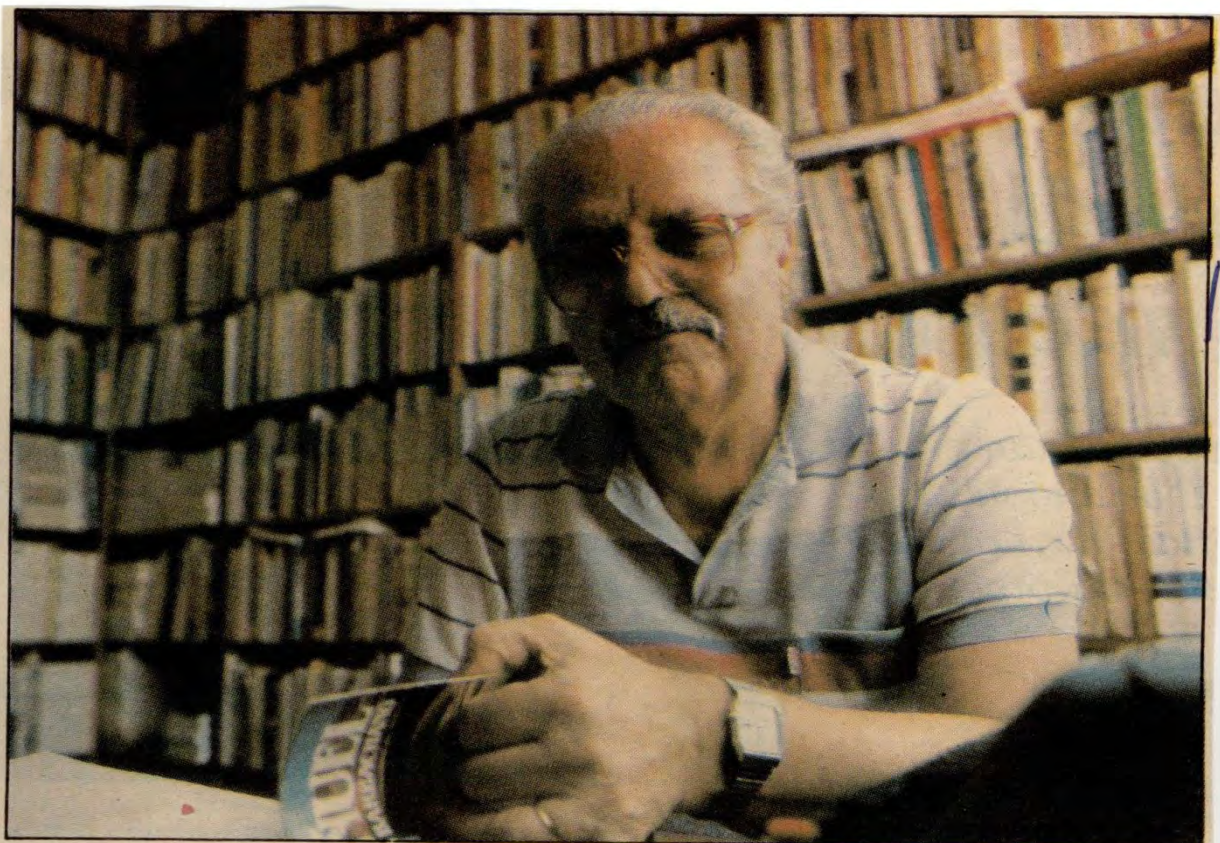
Salim Miguel estará autografandoos seus últimos livros

der de grupo Sul, com o criador da revista Ficção no Rio de Janeiro nos anos 70 ou como um literato preocupado com a abertura de espaço para novos autores.

O livro inclui colaborações de Alcides Buss (o novo diretor da Editora da UFSC depois sobre a gestão de seu antecessor), Antonio Hohlfeldt, Edda Arzua Ferreira, Janete Machado, Tania Macedo e Tania Regina Ramos (todos com textos críticos), Cícero Sandroni (sobre a ficção do autor), Guido Wilmar Sassi (como “companheiro de jornada literária”, segundo Soares), Mario Pontes (sobre o animador cultural Salim Miguel) e Paul Antelo (abordando a revista Sul e sua relação com os países do Prata). Iaponan Soares, que também assina a apresentação do livro, observa que Miguel esteve “na linha de frente da renovação do conto brasileiro”, trazendo inovações “de ordem conteudística e técnica”, ao lado de nomes como Clárice Lispector, Dalton Trevisan e Murilo Rubião, entre outros.

012: O que scandaliza você?

LEITE, Pedro. O QUE scandaliza você?. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 17 nov. 1991, Revista DC, pag. 07.



CLEIDE DE OLIVEIRA/DC/Florianópolis

Aos 67 anos, o escritor Salim Miguel garante que fica horrorizado com a miséria

■ O QUE ESCANDALIZA VOCÊ?

☐ Salim Miguel, 67 anos, escritor - A miséria e a crise que o País atravessa.

013: Nossa memória seletiva de 98: cultura sem unanimidade

PIENIZ, Gleber. Nossa memória seletiva de 98: cultura sem unanimidade. **A Notícia**. Florianópolis, 31 dez. 1998 e 01 jan. 1999, pag. 1. Anexo.

Salim Miguel

Desde as primeiras manifestações da literatura, a “Cidade Natal” e o “Rio que Corre por Minha Terra” foram referências constantes de muitos poetas e escritores. O romancista e contista Salim Miguel, um dos mais conhecidos da literatura catarinense, segue uma linha parecida. Em quarenta anos de atividade, Salim inspirou-se na maioria dos enredos de seus livros publicados, em Biguaçu, município em que passou sua juventude e de onde extraiu, do cotidiano da cidadezinha provinciana, uma ficção singular, porém cheia de inquietações inspiradas nos dramas humanos universais.

O escritor nasceu no Líbano, em 1924. Três anos depois, a família, que estava indo para os Estados Unidos, resolveu imigrar para o Brasil. Em 1928, eles chegaram a Santa Catarina, fixando-se três anos depois no município de Biguaçu, a 15 quilômetros ao norte de Florianópolis, onde moraram até 1943.

Salim Miguel iniciou-se na literatura muito cedo, escrevendo pequenos textos e lendo bastante. O escritor tinha amizade com um poeta cego, o dono da livraria de Biguaçu, com quem passava longas horas lendo romances em voz alta para ele. O cego, como também muitas outras pessoas que vão desde o prefeito da cidade na época até um carismático preto velho que frequentava o pequeno armazém

de seu pai, inspiraram Salim em suas obras. “Há escritores que imaginam cidades inteiras que não existem. Quando a mim, adaptei Biguaçu e a sua gente à minha literatura”, explica.

Grupo Sul

Em 1943, mudou-se para Florianópolis. Salim Miguel e outros vinte e dois intelectuais formam, em 1947, o Grupo Sul. Era uma associação de escritores e artistas que se uniram visando divulgar arte numa estética de vanguarda. Eles editaram uma revista com arrecadações das peças teatrais que encenavam ou com patrocínio que conseguiam. Produziram o primeiro longa metragem do cinema catarinense: “O Preço da Ilusão” (1957). O roteiro foi escrito por Salim e sua esposa, a poetisa, tra-



Salim Miguel

dutora e também participante do Grupo Sul, Eglê Malheiros. Salim já roteirizou três filmes e três documentários.

A Associação finalizou suas atividades em 1957. Conta Salim que dois cineastas estão planejando produzir, talvez neste ano, um documentário sobre o Grupo Sul, um dos mais importantes da história da cultura catarinense.

Obras

O primeiro livro de Salim foi publicado em 1951, “Velhice e Outros Contos”. O primeiro romance, “Rede”, veio em 1955. De todas as suas obras, ele publicou três romances e seis livros de contos. Na gaveta de sua escrivaninha, Salim tem dezenas de trabalhos datilografados, entre os quais um livro inédito, que está numa editora que talvez não pu-

blique o material por causa da crise econômica. As tiragens das obras de Salim, como as de outros escritores brasileiros, não passam de dois mil exemplares.

Identificação

Ano passado, já aposentado e vivendo com a esposa próximo à Universidade Federal de Santa Catarina, cuja editora dirigiu, Salim Miguel completou não só quarenta anos de jornalismo, sua profissão, como também comemorou o lançamento de seu primeiro livro, quatro décadas atrás. A marca de sua carreira literária é a constante referência a Biguaçu. Como todos os prosadores, a referência à terra natal, mesmo adotada e num país em que não nasceu, é a sua identificação perante o mundo.

014: Salim Miguel

SALIM Miguel. **A Folha da Cidade**. Florianópolis, jun. 1992, pag.06, ano2. nº 14. Mosaico.

Florianópolis

/// Deputado Otávio Gilson dos Santos, presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina está convidando para a sessão solene a realizar-se às 19 horas de hoje, no plenário do Palácio Barriga-Verde. Na oportunidade será entregue o título de Cidadão Catarinense ao sr. Salim Miguel.

015: Florianópolis

HOEMKE, Neusa Manzke. FLORIANÓPOLIS. **Jornal de Santa Catarina**. Florianópolis, 27/mai/92, Lazer e Cultura, pag. 19.

Florianópolis

/// Deputado Otávio Gilson dos Santos, presidente da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina está convidando para a sessão solene a realizar-se às 19 horas de hoje, no plenário do Palácio Barriga-Verde. Na oportunidade será entregue o título de Cidadão Catarinense ao sr. Salim Miguel.

016: Salim Miguel recebe homenagem: Assembléia Legislativa concede-lhe hoje o título de Cidadão catarinense

RATES, Zeni. Salim Miguel recebe homenagem: Assembléia Legislativa concede-lhe hoje o título de "Cidadão catarinense". **A Notícia**. Joinville, 27 maio 1992, Variedades, pag.29.

Salim Miguel recebe homenagem

■ *Assembléia Legislativa concede-lhe hoje o título de "Cidadão Catarinense"*

Zeni Rates

Florianópolis — Não fosse a necessidade de sobrevivência e ele teria dedicado toda sua vida aos livros, à literatura, ou quem sabe, ao cinema. Mas diante da certeza de que não ganharia o suficiente para viver com qualquer uma dessas atividades, Salim Miguel optou por uma terceira carreira, a de jornalista. Durante 40 anos ele exerceu essa atividade, primeiro em Florianópolis, depois no Rio de Janeiro, retornando para Florianópolis no final da década de 70. Hoje aposentado ele pode dedicar-se finalmente a ler e escrever. Hoje, às 20 horas, Salim Miguel vai ser homenageado pela Assembléia Legislativa com o título de "Cidadão Catarinense".

Salim Miguel que possui 11 livros publicados — nove de ficção e dois de crítica literária — desde a década de 40 teve ativa participação na vida intelectual de Santa Catarina. Foi um dos principais integrantes do Grupo Sul que deu impulso decisivo ao desenvolvimento do teatro, do cinema, das artes plásticas e da lite-

ratura em Florianópolis.

No período de 65 a 79 morou no Rio de Janeiro onde trabalhou na Revista Manchete, e como redator-chefe da revista Tendência, além de fazer crítica literária para o Jornal do Brasil. Ainda no Rio, no período de 76 a 80, junto com sua mulher, a escritora Eglê Malheiro, companheira da época do Grupo Sul, dirigiu a revista Ficção, dedicada à literatura.

Em 79 decide retornar a Florianópolis, passando a atuar na direção da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde se aposenta em 1982.

O cinema foi sempre outra paixão de Salim Miguel. Como membro do Grupo Sul foi um dos integrantes do elenco que produziu o único longa metragem da história cinematográfica de Santa Catarina, "O Preço da Ilusão". Filmado em 1957, com atores de Santa Catarina, tinha argumento de Salim Miguel e Eglê Malheiros. Salim foi também o responsável pelos diálogos. As cópias desse filme infelizmente foram perdidas em São Paulo e hoje restam apenas os 15 minutos da sequência final do filme.

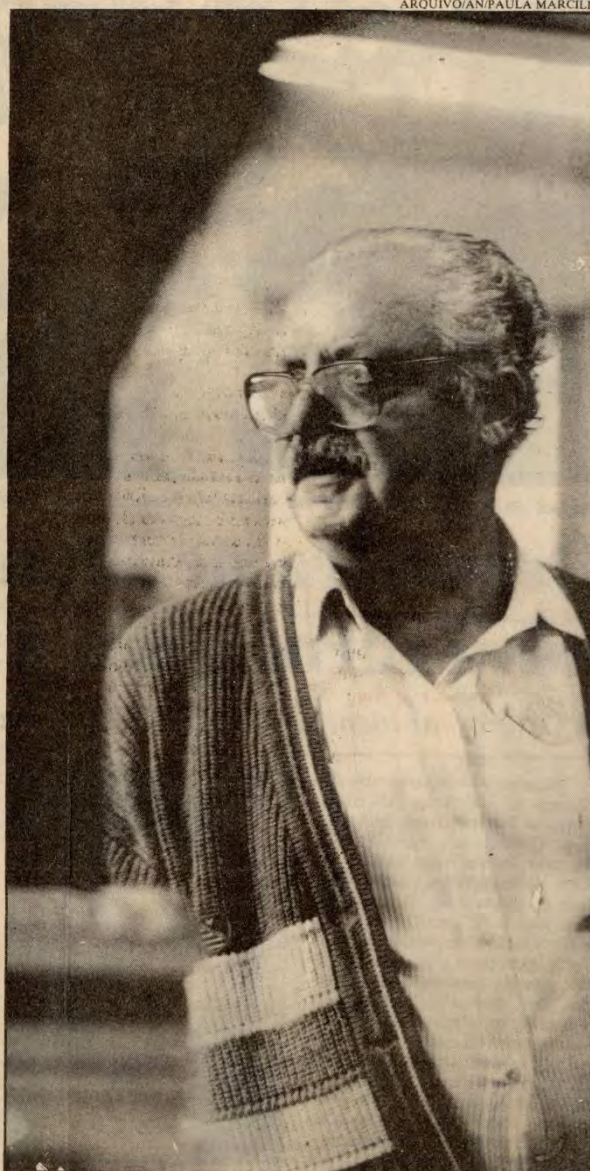
As boas novas do escritor

No momento Salim Miguel aguarda a publicação de seu mais recente trabalho, a novela "As Várias Faces", que está sendo examinado pela Oficina de Livros, uma nova editora de São Paulo que apesar do interesse demonstrado pela obra, ainda não deu a palavra final sobre sua edição. No caso de aprovação, a obra poderá ser publicada até o final do ano.

A indecisão da editora não representa qualquer dúvida quanto à qualidade do trabalho literário de Salim Miguel. É apenas o reflexo da crise no setor cultural. "Há editoras devolvendo os origi-

nais aos seus autores com contrato assinado e tudo", revela o escritor.

Para Salim Miguel, a crise no setor literário — a edição média de um livro no Brasil hoje é de três mil exemplares, a mesma da década de 20 —, é estrutural. Sua solução, argumenta Miguel, passa pela resolução das questões estruturais do país, como garantir o atendimento às suas necessidades básicas. "Sem essa mudança não há solução", acrescenta, lembrando que se antes as pessoas já liam pouco, hoje lêem menos ainda.



Salim Miguel, um importante nome do cenário literário de SC

DIVULGAÇÃO

017: De Cruz e Souza a Salim Miguel

JUNKES, Lauro. De Cruz e Souza a Salim Miguel. **A Notícia**. Florianópolis, 15 mar. 1992, Literatura, anexo, pag. 05.

Literatura

ARQUIVO AN PALLA MARCILLI



O escritor Salim Miguel e o poeta simbolista Cruz e Sousa, nomes que marcam a produção literária de SC

De Cruz e Sousa a Salim Miguel

Lauro Junkes

A vida literária compreende todo um dinâmico processo de circulação, fermentação, infundível e diversificada fecundação das idéias literárias no contexto social. O ato de escrever e a publicação da obra constituem passos desencadeadores, mas o processo é muito mais amplo. A contribuição do pesquisador e do crítico têm sua importância e por vezes se torna essencial, como demonstram os dois trabalhos de Iaponan Soares a seguir apresentados.

Para marcar proveitosamente a passagem dos 40 anos da publicação do primeiro livro de Salim Miguel, Iaponan Soares coordenou um conjunto de estudos que examinam a variada contribuição literária desse escritor, nas suas facetas de contista, romancista, crítico, animador cultural. Como o nome e a atividade de Salim Miguel são indissociáveis do mais profícuo movimento cultural do Estado — o Grupo Sul — falar de Salim implica referir-se ao fermento agitado daquela geração. Diversos são os colaboradores deste estudo-homenagem, apresentando primeiramente uma releitura da sua “obra literária” e posteriores observações mais gerais sobre sua “atividade cultural”.

Antônio Hohlfeldt abre o volume com uma análise dos romances de Salim, inclusive um inédito, desvelando suas interrelações com a realidade social e sua pericla estruturadora. A seguir, Edda Arzua Ferreira demonstra como as narrativas curtas de Salim marcam uma “ruptura com o conto tradicional”. Citando os demais volumes de contos, atém-se particularmente a “A Morte do Tenente e Outras Morte”, como sua melhor realização técnica, destacando como texto representativo “As queridas velhinhas”. O enfoque monográfico de Tânia Regina Oliveira Ramos rasgou a força poética das memórias no conto e romance, desvelando as projeções do real histórico e pessoal através do imaginário e literário. Janete Gaspar Machado não poupa louvores ao Salim crítico em “A metáfora do Castelo”. Encerra a primeira parte “uma entrevista” concedida em 1989 por Salim a Sílvia de Souza e Mariléia B. de Souza, que conduzem com perspicácia o processo maiêutico, oportunizando revelações significativas do escritor.

Quanto à “atividade cultural”, Raul Antelo introduz reflexões muito ponderadas sobre a complexidade do conceito de “moderno”, sempre buscado pelo Grupo Sul. A doutoranda Tânia Machado desvela o diálogo dos jovens brasileiros da Sul com os escritores africanos, na opressão do colonialismo. Guido W. Sassi sintetiza um histórico do Grupo Sul e marca sua própria inserção no mesmo. O poeta Alcides Buss traça um acurado panorama da frutuosa atuação de Salim frente à Editora da UFSC. Mário Pontes e Cicero Sandroni comparecem com depoimentos pessoais sobre a pessoa e o escritor-editor Salim Miguel. Finalmente, num precioso “Depoimento”, o próprio Salim revela sua visão do desenvolvimento e da força renovadora do Grupo Sul. Cronologia, bibliografia e iconografia completam este volume comemorativo.

★ ★ ★
Organizada pelo empresário-auditor-ator Moreira de Vasconcelos, apresentou-se, em 1882, nos palcos da então Desterro a “Companhia dramática Julieta dos Santos”, arrancando admiração e entusiasmo geral pela genialidade da atrizinha de 10 anos incompletos. Três jovens “projetos” de escritores não contiveram seu arrebatamento poético e cantaram os dotes da atrizinha: João da Cruz e Souza, Virgílio Várzea e Santos Lostada — o que marcou, de fato, a estreia literária dos dois primeiros, em 1883, com a polianência “Julieta dos Santos — Homenagem ao Gênio Dramático Brasileiro”. Por mais de um século esquecido e desaparecido, os pesquisadores Ubiratan Machado e Iaponan Soares possibilitaram, através da Editora da UFSC, uma “edição fac-similar do livrinho, resgate precioso das origens primeiras do nosso genial poeta simbolista.

O romantismo juvenil dos poetas extravazava-se em imagens altissonantes, históricas, mitológicas, literárias, na esteira condoreirista de um Victor Hugo ou Castro Alves e em extasiamento pouco realista. Mas se esse astro-sol-cometa do palco (imagens recorrentes nos poemas em relação a Julieta) se ofuscou tão rapidamente, os escritores desabrocharam posteriormente no criador e gênio do Simbolismo brasileiro (Cruz e Souza) e no pioneiro da prosa marinista latino-americana (Virgílio Várzea). Daí a relevância do resgate destes seus primeiros vagidos literários. Graças ao pesquisador e crítico Iaponan Soares, o leitor catarinense pode melhor conhecer nossa produção literária, desde Cruz e Souza até Salim Miguel.

Lauro Junkes é crítico literário em Santa Catarina

018: Salim Miguel, 74 anos, jornalista e escritor. In: OLIVEIRA, Mauricio. Data estimula planejamentos

SALIM Miguel, 74 anos, jornalista e escritor. In: OLIVEIRA, Mauricio. Data estimula planejamentos. **AN Capital**. Florianópolis, 31 dez. 1998 e 01 jan. 1999, pag. 08.



LUZES No ano que vai nascer, algumas pessoas querem justiça social e cura para a aids



1. Salim Miguel, 74 anos, jornalista e escritor
2. Neusa Macedo Lobato, 34 anos, telefonista
3. Tercília dos Santos, 45 anos, artista plástica
4. Valmir Lemos, 47 anos, comandante da Polícia Militar de Santa Catarina
5. Nilson Nelson Machado, 38 anos, carnavalesco e vereador
6. Leonardo Nienkötter, 20 anos, piloto de corridas
7. Michelle Gonçalves de Souza, 21 anos, estudante de fisioterapia e miss Santa Catarina 99
8. Lédia Conceição da Rosa, 38 anos, dona-de-casa

Data estimula planejamentos

No dia da passagem do ano, muitos fazem um balanço do passado e criam expectativas em relação ao futuro; mas outros preferem deixar o tempo correr sem fazer planos

MAURICIO OLIVEIRA

A no novo, vida nova. A maioria das pessoas considera que o período de 12 meses é ideal para um "balanço" — hora de avaliar o que aconteceu e de fazer novos planos. Outras não se preocupam tanto com o futuro e preferem apenas deixar o tempo passar. De um jeito ou de outro, é difícil encontrar quem não se contagie com o clima festivo do reveillon. Ainda mais quando está chegando 1999, ano apocalíptico para alguns, promessa de nova era para outros. A breve enquete a seguir revela o que se espera do ano que antecede o simbólico 2000, indica aspirações pessoais e coletivas, e serve como termômetro da popularidade de políticos e personalidades de outras áreas.

◆ **Salim Miguel, 74 anos, jornalista e escritor 1**

ANC — Onde vai passar a virada do ano?
Salim Miguel — Na nossa casa em Cachoeira do Bom Jesus. Quando jovem já não apreciava badaladões; agora menos ainda.
ANC — Que notícia gostaria de ouvir em 1999?
Salim — Que Fernando Henrique criou juízo, que resolveu pensar o Brasil não como capital especulativa.
ANC — Que personalidade brasileira vai se destacar no ano que vem e por quê?
Salim — Tarso Genro, um potencial candidato à presidência.
ANC — Qual o seu principal projeto para o ano que está começando?
Salim — Lançar um romance que já está pronto, refazer um outro que não me satisfaz e terminar meu primeiro livro de crônicas.

◆ **Neusa Macedo Lobato, 34 anos, telefonista 5**

ANC — Onde vai passar a virada do ano?
Neusa Macedo — Na Pinheira, como faço há seis anos.
ANC — Que notícia gostaria de ouvir em 1999?
Macedo — Que acabaram a cura para a aids.
ANC — Que personalidade brasileira vai se destacar no ano que vem e por quê?
Macedo — Boto muita fé no padre Marcelo Rossi.
ANC — Qual o seu principal projeto para o ano que está começando?
Macedo — A gente costuma pensar só em nós mesmos, mas eu gostaria que houvesse emprego para todo mundo.

◆ **Tercília dos Santos, 45 anos, artista plástica 6**

ANC — Onde vai passar a virada do ano?
Tercília dos Santos — Em casa, sozinha, como sempre faço. Para mim, é uma noite como qualquer outra.
ANC — Que notícia gostaria de ouvir em 1999?
Santos — Que não houvesse mais guerras no mundo nem ódio entre familiares.
ANC — Que personalidade brasileira vai se destacar no ano que vem e por quê?
Santos — Fernando Henrique Cardoso, que começa um novo mandato como presidente. Acho que ele vai diminuir a fome no Brasil.
ANC — Qual o seu principal projeto para o ano que está começando?
Santos — Expor cada vez mais no nosso mercado de arte, que promete ser bastante movimentado.

◆ **Valmir Lemos, 47 anos, comandante da Polícia Militar de Santa Catarina que deixa o cargo no início de janeiro 4**

ANC — Onde vai passar a virada do ano?
Valmir Lemos — Em casa, com a família.
ANC — Que notícia gostaria de ouvir em 1999?
Lemos — Que o Brasil comece a ocupar o espaço que lhe é de direito no cenário mundial.
ANC — Que personalidade brasileira vai se destacar no ano que vem e por quê?
Lemos — Quem liderar o processo de estruturação da segurança pública com visão nacional, algo que ninguém conseguiu ainda.
ANC — Qual o seu principal projeto para o ano que está começando?
Lemos — Vou fazer pós-graduação em direito e ver as possibilidades de trabalho, já que, como ex-comandante, estarei deixando a PM.

◆ **Nilson Nelson Machado, 38 anos, carnavalesco e vereador 7**

ANC — Onde vai passar a virada do ano?
Nilson Nelson Machado — Na praia do Sonho, com meus 20 filhos adotivos. Quando der meia-noite, vou rezar sete pais-nossos de mãos dadas com eles, como sempre fazemos.
ANC — Que notícia gostaria de ouvir em 1999?
Machado — Que chegou a cura para a aids. Quem tem filho com HIV sofre tanto quanto eles.
ANC — Que personalidade brasileira vai se destacar no ano que vem e por quê?
Machado — Chico Xavier. O espiritismo é uma prática que tem confortado as pessoas e deve ser cada vez mais difundida.
ANC — Qual o seu principal projeto para o ano que está começando?
Machado — Inaugurar a minha nova creche, para 300 crianças. Estou construindo desde 1996 com o meu salário de vereador.

◆ **Leonardo Nienkötter, 20 anos, piloto de corridas 8**

ANC — Onde vai passar a virada do ano?
Leonardo Nienkötter — No baile do Lagoa Late Clube.
ANC — Que notícia gostaria de ouvir em 1999?
Nienkötter — Que a crise no Brasil passe e o povo está vivendo melhor.
ANC — Que personalidade brasileira vai se destacar no ano que vem e por quê?
Nienkötter — Acho que o Ricardo Zonta vai estrear muito bem na Fórmula 1.
ANC — Qual o seu principal projeto para o ano que está começando?
Nienkötter — Vou disputar mais uma temporada na Fórmula 3 Sul-Americana e pretendo ser campeão.

◆ **Lédia Conceição da Rosa, 38 anos, dona-de-casa 4**

ANC — Onde vai passar a virada do ano?
Lédia Conceição — Na praia da Pinheira, em Palhoça. Vai ser a primeira vez que passo lá.
ANC — Que notícia gostaria de ouvir em 1999?
Conceição — Que a paz está reinando no mundo.
ANC — Que personalidade brasileira vai se destacar no ano que vem e por quê?
Conceição — Acho que o padre Marcelo Rossi vai se destacar ainda mais.
ANC — Qual o seu principal projeto para o ano que está começando?
Conceição — Voltar a estudar, já que só pude fazer o primeiro grau.

019: Santa Catarina, um Estado interessante

MOURA, Francisco Miguel de. Santa Catarina, um Estado interessante. *Correio do Piauí*. Teresina, 03 fev. 1993.

Santa Catarina, um Estado interessante

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA

(Membro da Academia Piauiense de Letras)

Culturalmente, Santa Catarina é um estado interessante, porque diferente, haja vista a riqueza de mistura em raças, religiões, costumes, etc. A primeira pessoa de lá com quem mantive contato foi o contista Salim Miguel. Morava ele no Rio, no anos setenta, trabalhava na Manchete, a revista. Ele e Cícero Sandroni - fizeram o maior e melhor levantamento do conto brasileiro, publicando mensalmente uma revista chamada "FICÇÃO", da qual fui correspondente no Piauí. Salim fora do Grupo Sul, famoso movimento artístico que levou o modernismo a enraizar-se naquele Estado sulino, dissecado e historiado pela escritora Lina Leal Sabino, em livro do mesmo título (GRUPO SUL), edição da Fundação Cultural Catarinense, 1981.

Este não é um trabalho crítico, senão diria que um dos maiores e melhores contistas catarinenses do meu conhecimento é Salim Miguel, talvez superado apenas por Holdemar Menezes, sobre quem escrevi nos idos de 70 alguma crítica, e bastante elogiosa. Mas há outros como Péricles Prade, Enéas Athanázio, Amaline Issa. Sobre essa poetisa e lírica do conto, também escrevi um bonito artigo, como publiquei sobre os outros dois. Talvez eu seja um dos maiores (em volume) críticos do conto. Holdemar Menezes e Péricles Prade são da Academia Catarinense de Letras, Enéas Athanázio e Imaline Issa, creio que, se não são, é porque não querem.

Na área da poesia, conheci, a partir da publicação dos seus primeiros livros, o poeta e professor de literatura Alcides Buss, o grande poeta contemporâneo de Santa Catarina e talvez um dos melhores do nosso país. É também um agitador cultural, um movimentador do meio, a fim de popularizar a poesia, sem, contudo, ter que reduzir o seu valor formal. Mais outro grande poeta vim a conhecer depois: Hugo Mund Júnior, que tem-se lembrado de mandar-me suas publicações. Em troca, mando-lhe o que publico.

Mais ou menos, assim, tenho feito contato com os escritores de Sta. Catarina. Os que não foram citados, que me desculpem. A memória minha é que não é boa. Noutro levantamento hei de lembrá-los.

Os primeiros contatos foram citados já. Passemos aos mais recentes fatos.

Em 1991, já no final do ano, novembro se não me engano, estive pessoalmente em Sta. Catarina e fui recepcionado, em Florianópolis por Paschoal Apóstolo Pítsica, Presidente da Academia Catarinense de Letras, pessoa e entidade que estou representando junto à Academia Piauiense de Letras, na festa dos seus 75 anos de fundação. Na praia de Camboriú, Enéas Athanázio e sua esposa me receberam, aliás, nos receberam (eu e minha esposa), em seu apartamento almoçamos e depois em seu carro viajamos até a cidade próxima, para tomar um transporte para o Rio de Janeiro. Enéas Athanázio é muito espírituoso e me parece que muito sistemático, talvez por isto ainda não o tenham levado para o seio acadêmico. É bastante conhecido no Piauí, por seus escritos, e aqui já esteve, retratando-nos em suas crônicas de viagem, em suas críticas literárias, em suas notas nos jornais de Santa Catarina. É uma pena que os piauienses sejam mal-agraçados e nem sequer tomem conhecimento disto. Athanázio é um dos maiores movimentadores da cultura catarinense e um dos escritores que, sem sair da província, adquiriu nome nacional.

Em Florianópolis, tive a oportunidade de conhecer o Instituto Histórico e Geográfico e a Academia de Letras, além da Universidade Federal. Creio que são essas instituições o suporte das aspirações artísticas dos catarinenses - pelo que promovem, estimulam e realizam. Na Academia Catarinense de Letras soube que as nossas publicações chegam ao seu destino, pois tive o prazer de encontrar a revista da APL e livros dos nossos escritores enviados pelo saudoso A. Tito Filho.

Minha viagem acima mencionada foi também uma missão cultural. E como tal, fui portador

de muitas publicações da Academia Catarinense à nossa: revistas, livros, antologia.

Deixei por último as informações do meu amigo e estimado amigo do Piauí, acadêmico e escritor Theobaldo Costa Jamundá, que nos brindou com um belo jantar e conversa de íntimos. Não é necessário falar da sua cultura e dedicação àquele Estado. Dele tenho recebido quase todas as novidades literárias e editoriais de Sta. Catarina, desde obras completas de Luis Delfino e Cruz e Sousa à História da Literatura Catarinense, escrita por um acadêmico, escritor Celestino Sachet. Duma dedicação impressionante a seu Estado, não deixa por menos Theobaldo Jamundá: publicou recentemente - um livro de artigos e ensaios cujo título é nada mais nada menos que "A. Tito Filho - Incomparável".

Se me permitem um conceito ou uma concepção da brasilidade de Sta. Catarina, digo: achei impressionante encontrar nas ruas, convivendo normalmente e produzindo, entre descendentes de alemães e de outros tipos europeus, nossa raça de cearenses, pernambucanos, gente de todo o Brasil, em harmonia com religiões e costumes tão diferentes trazidos pelo colonizador recente - que vi cruzando, calma e pacientemente, com o português dos primórdios da descoberta do país. Claro que estou falando pelo que conheço literariamente e pela minha curta experiência (passagem) pelo Estado. Mas, a isto chamo de brasilidade. A ilha, a antiga Desterro e o Estado de Santa Catarina têm semelhanças com o Rio Gr. do Sul, mas têm suas características próprias, sem deixarem de ser bem brasileiras. Paschoal Apóstolo Pítsica, grego; Holdemar Menezes, cearense; Theobaldo Jamundá, pernambucano, que o digam.

Falar mais, para quê? Leia-mos os escritores catarinenses e intercambiemos com eles. Só assim teremos certeza. Porque a literatura reflete, ensina a realidade, e até melhora-a, pois a nossa linguagem é o nosso espírito. Esta é a receita para quem não pode ir lá e ficar pelo menos três dias como eu fiz.

020: Verbas para a produção: edital resgate do cinema deve reunir cineastas de todo o país no Rio. Eles buscam mais recursos

PIRES, Zeca. Verbas para a produção: edital resgate do cinema deve reunir cineastas de todo o país no Rio. Eles buscam mais recursos. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 10 nov. 1993. Variedades.

Verbas para a produção

Edital Resgate do Cinema deve reunir cineastas de todo o País no Rio. Eles buscam mais recursos

ZECA PIRES

Especial/DC

Rio de Janeiro - As torneiras de financiamento do governo federal para o cinema brasileiro, há cinco anos fechadas, começam a pingar. Hoje cineastas de todo o País têm encontro marcado às 13 horas no Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro. A razão deste encontro não é nenhum Festival de Cinema. Todos estarão com projetos de filmes debaixo do braço para inscrevê-los no edital "Resgate do Cinema Brasileiro" do Ministério da Cultura.

Serão selecionados 13 prêmios de 207.558 UFIR e quatro

Presença de SC



ARQUIVO DC

Escritor Salim Miguel está na comissão que estuda projetos

prêmios de 120.167 UFIR para filmes de longa metragem em 35mm, 13 prêmios de 33.646,02 UFIR e três prêmios de 23.600 para curtas de 35mm, dois prêmios de 23.600 UFIR para curtas em 16mm e seis prêmios de 62.245 UFIR para médias em 16mm. Esta premia-

ção deve ser repetida no próximo ano por decisão do Congresso Nacional que regulamentou a concessão de subsídios ao cinema.

Os prêmios de curta em 35mm (incluídos os projetos de Santa Catarina) serão divididos em quatro prêmios para

São Paulo, quatro para o Rio e cinco para o restante do Brasil. A comissão julgadora formada por 18 componentes entre cineastas e intelectuais, onde Santa Catarina está representada pelo escritor Salim Miguel, vai ter muito trabalho na seleção.

Na minha bagagem levo os três projetos de realizadores catarinenses que conseguiram tempo e paciência para finalizá-los. São eles: *Alva Paixão* - baseado na vida de Cruz e Souza, de Maria Emília de Azevedo, *Bruxas da Ilha*, de Lena Bastos e *As Duas Mortes de Crispim Mira*, de minha autoria. Os projetos têm como produtora a Haeming Produções Cinematográficas (única empresa catarinense que satisfazia as exigências do edital) que foi gentilmente cedida pelo cineasta Augusto de Souza. Foram também fundamentais o apoio institucional da Universidade Federal de Santa Catarina e de todos os realizadores locais.

021: Clic mágico que congela o tempo: ilustres figurinhas

LAPS, Jô. Clic mágico que congela o tempo: ilustres figurinhas. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 07 ago. 1994.

Clic mágico que congela o tempo

Ilustres figurinhas

Colecionar fotografias é mais que hobby. É a certeza de que cada momento deve ser vivido intensamente; é espelhar-se em uma época que jamais voltará

JÔ LAPS

No filme *Blade Runner*, de Ridley Scott, o hábito de colecionar fotos era implantado na memória artificial dos andróides para forjar uma prova de passado "humano". Pedro "Paletó" Bittencourt, 48 anos, nada tem de replicante, mas sabe o valor de guardar fotografias. Funcionário da Celesc há 24 anos, Pedro não desgruda de um álbum em que aparece ao lado de artistas famosos.

Com Djavan, Fagner, Joana Fomm, Cassia Kiss ou com o Rei Roberto Carlos, a pose e o sorriso são sempre os mesmos. As fotos foram tiradas durante bailes de Carnaval na Ilha. "Elas significam muito para mim", completa o popular Pedro.

Assim como ele, milhares de pessoas mantêm esse nostálgico hobby. Para o psiquiatra Marcos de Noronha - um colecionador de imagens e expressões - o que entra em jogo é o narcisismo. "É através das fotos - do close - que nos damos conta de que o tempo está passando."

Pedro Paletó: relíquias para nunca esquecer

FOTOS ARQUIVADAS

Eli Heil - aos 18 anos, a professora de Educação Física Eli Malvina dedicou a fotografia "vestida para passear" ao namorado José. Hoje, aos 65 anos e com uma carreira artística de dar inveja, Eli Heil lembra da dedicatória num tempo em que um simples "querido" era proibido: "Ao José, com afeição".

Elisah - a cantora de Verão em Florianópolis já teve outros looks antes de virar a partner de Guinha pelo Estado. Fazendo antes o gênero comportada, Elisah assume agora seu lado "como o diabo gosta".

Esperidião Amin: quem diria, o presidenciável Amin já teve cabelos. E muitos. A foto foi tirada durante sua formatura em Direito. Segundo sua irmã, Elaine, o político já teve muitos problemas com o "cabelo e volta" dos cabelos, que ela diz ter começado aos 14 anos.

Salim Miguel - aos 15 anos de idade, o estudante do Grupo Escolar Lauro Müller nem imaginava que, aos 70, seria um dos nomes mais expressivos da literatura catarinense. Mas pela carinha de intelectual, dá para sentir que o menino já gostava de livros.

Alcides Buss - 1962. Com 14 anos, o menino Alcides morava em Cascavel e foi fotografado em sua formatura no ginásio. Na época, já imaginava que sua vida seria inclinada para a literatura. Hoje, aos 45 anos, Buss é um homem maduro, perfeccionista e um dos escritores mais lidos do Estado.

DC errou

Devido a erros de montagem na *Revista DC* de hoje, a foto do escritor Salim Miguel, aos 15 anos, saiu onde deveria estar a foto atual da cantora Elizah (página 8). Na página 5, a foto do disco *Raimundos* também está trocada.

022: Miro. [Nota com foto]

MIRO. [Nota com foto] **O Estado**. Florianópolis, 29 abr. 1994.



Superintendente da
Fundação Franklin Cascaes,
escritor Salim Miguel, com
seu confrade "senador"
Alcides Ferreira e o deputado
Noemi Cruz, prestigiando o
lançamento de seu livro.
Foto: Paulo Dutra

023: Memórias de prisão em tempo de perplexidade

SILVA, Dionísio da. Memórias de prisão em tempo de perplexidade. **Jornal da tarde**. [s.l.], 23 jul. 1994. Caderno de sábado.

Memórias de prisão em tempo de perplexidades

*Num livro
construído com seu raro
domínio da carpintaria
ficcional, o escritor
catarinense
Salim Miguel relembra o
tempo pós 64 que passou
preso.*

□ Por Deonísio da Silva

O catarinense Salim Miguel estreou ainda nos anos 50, aos 27 anos, com um livro de contos intitulado *Velhice e outros contos*, depois reeditado várias vezes e seguido de muitos outros como *A morte do tenente e outras mortes* e *As areias do tempo*, os últimos de narrativas curtas que publicou, em 1979 e 1988, respectivamente. Como romancista, sua estréia deu-se em 1955, com *Rede*, seguido de *A voz submersa*, de 1984, e *A vida breve de Sezefredo das Neves*, poeta, de 1987. É co-autor de outros 20 livros, além de ter feito (em parceria com Eglê Malheiros e Marcos Farias) diversos roteiros para o cinema, como *A Cartomante*, de Machado de Assis, e *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, ambos filmados por Marcos Farias nos tormentosos mas fabulosos anos 70.

Em *Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia*, que a José Olympio acaba de publicar em convênio com a Editora da Universidade Federal de São Carlos, deixa de lado a prosa de ficção, em que demonstrou competência rara no ordenamento de tramas, com personagens memoráveis e um cuidado na linguagem infelizmente ainda invulgar entre nós, para dedicar-se a um gênero problemático, o de memórias. Problemático porque no Brasil, como em todos os países católicos, a tendência das memórias ou das autobiografias é seguir o provérbio romano "de mortuis nil nisi bene" (nada se diga dos mortos, a não ser o bem), aplicando-o, entretanto, também aos vivos. Sabemos que nos países protestantes, talvez por influências do caráter coletivo e público das confissões, as biografias e memórias lavam e levam tudo, como as grandes enchentes.

HERÓIS OCULTOS

Salim Miguel soube evitar as duas grandes vertentes memorialísticas e situou seu *Primeiro de Abril* num elevado padrão ético e estético. Num tom digno do emblemático *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos, seu ponto de vista é o de quem esteve preso em 1964, tão logo rebentou o golpe de Estado. Nossa literatura docu-



Salim Miguel, o competente autor de ficção que acaba de publicar suas memórias a partir de anotações feitas durante a época do regime militar, quando foi preso em Florianópolis.

mental sobre aqueles anos sinistros tem-se limitado aos acontecimentos em grandes cidades, como Rio e São Paulo. Os desmandos, as prisões, as torturas e um sem-número daqueles outros procedimentos comuns a essas horas, que envergonham a Humanidade, não escolheram geografias. Se há muitos heróis proclamados, há muitos mais ocultos por força de anonimatos impostos, como no caso das mortes, ou por outros esquecimentos, pois como lembrou Roa Bastos em seu magnífico *Eu, o supremo*, nesses casos quase sempre faltam "cruzes e marcas que memorem seus nomes".

LANCES DE HUMOR

A narrativa trilha o caminho de uma absoluta isenção, que somente o tempo permite. Quando descreve a própria prisão, a palavra que abre o livro é "perplexidade". Salim Miguel, que é casado com a também escritora Eglê Malheiros, al-

terna seus relatos em primeira, segunda e terceira pessoa. "Enquanto te encaminhava para o quartel, tua mulher, que nesta hora dá aula no Instituto Estadual de Educação, é avisada. Um professor chamou-a para um canto, pede, tenha calma, a notícia é desagradável, teu amigo acaba de ser preso."

Não faltam lances de humor, como as imprecisões de certo sujeito, abominado por todos numa pequena cidade de Santa Catarina, e recolhido ao xadrez por outra espécie de denúncia: "Eu não sou agiotador, eu sou agiota". Também no varejo o regime que se instalava dizia bem a quem servia. Naqueles dias era melhor ser agiota do que preso político. Passado o triunfo do modelo econômico vitorioso, não é sem melancolia que os fatos outra vez nos ensinam que hoje ninguém está preso por agiotagem. Tudo piorou. Mesmo porque o agiota que partilhou a prisão com o escritor cobrava 5% ao mês e por isso foi denunciado pela cidadezinha, num momento em que a coletividade pôde tomar alguma espécie de providência contra essa prática.

TRADIÇÃO LITERÁRIA

Outros textos enriquecem este livro, como a relação dos presos no quartel da PM, em Florianópolis, e um posfácio de Hélio Pólvora, transcrição de um artigo publicado no *Jornal do Brasil* em 7 de junho de 1964.

Escrito a partir das anotações feitas na prisão, o texto final deste livro somente saiu agora. Salim Miguel, com *Primeiro de Abril: Narrativas da cadeia*, perfila-se junto a célebres escritores que a tradição literária consagrou, no Brasil e em muitos outros países, aqueles que souberam discernir a função social do escritor, apreender e expressar as ligações, sempre perigosas, que a boa literatura mantém com as sociedades épocas. Perigosas e sinceras.

□ **PRIMEIRO DE ABRIL: NARRATIVAS DA CADEIA**, de Salim Miguel, Editora José Olympio/Editora da Universidade Federal de São Carlos, 117 págs.

O autor é doutor em literatura brasileira pela USP, é escritor e professor universitário.

024: Entre a confissão e a ficção da cadeia

FAJARDO, Elias. Entre a confissão e a ficção da cadeia. **O Globo**. Rio de Janeiro, 15 maio 1994, Livros, memórias.

Entre a confissão e a ficção da cadeia

ELIAS FAJARDO

PRIMEIRO DE ABRIL — NARRATIVAS DA CADEIA, de Salim Miguel. José Olympio Editora, 117 páginas, 10,70 URVs

A primeira cadeia ninguém esquece. Contudo, depois da libertação, expressos costumam ter atitudes (e caminham em direções) diferentes com relação à experiência. Alguns transformam-na em motivo de fanfarras ou mesmo em parte do currículo para conseguir oportunidades profissionais ou partidárias (quando a prisão foi política e a ditadura já acabou). Outros escondem-na como uma mancha (quando a cadeia foi criminal, por drogas ou o regime político que a ocasionou ainda está de pé).

Outros, finalmente, transformam-na em matéria de reflexão literária. Este é o caso de Salim Miguel, atual secretário de Cultura de Florianópolis e na época um intelectual já conhecido e redator da Agência Nacional. Preso durante 48 dias a partir de abril de 1964 na capital catarinense, ele anotou rigorosamente tudo o que lhe aconteceu. Detrás das grades, viu passar mais de 60 presos políticos, soube do incêndio da livraria da qual fora sócio, acompanhou as angústias de sua mulher e filhos. E se angustiou ele próprio diante das



encruzilhadas vividas pelo país naquele momento. O resultado é "Primeiro de abril", romance curto, incisivo, bem escrito e que esquenta sobretudo depois da primeira metade. Se nas primeiras páginas o drama do escritor (e a sua escrita) não diferem muito de inúmeros outros já publicados, na segunda metade, sobretudo a partir do capítulo "Fragmentos/Perfis" ele dá uma contribuição mais marcante. Entre os tipos que o autor encontrou vendo o sol nascer quadrado, encontramos figuras curiosas como o marinheiro que se ressentia que a cela não balançava como um barco ou o foleiro Santino Marçal, que recebia correspondência política e nem abria os pacotes: ia vender como papel velho para ganhar uns trocados. Mesmo assim, foi preso.

O melhor do livro é o capítulo "Diálogo". Nele está a literatura no que ela tem de mais instigante. Através de anotações e transcrições das discussões entre os presos, temos um painel expressivo das idéias que embasavam as diferentes posições políticas e existenciais da época. A linguagem enxuta e o sistema de cortes contribuem para causar mais impacto. Também são expressivas as dúvidas do autor ao longo do romance, perguntando-se, afinal de contas, por que está a querer lembrar tantos detalhes de um passado que, afinal, já ficou bem para trás. Essas dúvidas humanizam, colore a narrativa e trazem mais o foco a figura de Salim Miguel, grande batalhador pela literatura e pelas artes.

Elias Fajardo é escritor, autor de "Na passarela da vida".

025: Salim Miguel

SALIM Miguel. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 23 mar. 1995, suplemento especial, pag. 13.

Salim Miguel

★ **Nome:** Salim Miguel.

★ **Idade:** 71 anos.

★ **Nascimento:** Líbano. Aos 3 anos veio para o Brasil e aos 4 para Florianópolis.

★ **Quem é:** escritor e jornalista, superintendente da Fundação Franklin Cascaes.

★ **Local preferido:** Cachoeira do Bom Jesus, onde tenho uma casa, gosto de passar a temporada e escrever; lugar

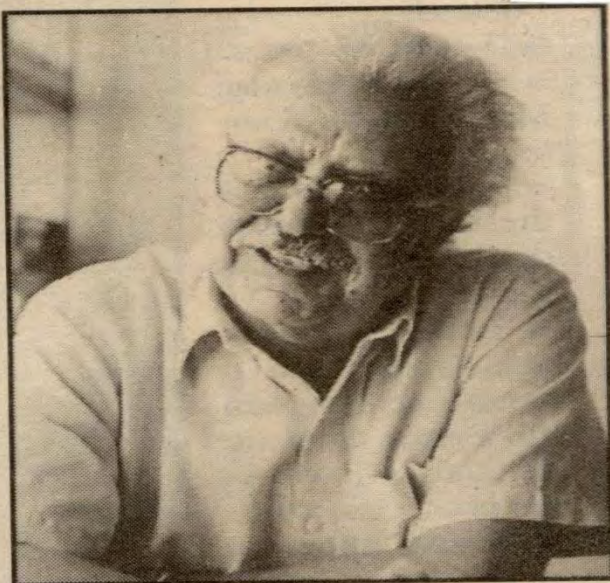
onde posso ouvir os pássaros cantando nos finais de tarde.

★ **Como vê a cidade:** não há planejamento urbano. O Plano Diretor continua empacado e precisa urgentemente de aprovação.

★ **Do que tem saudade:** não sou saudosista, mas Florianópolis era melhor antes das construções desordenadas. Existiam ruas inteiras de casario açoriano e que hoje desapareceram.

★ **O que espera:** espero que pelo menos a cidade seja repensada com mais carinho, que todos se esforcem para reverter esta situação, para que a nova geração não fique dizendo que os antepassados acabaram com a cidade. Também tem que se pensar que tipo de turismo se quer. Hoje se faz um turismo predatório, um turismo de dois meses.

★ **O que diria neste data:** que os açorianos, que receberam esta terra dos índios, a tratem com o mesmo carinho que o índio, mais igual e mais justa. Que o bom-humor, característica do ilhéu, volte cada vez mais ativo.



026: Livros para quem naufraga

LAPS, Jô. Livros para quem naufraga. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 30 jul. 1995, pag. 08.

Livros para quem naufraga

Especialistas em literatura e escritores consagrados como Moacyr Scliar e Salim Miguel não poupam críticas às obras de auto-ajuda

JÔ LAPS

Uma forte tendência mística transitória e sem compromisso é a explicação encontrada pelo escritor e jornalista gaúcho Juremir Machado da Silva - autor de *Cai a Noite Sobre Palomas* - para o boom editorial dos livros de misticismo e auto-ajuda. "Você não precisa necessariamente fazer parte de uma seita. É um misticismo *light*. Você vai ao psicanalista e ainda pode dar uma passadinha no candomblé. Algo que segue a linha 'se bem não faz, mal não faz'". Juremir assinala que a busca de consolo é a principal causa do sucesso dessa literatura "pobre". "As pessoas estão em tal situação, na busca de um horizonte, que até afirmações banais como 'pense positivo e você conseguirá tudo', servem de consolo. Do ponto de vista literário, estes livros não têm valor, mas são uma excelente pista de um fenômeno sociológico", completa.

FIM DE SÉCULO - O escritor, jornalista e médico Moacyr Scliar acredita que esse gigantesco interesse dos leitores é fruto de um fenômeno de vendas com um substrato social, cujos motivos variam muito. "Esses livros substituem outros tipos de leitura. É a troca de uma religião por outra. As pessoas desconfiam da ciência e da tecnologia, têm medo de erros médicos e buscam algo que elas mesmas possam fazer", observa.

Scliar - autor, entre outros sucessos, de *O Ciclo das Águas* - recorda

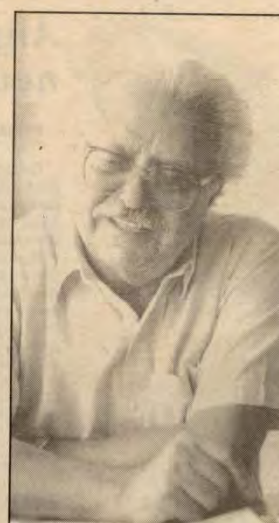
Definições



Juremir: um misticismo light



Scliar: uma troca de religião



Salim: pessoas entram em crise

FOTOS ARQUIVO/DC

que "fins de século sempre se prestam para essas coisas". "No século passado houve a onda do hipnotismo e do magnetismo animal", salienta. Scliar confessa que tentou ler um dos *best sellers* de Paulo Coelho, mas considerou o livro, a seu gosto, ruim demais. Para ele, quando essas obras possuem um embasamento científico, elas podem até ajudar. "Muitos conselhos contidos nesses livros devem ser seguidos mesmo, mas geralmente eles são a repetição pura de coisas óbvias".

RESPOSTAS - "A cada final de milênio aparecem esses salvadores da humanidade", fala o professor Celestino Sachet, especialista em li-

teratura brasileira na UFSC, que considera a vida urbana e a violência as principais razões para o fenômeno. "A procura por essas obras é atribuída exatamente à própria angústia da existência humana, que procura respostas concretas para a vida". Sachet não poupa críticas à obviedade desses livros, mas crê na sua eficiência sobre alguns leitores. "A própria técnica simples de escrever desses autores faz parte do jogo. Do ponto de vista literário, esses textos são tenebrosos, mas valem porque têm um efeito concreto e é nesse sentido que devem ser analisados. Eles são escritos para quem está naufragando. É um meio de salvação e nada mais".

Extra-literário. É assim que o escritor Salim Miguel define o fenômeno. "Não sei se esses livros ajudam, mas viraram moda". Para Salim, Lair Ribeiro é "uma fábrica de fazer dinheiro" e Paulo Coelho "uma subliteratura sem sentido e importância". A proximidade do final do século e do milênio, na opinião do autor de *A Morte do Tenente e Outras Mortes*, *A Voz Submersa* e *As Areias do Tempo*, entre muitos outros, não é explicação para a extensa procura desses livros. "Esse fenômeno já ocorreu antes. O que acontece é que as pessoas entram em crise e procuram todo tipo de ajuda", completa.

027: Notas

[NOTAS] **A Notícia.** Florianópolis, 04 dez. 1995, Ricardinho.

O lançamento literário-familiar do ano ficou mesmo por conta da família Miguel. E vai mais além do que eu já havia comentado. Além do Salim Miguel e de Eglê Malheiros, o filho Luis Felipe veio à Capital para lançar sua obra e outro filho do casal lançará, até o final do ano, um livro sobre tarô. Família que escreve unida...

028: Leituras

LEITURAS. **O Escritor**. São Paulo, dez. 1995, pag. 07. Foto.



029: Três escritores representam SC em encontro do MERCOSUL

TRÊS escritores representam SC em encontro do mercosul. **A Notícia**. Florianópolis, 04 dez. 1995.

Três escritores representam SC em encontro do Mercosul

Os escritores defendem a aproximação dos países do Sul da América Latina através do Mercosul também por meio da arte e cultura. Esse é o principal motivo que os levaram a promover o Encontro de Escritores do Mercosul, que será realizado em vários pontos da cidade até quarta-feira. Participam três catarinenses Alcides Buss, Raul Antelo e Salim Miguel. Estão na capital paulista autores da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai e de todas as federações do Brasil.

Realizado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, o encontro conta com sessões plenárias, mesas de debates, leituras de textos e apresentação dos escritores, além de lançamentos de obras. Todos os gêneros literários

estão em discussão. História das relações culturais e as literaturas no Mercosul, a mídia e novas tecnologias, a difusão e o ensino das línguas no Mercosul, valorização dos escritores e direitos autorais são pontos dos debates.

A finalidade do Encontro de Escritores do Mercosul é promover atividades culturais conjuntas para fortalecer o processo de integração regional. Essa mesma iniciativa foi tomada anteriormente pelos ministros e secretários de cultura dos países envolvidos no Mercosul em Brasília, em 1992.

Participam desse primeiro encontro escritores bastante conhecidos, como a brasileira Lygia Fagundes Telles e o uruguaio Eduardo Galeano. Ambos vão lançar livros no Memorial da América Latina.

030: Estado e censura

BRUGGEMANN, Fabio. Estado e censura. **A Notícia**. Florianópolis, 08 ago. 1996.

Sempre existiu por parte dos governos que ocuparam e ocupam um Estado, um medo desmedido de qualquer crítica. Até aí é compreensível. Todo governo se sente frágil e acredita cegamente, como o pai que censura o filho, que está tomando uma atitude sempre em benefício do tutelado.

A democracia representativa dá o direito aos governos de pensar dessa maneira. Só que os governos, na maioria das vezes, utilizam-se desta interpretação para, de forma sacana, fazer aquilo que querem fazer, dizendo que o povo é que precisa disto ou daquilo.

Esta é uma falha irremediável da democracia representativa. Uma vez eleito, um governo está apto para governar. Mas aí ainda um fator que, se utilizarmos da razão, deixa um governo amarrado à vontade do cidadão, se o cidadão não fosse tão paternalista como o brasileiro. Este fator chama-se lei. Existem poucos governos dispostos a cumprir uma lei, a não ser que esta vá de encontro aos seus próprios interesses.

Um fato que merece um debate amplo entre os cidadãos e as entidades que representam e produzem cultura em Santa Catarina, foi o veto, por parte da Fundação Catarinense de Cultura, ao nome do escritor Olsen Jr. no livro "Cuentos de La Isla", edição bilíngüe, que estava sendo organizado pelo escritor e superintendente da Fundação Franklin Cascaes, Salim Miguel.

O livro seria publicado em co-edição entre a Franklin Cascaes, que seria responsável pelo pagamento da tradução, a editora Athanor (responsável pela impressão) e a Fundação Catarinense de Cultura (responsável pela impressão da obra).

Até aí tudo bem. Acordo mais do que justo e cada qual fazendo sua parte. Salim Miguel, por critérios também justos, decidiu que entrariam no livro apenas autores que residiam em Florianópolis, que o tema seria livre, que o texto poderia ser inédito ou não e o autor deveria ter pelo menos um livro publicado. E, é claro, de acordo com o bom senso conhecido do escritor, que tivesse qualidade. Só que para surpresa de Salim Miguel, os rapazes da Fundação Catarinense de Cultura, no papel de governo, acreditando ser pais da literatura



Estado e censura

FABIO BRÜGGEMANN • ESCRITOR E EDITOR

*"Será que esta minha estúpida retórica
terá que soar por mais zil anos?"*

CAETANO VELOSO

catarinense, vetaram o nome do escritor Olsen Jr.

O motivo é de figurar na antologia das relações governo/cidadãos. Os rapazes recusaram a obra porque Olsen Jr. havia escrito artigo fazendo críticas ao governo há alguns meses. Atitude paternalista de um governo que se anuncia moderno, demonstrando apenas que é retaliador, chantageiro e imaturo. Nem este nem qualquer outro motivo seria justo para que um governo se intrometesse na criação artística de seus contribuintes. Nenhum governo é eleito para escolher obras para seus cidadãos. Principalmente por retaliações. Olsen Jr. é autor representativo e se o organizador da obra, Salim Miguel, acreditou que sua inclusão era importante, o fez como crítico e entendido do assunto, não como governo ou como representante da Fundação Franklin Cascaes.

Tanto que a sua atitude foi das mais nobres e merece o aplauso de todos os escritores. Salim retirou-se da função de organizador do livro, retirando também o seu próprio texto, dizendo que está fora

disto e que não pode compactuar com tal atitude. Afirmo ainda que pretende cumprir o acordo, como superintendente, firmado pela Fundação Franklin Cascaes de pagar a tradução de Liliana Reales, argentina radicada há vários anos na Ilha.

Por todos os motivos citados acima, por compreender que a um governo cabe apenas cuidar do que lhe é legalmente constituído, acredito que todos os outros autores deveriam tomar a mesma atitude de Salim Miguel. Dizer todos em uníssono: – Estamos fora desta. Que o Estado volte a ser apenas Estado e que os governos apenas governem e não ditem normas dizendo o que pode ser publicado ou não.

Esta é a hora de instituições representativas, como a recém-criada União Brasileira de Escritores e a Academia Catarinense de Letras, mostrarem que podem ser independentes e dizerem para que existem.

A Constituição diz que todos têm o direito à liberdade de expressão. Ao governo basta que cumpra com as leis. Deixe a arte para quem sabe fazê-la.

031: Guerra pelo mercado literário

PRESTES, Marlene. Guerra pelo mercado literário: escritores e editores de Santa Catarina analisam o mercado de livros e traçam estratégias para conquistar mais espaços. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 31 jan. 1996, pag.4 e 5.

Guerra pelo mercado literário

Escritores e editores de Santa Catarina analisam o mercado de livros e traçam estratégias para conquistar mais espaços

MARLENE PRESTES
Especial/DC

“Santo de casa não faz milagre”, é um ditado que as pessoas costumam usar quando não fazem sucesso em seu próprio Estado. Muitos escritores catarinenses concordam com esta frase, baseados na falta de estímulo do público e desleixo de livrarias e editores. Por outro lado, o livro também é visto como produto comercial e por isso disputa arduamente a preferência com nomes conhecidos nacionalmente. O escritor nordestino Iaponam Soares de Araújo, radicado há mais de 30 anos em Florianópolis, tem várias obras voltadas para o resgate cultural de autores catarinenses.

APÉDIDO PARA MEU PAI - POETA (DUDA)

Nesta hora em que a dor e a tristeza estranhavam-me o pai, sinto uma imensa necessidade de conversar contigo meu Pai. De ter-te ao meu lado, como quando eu era criança ou como até há pouco, na minha casa de praia. A cada momento invade os meus olhos a imagem de ti, pai, o amigo brincalhão de todos nós e de todos os amigos de tua família, o do Pai, cuja ternura, sem limites, dissipava tristezas e amarguras, transformando-as em novas vicissitudes da vida. Como me fazes falta, agora? Quem, na minha dor infusa, poderá substituí-lo?

A tua vida, como a tua poesia, sempre foi vibrante, plena de amor e encantamento, de beleza e simplicidade, pois sempre nos ensinaste, em cada exemplo da tua própria existência, que a existência do viver não reside na obtenção, mas na alegria simples de ser.

Não busques a felicidade sempre arrebolada e a todos os momentos contida: tua vida é vida.

passava a ser editado como modelo, pela a fidelidade que irradiava desde o despertar, fascinava a todos. Pai-Poeta! Como distinguir um do outro, se em cada sorriso teu, em cada brincadeira tua, e poesia inundada de contentamento as corações de nossa mãe, de nós teus filhos, de tua generosa e honesta de tua netos que agora vivem e te buscam para ouvir tua história, para descobrir tua sobrevivência. Meu filho, Marcelle, Tamille e Thiago orgulham-se da lembrança avelar que detinham-te das histórias da Estrelada, do Gigante Rodolfo, do Touro de Prata, dos Três Condições que em verso e prosa a eles dedicaste.

Obrigado Pai, por seres um capítulo lido na história dos meus filhos.

A grandiosidade do teu amor, a força da tua autoridade, o poder dos teus conselhos sempre iluminam os nossos caminhos, sempre orientam nossas decisões.

Como um Deus, transformaste nossas vidas, inundando-te de pura beleza, da verdade plena. Ao partir para o encontro do Deus Melhor, na eternidade, liberto do espaço e do tempo, levas para o infinito, a certeza de que tua legião, indelével, haverá de solidificar-se através das nossas ações. Estar ciente destas verdades, conforta-me um pouco mais, meu Pai.

Conforta-me, além do carinho almejado dos nossos amigos, sabre, que tu, hoje. Poeta do Eterno, Estrela de pura beleza nos cobras e em nossas almas, companheiro dos anjos, que, filhos, devem estar abertos com o teu sorriso.

E, hoje meu Pai-Poeta, em toda tua plenitude de LIT.

Com a minha saudade, a minha eterna gratidão, e o meu eterno amor.

Para sempre...

Tua filha Tida

seus procurando situá-las no contexto histórico e social. Ele é um dos que afirmam que os catarinenses são desconhecidos no Estado, “porque o escritor só consegue vender livros nos lançamentos, pois o público não tem o hábito de procurá-los em livrarias”.

O presidente da Academia Catarinense de Letras, Paschoal Apóstolo Pissca, tem a mesma opinião sobre essa característica do florianopolitano. “Os leitores compram as obras quando são convidados para o lançamento e já conhecem o autor. É comum encontrar amigos na rua que me cobram assim: ‘O Paschoal, quando vai me mandar aquele livro?’ Se eu não mandar para a casa deles, não compram”, reclama. “E isso não tem nada a ver com a qualidade dos livros”, observa.

Iaponam explica que é um problema estrutural, “porque há autores contemporâneos que já ganharam prêmios nacionais e mesmo assim têm dificuldades para vender e publicar”. Entre estes, cita Ricardo Hoffman, contemplado com menção honrosa da Revista Nacional do Romance Brasileiro; Cristóvão Tezza, um nome conhecido nacionalmente; Miguel Karan, vencedor do Prêmio Cruz e Sousa e Edla Van Sten, que goza de prestígio, especialmente, em São Paulo, por seus contos e romances.

SEM EDITOR - Ser conhecido também não garante publicação, como revela Iaponam: “Há autores importantes no país, que têm dificuldades de editar, como por exemplo, o contista Samuel Razzaz”. O mesmo acontece com o escritor Adolfo Boas Júnior que está tentando desde 1989 lançar suas obras, entre elas, *O Largo São Memória* apoiada pela Fundação da Biblioteca Nacional, mas não encontrou editor no eixo Rio/São Paulo disposto a publicá-lo, mesmo já tendo recebido dois prêmios Nestlé, na 3ª Bial de Literatura Brasileira, e o 1º lugar no concurso Virgílio Vazas, promovido pela Fundação Catarinense de Cultura, com o conto *As Famílias*. “Quando não se mora no eixo Rio/São Paulo, as coisas ficam difíceis, porque tudo acontece lá”, diz Iaponam.

pelos nossas editoras ficam restritas aqui e não têm distribuição nacional”, reclama Adolfo. “E muitas vezes quem financia o livro é o próprio escritor, quando não encontra um editor”.

A reclamação de Adolfo encontra ressonância no do presidente da Fundação Franklin Cascaes, o escritor Salim Miguel. “O consumo de livros é bom em algumas cidades, como Porto Alegre, São Paulo e Rio. Luis Antônio Amis Brasil, por exemplo, vende 7 mil livros por lançamento, talvez porque o público gaúcho compre mais livros”, constata Salim. “A tiragem no Brasil não seria tanto esse problema, porque tem bom relacionamento com a mídia. Segundo Iaponam Soares de Araújo, Salim Miguel tem aberto espaço para todos os autores: “As livrarias colocam os autores consagrados à vista, porque a mídia funciona. Os suplementos dos principais jornais do país, dão espaço apenas para os nomes conhecidos, e o público se sente influenciado a comprar aquele livro”, analisa Iaponam.

A autora da peça teatral *Vozes Vindas*, que trata sobre a poesia e a vida de Cruz e Sousa, Egil Malheiros, conta que “uma notícia na revista *Veja* vende um número significativo de exemplares”.

Estratégia

Iaponam Soares de Araújo: obras voltadas ao resgate cultural de autores catarinenses

Egil Malheiros

Salim Miguel: “As livrarias colocam os autores consagrados à vista”

Uma das saídas é a edição cooperativada

Há 20 anos no mercado, o jornalista, escritor e editor Oldemar Olsen Júnior, proprietário da Paralelo 27, criou um método alternativo para ajudar os escritores a publicar livros. É um sistema cooperativo em que a editora banca a produção, incluindo revisão dos originais, composição, editoração eletrônica, fotolito, arte e criação da capa, e o escritor paga a impressão. A publicação é realizada através de sorteios se, por exemplo, o autor contemplado não terminou a obra, passa para o próximo da lista.

Na opinião de Olsen, “o que poderia incrementar o mercado catarinense seria a criação do Instituto Estadual do Livro, a exemplo do IEL no Rio Grande do Sul, que divulga a literatura, promovendo palestras com estudantes”. “Dessa forma, os jovens começam a conhecer os escritores”, analisa. “É necessário que o governo crie mecanismos que impulsionem a cultura, como a

Editor prefere autor conhecido

O escritor Salim Miguel diz que “é comum o escritor bancar sua própria obra, porque os editores dão preferência aos autores conhecidos. Iaponam Soares lembra que os grandes editores compram direitos autorais no exterior, mesmo que o livro não esteja pronto, “porque rendem mais, principalmente, quando o livro se transforma em filme”. Os escritores também reclamam que as livrarias não expõem e nem promovem os autores catarinenses. Para Salim Miguel “é até compreensível que isso aconteça, pois os livreiros têm prazo para pagar, tenha vendido ou não o livro”.

Lançar uma obra requer além de tempo, uma reserva de dinheiro, já que o máximo que o escritor recebe é 10% sobre as vendas, e o pagamento varia de um a seis meses, conforme o contrato com a editora. Pelo sistema artesanal, é pior ainda. O autor não recebe pagamento em dinheiro, mas sim em exemplares. Se forem lançados mil livros, o autor ganha 100 exemplares, que podem ser usados para presentear amigos, doar para

bibliotecas, ou então, se tiver vocação para o comércio, vendê-los.

DISTRIBUIÇÃO - A distribuição é um obstáculo para o autor catarinense ultrapassar fronteiras. Editor e distribuidor, Odilon Lunardelli, há 40 anos no mercado de livros, conta que as livrarias preferem autores catarinenses conhecidos. “Não enviamos folhetos e notícias publicadas em jornais que tratam sobre a obra, mas eu não posso forçar um livreiro a comprar um autor desconhecido”. Os livros de Raul Caldas e Ueda Krüger são os mais vendidos, especialmente, depois de serem indicados para o vestibular. De acordo com Lunardelli, “os livros estrangeiros e best-sellers têm saída garantida, por causa da mídia de divulgação”.

A editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é a única em Florianópolis que garante a distribuição nacional, através de um programa entre 50 universidades e mais de 70 livrarias para a circulação dos livros entre os estudantes. De acordo com o diretor da

Editora da Universidade, o escritor Alcides Buss, a UFSC lança 40 títulos por ano com ênfase para livros didáticos de história, geografia e obras científicas.

INCENTIVO - Entre as muitas formas de atrair o leitor, Oldemar Olsen Júnior sugere que se crie o ranking do escritor mais vendido, por exemplo, assim como a escolha da melhor capa. Realizar concursos de literatura infantil-juvenil em escolas estaduais e municipais e o Prêmio Cruz e Sousa, são projetos criados pela Fundação Catarinense de Cultura para incentivar a leitura. O primeiro ainda não foi lançado.

Escolas e universidades têm um papel importante nesse processo de divulgar os autores, mas o jornalista e editor, Nelson Rolim de Moura, lembra que é fundamental o Estado se preocupar com a produção cultural, dando um tratamento igual para editores e escritores. “Não será uma atitude paternalista, porque são empresas pequenas que requerem atenção”, justifica Rolim.

1992, que dispõe sobre a aquisição de livros de autores catarinenses, para serem distribuídos às bibliotecas municipais”, completa.

Em outros Estados, como São Paulo e Rio Grande do Sul, essa iniciativa favorece a cultura e a notoriedade dos escritores locais, a exemplo do que a editora Globo, em Porto Alegre, está fazendo para dar oportunidade a todos de lerem as obras de Erico Veríssimo. Os livros estão sendo lançados a R\$ 9,50, exemplar. Iaponam diz que esta é “uma maneira inteligente de popularizar a leitura e o autor”.

Oldemar Olsen Júnior: uma nova estratégia

032: Papo cabeça

WOSGRAUS, Juliana. Papo cabeça. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 11 mar. 1996. Foto.



033: A sintaxe que nos expressa

GEHLEN, Joel. A sintaxe que nos expressa. **A Notícia**. Florianópolis, 01 mar. 1998. Anexo.

A sintaxe que nos expressa

O escritor Antônio Hohlfeldt fala sobre a série "A Literatura Catarinense em Busca de Identidade", em que faz um mapeamento das letras de Santa Catarina, com suas geografias e etnias

JOEL GEHLEN
EDITOR DO ANEXO

Joinville — Embora não se considere o maior especialista em literatura catarinense, o escritor gaúcho Antônio Hohlfeldt, é autor da mais abrangente estudo sobre obras e autores de Santa Catarina. Na série "A Literatura Catarinense em Busca de Identidade", com volumes dedicados ao conto (1986), ao romance (1995) e à poesia (1997) Hohlfeldt lança "um olhar de fora" e descomprometido sobre o fazer literário catarinense.

na. Nesta entrevista para o **Anexo** ele fala sobre as geografias e etnias da nossa literatura. Ele diz que em Santa Catarina, as pessoas trabalham mais isoladamente e acabam refletindo muito mais sobre suas realidades cada um tem uma maneira própria de abordar, de falar, de desenvolver seu assunto, o que resulta numa literatura ao mesmo tempo localizada e localista no tema, mas do ponto de vista formal muito bem articulada. Ele conclui que "embora a nossa literatura possa não ser brilhante, é aquela capaz de nos expressar".

♦ ENTREVISTA/ ANTÔNIO HOHLFELDT

Anexo — Como começou este interesse de um gaúcho pela literatura catarinense?

Antônio Hohlfeldt — Começamos nos anos 60 início dos 70 porque tinha muitos catarinenses lá em Porto Alegre. O (?) Appel tinha a editora Movimento, o Donald Schuller (*ensaísta e tradutor catarinense, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, autor de "Mundo Caboclo"*), era meu professor na universidade, o Emanuel Medeiros Vieira (*contista nascido em Florianópolis, estudou no Rio Grande e atualmente i e em Brasília, autor de "A Expição de Jeruzá"*) estava terminando o curso de direito e escrevia contos, a gente integrava a "Equipe das Terças" um grupo de jornalistas que fazia as resenhas dos filmes que entravam em cartaz na segunda-feira e publicávamos na terça-feira, na "Folha da Tarde" que era o outro jornal da Caldas Jr. O Flávio José Cardozo

material sempre. Numa conversa com o Salim Miguem e o Iaponan Soares surgiu a idéia de desmembrar em três volumes.

Como nos anos 70 havia a onda do conto a gente resolveu começar por aí. Estabeleci critérios bem objetivos e montei o volume. Tinha que ser uma geração nascida após 1925, que começou a escrever a partir do Grupo Sul, nos meados dos anos 50. Tomei o Grupo Sul como referência do Modernismo em Santa Catarina. Mas houve dificuldades de edição e só em 1986 consegui publicar o volume do conto, quer dizer, uma década depois. Saiu com a parceria da Editora Movimento, da Fundação Catarinense de Cultura e da Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1995 saiu o volume referente ao romance, que também enfrentou dificuldades e, agora, pelas mãos do Alcides (Buss) saiu o de poesia. Só que a poesia na verdade me obrigou a

quando o outro tivesse praticado mais de um gênero peguei aquele em que é mais conhecido, onde tinha uma presença mais marcante. O José Endoça Martins, por exemplo, embora tenha publicado uma novela e tenha trabalhado em ensaio, é basicamente conhecido como poeta. Este foi um critério muito claro, agora os critérios da preferência pessoal que a gente sempre corre o risco de acertar ou errar. Realmente, eu acho que o conto é o gênero base, também a poesia. Tanto que eu pego na poesia, a partir de Rodrigo de Haro, depois entra o romance. Talvez a exceção era Salim, que tem um romance lá nos anos 50. Só que é um romance que ele mesmo não morre de amores pelo livro.

AN — Qual é a identidade do conto catarinense?

Hohlfeldt — Eu acho que este não é o ponto,

"Gente como Lindolf Bell e Alcides Buss estão incluídos na história da poesia contemporânea brasileira. São dois autores que participaram dos movimentos de vanguarda de 60 e 70, buscando formas alternativas de veicular poesia"

♦ Antônio Hohlfeldt



O escritor gaúcho **Salim Miguel** nasceu em Florianópolis, estudou no Rio Grande e atualmente é em Brasília, autor de "A Expiação de Jeruzá" e estava terminando o curso de direito e escrevia contos, a gente integrava a "Equipe das Terças" um grupo de jornalistas que fazia as resenhas dos filmes que entravam em cartaz na segunda-feira e publicávamos na terça-feira, na "Folha da Tarde" que era o outro jornal da Caldas Jr. O Flávio José Cardozo (contista e cronista de Lauro Müller tradutor de Jorge Luis Borges, autor de "Longínquas Baleias") era o editor da Editora Globo e os livros em boa parte eram publicados em Porto Alegre, ou pela Movimento ou pelo Rodrigues Till (ensaísta gaúcho autor de "Cruz e Sousa no Rio Grande do Sul"). Bom, tinha o Salim Miguel que eu conhecia como jornalista e contista, quer dizer eu conhecia bastante bem os escritores que estavam se revelando naquele momento ou que já tinham uma tradição como o Guido Wilmar Sassi que havia publicado "A Geração do Deserto". Então eu fazia as resenhas do Caderno de Sábado.

Em 1974/75 surgiu um convite para publicar um volume reunindo estes artigos fazendo um pequeno volume sobre os escritores catarinenses. Quando o livro ficou pronto, em 1976, início de 77, surgiu um problema, tinha que ser um parecer do Conselho Estadual de Cultura e, na época, alguém do Conselho exigiu a inclusão de um ou dois autores que eu entendi que não deviam ser incluídos pois não tinham qualidade para fazer parte do volume. Aí o livro morreu. Mas eu continuei atualizando este

referencial do movimento em Santa Catarina. Mas houve dificuldades de edição e só em 1986 consegui publicar o volume do conto, quer dizer, uma década depois. Saiu com a parceria da Editora Movimento, da Fundação Catarinense de Cultura e da Universidade Federal de Santa Catarina. Em 1995 saiu o volume referente ao romance, que também enfrentou dificuldades e, agora, pelas mãos do Alcides (Buss) saiu o de poesia. Só que a poesia na verdade me obrigou a uma total revisão pois, 22 anos depois, alguns autores que nos anos 70 estavam sendo novos na verdade ficaram no meio do caminho.

AN — Antes de partir para os poetas abordados neste seu último livro, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre os volumes anteriores, de conto e de romance, sendo que o conto, me parece, há uma produção maior.

Hohfeldt — Basicamente é isso. O conto, talvez pela facilidade maior de se publicar — você publica em jornal, revista — propicia pequenos volumes como as publicações do Grupo Sul. O próprio Salim, os primeiros livros dele, foram de contos; o Guido Wilmar Sassi, também teve os dois primeiros livros publicados de contos. O que aconteceu é que entre preparar o volume de contos e editá-lo, o caso do Salim e do Deonísio da Silva (que era professor em Ijuí onde Antônio também dava aulas) é bem típico pois os dois passaram a se dedicar a novelas e romances. O volume do romance acabou fazendo um posfácio para incluir as publicações do Adolfo (Boos Jr.), do Deonísio e do Salim. E o único caso nos três volumes onde eu reexaminei obras através de posfácio. O critério que eu usei é que,

seu que o conto e o gênero romântico, também a poesia. Tanto que eu pego na poesia, a partir de Rodrigo de Haro, depois entra o romance. Talvez a exceção era Salim, que tem um romance lá nos anos 50. Só que é um romance que ele mesmo não morre de amores pelo livro.

AN — Qual é a identidade do conto catarinense?

Hohfeldt — Eu acho que este não é o ponto. Quando eu resolvi denominar esta série de "A Literatura Catarinense em Busca de Identidade", é exatamente que, ao contrário do Rio Grande do Sul, Santa Catarina não tem uma identidade única. E eu não digo isso como crítica; eu acho isso até positivo. O Rio Grande do Sul tem a mesma diversidade étnica de Santa Catarina. Tem japonês, alemães, italianos, polacos, açorianos e o gaúcho pelo duro. Agora, a imagem do Rio Grande é a imagem "pelo duro", é como se o Rio Grande se reduzisse a uma metade. Tanto que o Augusto Maia (escritor e crítico literário gaúcho), nos anos 60, escreveu um ensaio chamando a atenção para os vãos Rio Grandes. O próprio Alemão e o próprio italiano acabaram assimilando esta imagem do "pelo duro", tomam chimarrão, monta-se a cavalo, usa roupa gaúcha e sentem-se gaúchos. Aqui em Santa Catarina é diferente. Parece que as comunidades são um pouco mais isoladas, embora talvez nem sempre tenham uma voz que aparece, a identidade destes grupos está mais preservada.

◆ Continua na página C-3

movimentos de vanguarda de 60 e 70, buscando formas alternativas de veicular poesia"

◆ Antônio Hohfeldt



CONSAGRADOS Escritores Adolfo Boos Jr. e Salim Miguel. No alto, caricatura do gaúcho Antônio Hohfeldt



BARDOS
Lindolf Bell (B) e Alcides Buss, dois dos poetas mais importantes de Santa Catarina que surgiram nos movimentos literários dos anos 60/70



034: Memórias de um libanês na ilha

ELTERMANN, Raquel. Memórias de um libanês na ilha. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 14 jan. 1997, variedades, pag. 05.



DIVULGAÇÃO/DC

CLÁ: A família Miguel em foto tirada em 1948, com José e Tamina sentados à frente

Memórias de um libanês na Ilha

Raquel Eltermann
FLORIANÓPOLIS

A difícil batalha de tentar a vida em um lugar estranho, desconhecendo o idioma, sem emprego nem dinheiro.

Tampouco conhecidos ou perspectivas de futuro. Esta história é bastante comum a quem conhece a trajetória dos imigrantes que aportaram em solo brasileiro. Não foram poucos e cada qual tem sua história em particular para contar. E foi o que fez o libanês Youssef Miguel. A partir da difícil realidade econômica no Líbano até a adaptação no Brasil, ele escreveu um livro que, segundo seus descendentes, é pioneiro no sentido de ser o único relato de um imigrante de língua árabe no país. "A bibliografia sobre a imigração árabe no Brasil é muito restrita, por isto a importância deste relato", salienta o jornalista e escritor Salim Miguel, filho mais velho de José.

Através da autobiografia intitulada *Minha Vida*, Miguel descreve os problemas enfrentados no Líbano e na chegada ao país, em maio de 1927. Acompanhado da mulher, Tamina Athie Miguel, e três filhos (o maior com três anos e a menor com 3 meses), ele desembarcou no Rio de Janeiro e adaptou o nome ao idioma local, passando a assinar José Miguel. O livro, publicado em edição particular de 100 exemplares, foi escrito em 1968, quando da morte de Tamina, em uma linguagem quase bíblica. José Miguel o escreveu todo em árabe, pois seu maior desafio como imigrante foi dominar a língua portuguesa. Neste mês, em que estaria completando 100 anos de idade, o livro foi editado como um presente de seus filhos para com a memória do pai e da cultura libanesa. Traduzido por Ália Haddad, *Minha Vida* se tornou mais que um relato histórico. É um romance com ênfase ao amor que José Miguel tinha pela mulher.

Nascido em 1897, na cidade de Kfarsourun, José Miguel veio para o Brasil seguindo os passos de dois irmãos que já haviam se aventurado. Fugindo das condições escrivantes de trabalho em seu país, percorreu o Atlântico em busca de vida

melhor. "Ele nunca ficou rico, mas deu condições para que seus filhos pudessem estudar, coisa que seria bem mais difícil no Líbano", recorda o primogênito Salim Miguel.



CULTURA - A maior concentração de imigrantes sírios e libaneses no Brasil está concentrada no estado de São Paulo. Em Santa Catarina, eles se instalaram na grande Florianópolis, onde formaram uma comunidade sólida e unida. José Miguel viveu em São Pedro de Alcântara, morou por 13 anos em Biguaçu e depois fixou residência na Capital. Nos 50 anos em que morou no país, viveu como comerciante, chegando a carregar até 30 kg de mercadorias como álcool e querosene nas costas para trocá-las por alimento. Uma coisa o tirava do sério: ser chamado de turco. "Não há registros de imigração turca para o Brasil", ressalta Salim Miguel. "A confusão que se faz é devido à invasão turca na Síria e no Líbano durante muitos anos", complementa.

A cultura libanesa se incorporou aos hábitos nacionais com muita facilidade. Kibes, esfíhas e grão-de-bico são os alimentos mais difundidos, além do Arak (espécie de cachaça) e do Malfufe, arroz com carne moída enrolados em folha de repolho conhecido como charuto, além do pão árabe, atualmente industrializado e vendido embalado em supermercados. Muitos descendentes de portugueses têm sangue árabe proveniente da invasão ocorrida na Península Ibérica há cerca de 400 anos. Sobrenomes referentes a elementos da natureza, como Oliveira, Figueiredo, Rocha, Ferreira (que no original se grifa Haddad) etc, são de descendência árabe.

Muitas palavras do idioma português, como alface, almofada, almoxarifado e álcool também são provenientes da língua árabe. Segundo Salim Miguel, há pesquisas até sobre a influência da música da Arábia no som folclórico nordestino, o que atesta a importância do resgate desta cultura para a formação da etnia brasileira.

035: Pressão psicológica para intimidar escritores

BALDISSARELLI, Adriana. Pressão psicológica para intimidar escritores. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 23 out. 1998, pag. 04.

Pressão psicológica para intimidar escritores

Houve uma tarde no início de abril de 1964 em que quatro crianças - João José, Antônio Carlos, Sônia e Paulo Sérgio - a maior com 10 anos e a menor com quatro, ficaram sós e apavoradas numa casa do bairro da Agrônômica. A mãe delas, Eglê Malheiros, professora do Instituto Estadual de Educação, fora levada à força pela Polícia Militar - em razão de sua militância no Partido Comunista. O pai, Salim Miguel, jornalista e escritor que participara do movimento cultural Grupo Sul e havia sido dono

da Livraria Anita Garibaldi, tinha sido preso cinco dias antes, no dia seguinte ao golpe militar. A vizinhança, não pôde socorrer as crianças durante algumas horas, enquanto permanecia o cerco.

Até hoje Salim Miguel fica "arrepiado" e disfarça uma lágrima que insiste em rolar por baixo dos óculos quando conta esta cena ou aquela em que, numa das 48 noites, em que esteve preso no Quartel da Polícia Militar, na Praça Getúlio Vargas,



SALIM E EGLÊ: Filhos pequenos presos em casa e pais "subversivos" detidos

foi obrigado a dar uma volta de jipe. Os dois policiais que o levaram atravessavam a Ponte Hercílio Luz travando o seguinte diálogo: "Qual será o impacto de um corpo como esse jogado daqui de cima?". Resposta: "Só jogando, para saber..."

A conversa era apenas mais um capítulo da interminável pressão psicológica a que vinha sendo submetido o assessor de imprensa do governador da época, Celso

Ilhães, pedia que os acompanhasse. Disse que iria mais tarde, ao que o comandante então explicou: "Não estás entendendo, estás detido para averiguações. Me neguei a entrar na ambulância, então segui num táxi acompanhado de dois soldados armados", conta. Dias depois, a Rua Conselheiro Mafra fora iluminada com a fogueira feita dos livros roubados à livraria que ele comandara. (AB)

Ramos, e chefe da Agência Nacional - o órgão de divulgação do governo federal no Estado -, por nunca esconder sua posição de "homem de esquerda". Ele foi preso no Ponto Chic, enquanto tomava um cafezinho, no trajeto entre o escritório e a agência de Correios. Lá, despacharia a notícia de que o governo estadual e as forças militares já controlavam a situação em Santa Catarina.

"Os policiais civis e militares cercaram o bar e disseram que o secretário de Segurança Pública, Jade Maga-

036: Salim Miguel dá nova dimensão à linguagem

PISANI, Osmar. Salim Miguel dá nova dimensão à linguagem. **Gazeta Mercantil**. São Paulo, 29 mar. 1999, Santa Catarina, pag. 08.

Salim Miguel dá nova dimensão à linguagem

Osmar Pisani
Especial GZMSC

Nesta Ilha da Magia onde prolifera a publicação de livros e mais livros, com raras exceções, quase todos medíocres, inclusive os de cunho academizante, uns aliás que deveriam aparecer no século passado, pelo anacronismo da linguagem e da temática, uns parnasianos, outros românticos e anti-românticos, a “crítica” inexistente não tem tempo de separar o joio do trigo e o faz pelo esquecimento nas prateleiras. Acho que, pelo uso indevido do papel deveriam ser processados, pelo fato de contribuírem com a destrui-

ção da natureza.

Por outro lado, a retirada da disciplina Literatura Catarinense do Departamento de Língua e Literatura Vernácula (DLLV), da Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc) é grave, muito grave. Alienados de nossa cultura não têm conhecimento de nossos valores. Só a presença de Cruz e Sousa já bastaria para justificar a existência da disciplina, além de Virgílio Várzea, Tito Carvalho e Gama D’Eça com uma obra social ainda não analisada. E entre os vivos? Guido W. Sassi, Raimundo Caruso e Salim Miguel. ■

(Pág. D-8)

037: A gaiola e a amplidão

A GAIOLA e a amplidão. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 28 maio 1999, Santa Catarina 100 anos de história, pag. 02.

SANTA CATARINA
100
ANOS DE HISTÓRIA

A gaiola e a amplidão

Em novembro de 1946, entra em circulação o jornal *Folha da Juventude*, órgão da Associação da Juventude Catarinense. A nova publicação, sob a responsabilidade de Aldo Saiz, de proclamada inclinação pelos ideais da esquerda, vem a público no auge do prestígio do Partido Comunista do Brasil, que recebera cerca de 10% dos votos depositados nas urnas em 2 de dezembro de 1945.

O *Folha da Juventude*, no editorial do primeiro número, faz um apelo para que os jovens catarinenses se congreguem em grêmios e clubes culturais, recreativos e esportivos para propagarem "como um único ideal de cultura, as idéias e a defesa pelos direitos da mocidade estudantil".

Um novo apelo, em junho de 1947, insiste na necessidade de que a juventude proclame o seu gosto pela Arte Moderna. "A *Folha*, sendo como é um órgão da mocidade, tem que escolher as idéias novas e boas. E a Arte Moderna o que é? A Arte Moderna é a mocidade".

Na opinião dos jovens, só por esse caminho, seria possível combater o torpor e a intolerância estéril que estava aniquilando a cultura catarinense.

No número seguinte, o jornal dá o primeiro passo na defesa das novas idéias com a publicação da "Página de Arte Moderna", sob a direção do professor Aníbal Nunes Pires. No artigo *A Gaiola de Ouro ou a Amplidão Azul*, o autor diz que a gaiola de ouro é o passado, a arte pela forma; a amplidão azul é o Modernismo, a libertação da arte.

O *Folha da Juventude* morre no sexto número, agosto-setembro de 1947. Mas a guerrilha sobre arte e literatura transfere-se para os jornais dos partidos políticos fortes que inexplicavelmente cedem longos e demorados espaços para a "amplidão azul" dos jovens da Arte Moderna.

Transformações

Escaramuças e contragolpes entre pessedistas e udenistas alimentam a vida política de Santa Catarina no decorrer dos 12 meses de 1947 com a feitura da nova Constituição do Estado e com as eleições para a escolha de 43 prefeitos e das 45 câmaras municipais.

Enquanto isso, um grupo de jovens, porque não deseja vestir nenhum tipo de freio imposto pela bifurcação partidária, procura colocar o Estado em contato com novos conceitos e as novas funções da literatura, do teatro e da pintura, surgidos com o término da guerra, na Europa, e com a morte da ditadura, no Brasil.

Uma tentativa de abrir a discussão sobre esses novos conceitos é proclamada por Salim Miguel, futuro líder do movimento da renovação estética em Santa Catarina. Para ele, a arte é a representação da vida e a fixação do momento que passa.

- Todas as artes, quando surgem, são revolucionárias. E a luta entre o grupo estabelecido e o grupo que surge é inevitável.

Essa nova época, convulsionada por guerras e incompreensões é o prenúncio de grandes transformações. A manifestação da arte adquire novas formas. As ciências alargam novos horizontes. Os descobrimentos e as invenções chocam os espíritos pacatos, os conformistas, os retrógrados.

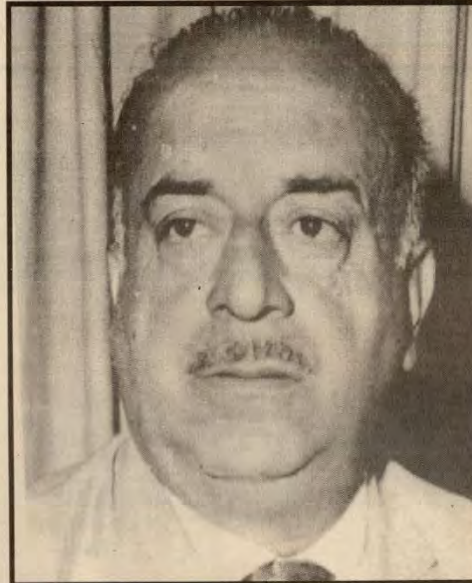
O conceito absoluto das coisas ruíu. Tudo é relativo; tudo é correlato.

Viva-se o momento presente porque ele também passará.

Santa Catarina precisa acordar do passado. Precisa viver, precisa lutar.

MOMENTO CULTURAL:

No Rio de Janeiro, em 1950, jovens integrantes do Grupo Sul se encontram com o escritor Carlos Drummond de Andrade



CLEIDE DE OLIVEIRA/DC, "ANÍBAL NUNES PIRES E O GRUPO SUL", DE LAURO JUNKES, ED. UFSC/LUNARDELLI

VANGUARDA: Aníbal Nunes Pires, introdutor do modernismo no Estado



SALIM MIGUEL:

Um dos líderes do movimento da renovação estética em Santa Catarina

CLEIDE DE OLIVEIRA/DC, "VELHICES E OUTROS CONTOS"



CLEIDE DE OLIVEIRA/DC, REPRODUÇÃO MARCUS QUINT, JORNAL O ESTADO, 26/2/199

Os velhos e os outros

Na segunda metade dos anos 40, três grupos de intelectuais movimentam a roda cultural de Santa Catarina com a engrenagem a girar em torno da Ilha, de Itajaí, de Laguna, de Blumenau-Joinville e de Lages.

O mais sólido é o grupo dos velhos cultivadores do passado, para os quais a arte e a literatura devem respeitar os valores do Naturalismo e do Parnasianismo dos fins do século anterior. Esses valores são representados pelo culto à forma, cujo modelo é a ficção de *Eça de Queirós* ou poema de *Oliveira Bilac*.

Trata-se de uma geração sem livros que vive de espada em punho a corrigir eventuais abusos e desvios. É o caso de Altino Flores.

Um segundo grupo, constituído mais por professores e advogados do que por literatos, quase todos membros da Academia Catarinense de Letras, fermenta páginas de jornais e de revistas, com ensaios clássicos sobre Educação, História, Sociologia e estudos sobre a cultura em Santa Catarina. Osvaldo Rodrigues Cabral e Henrique da Silva Fontes na primeira fila.

Finalmente, o grupo de jovens que está chegando. É o grupo do "nã" e do "futuro", disposto a produzir uma arte e uma literatura orientadas para as linhas do Modernismo, para o culto da liberdade da forma.

E vai à guerra, principalmente contra a arte e a literatura dos velhos, que já haviam sido derrotados em fevereiro de 1922.

As idéias de Mário e de Oswald de Andrade, os belicosos "tenentes" da Semana de Arte Moderna, desembarcam em Santa Catarina sob os aplausos de Aníbal Nunes Pires e de Salim Miguel.

038: Sai Salim. Entra Alcides

SAI Salim. Entra Alcides. **Jornal Universitário-UFSC.** Florianópolis, 18 jun. 1991, pag. 04.

Página 4

UFSC - Jornal Universitário

Brito

Do: Chefe do Departamento de COM
Ao: prof. Dr. Bruno Schlemper Júnior
DD: Reitor da UFSC

É do conhecimento público que minha família viveu, nestes últimos dias, momentos de grande angústia e tristeza, que culminou com o falecimento de meu pai Otávio Pereira Brito. Em nome deles e em meu próprio, não poderia deixar de agradecer aqueles que direta e indiretamente dedicaram sua competência e conhecimento durante o seu internamento como paciente do Hospital Universitário.

Nós estamos conscientes de que o quadro clínico deste Hospital não mediou esforços e sabedoria no atendimento ao nosso pai enquanto paciente.

Somos testemunhas da competência e dedicação daqueles que formam o corpo clínico do H.U. e neste momento estamos enaltecendo o trabalho de todos. Gostaríamos que estendes-se e levasse ao conhecimento daqueles que compõem o quadro clínico do H.U. somos gratos.

Esta carta foi a única forma que encontramos para externar nossos sentimentos de gratidão e em especial ao quadro clínico da UTI do HU e principalmente aos médicos: Dr. LUIZ CEOLA, Dr. NILTON LUIZ, Dr. ERNESTO DAMERAU, Dr. PIERRE SILVEIRA, Dr. VÍRIATO DA CUNHA, Dr. GERALDO VIEIRA, Dr. BENONI RINALDI e Dr. ASMIR LUIZ BOSSO.

Consciente de que o Magnífico Reitor fará chegar a todos este nosso agradecimento, nos colocamos à sua disposição.

Atenciosamente, Prof. Paulo Brito.



Na hora da despedida

Não é a realidade

Ex-diretor da Editora da UFSC, Salim Miguel, encaminhou seguinte carta à direção do Diário Catarinense:

Florianópolis, 31 de maio de 1991
A direção do Diário Catarinense

As informações veiculadas a meu respeito, no "Visor" (dias 29 e 30), não condizem com a realidade. A decisão sobre o espaço físico da nova sede da Editora não me compete, mesmo

que eu possa ter opinião divergente a respeito. E jamais usei a expressão "embargo", nem isso existiu. O que eu declarei é que, como todo editor, tenho minhas frustrações, entre elas o não ter conseguido interiorizar mais, em Santa Catarina, os livros da Editora da UFSC e não ter também viabilizado uma coleção de textos básicos, em diferentes áreas, que seriam solicitados a especialistas. Quando à aposentadoria, ela decorre do fato de desejar me dedicar mais a minha obra literária e de acreditar em renovação.

Antecipadamente grato pela publicação

Salim Miguel

Sai Salim. Entra Alcides

A emoção foi o ponto alto da transmissão do cargo de diretor-executivo da Editora da UFSC. A solenidade ocorreu dia 5 no Gabinete do Reitor. O poeta e professor Alcides Buss assumiu no lugar do escritor e jornalista Salim Miguel, que há oito anos vinha dirigindo o órgão.

Discursaram o reitor Bruno Schlemper Júnior, a pró-reitora de Cultura e Extensão, Maria de Lourdes de Souza, o novo diretor e ex-diretor.

Maria de Lourdes sublinhou metas e objetivos da Editora, destacando feitos da direção da Editora e lançando novos desafios com vistas à modernização e informatização do órgão. A conclusão do novo prédio é outro ideal a ser perseguido. O reitor da UFSC salientou as qualidades pessoais e profissionais de Salim Miguel e Alcides Buss. Falou

orgulhoso do desempenho da Editora, a primeira entre as editoras universitárias. Agradeceu apoio da Fundação Banco do Brasil.

Salim Miguel traçou breve perfil da Editora e manifestou agradecimentos pela dedicação da sua pequena equipe e dos funcionários da Imprensa Universitária. Também desejou as boas-vindas do novo diretor. "Acredito em renovação", observou.

Alcides recebeu durante a solenidade três números da Revista Teias. Em seguida discursou, afirmando ser o livro instrumento de resgate, preservação da memória e de promoção do homem. Reivindicou políticas adequadas para o setor editorial. Não poupou elogios a Salim Miguel: "Ele de dedicação de corpo e alma ao projeto da Editora".

Entre os seus planos, aperfeiçoar a distribuição e a apresentação estética dos livros. Quer manter, neste sentido, integração perfeita com a Imprensa Universitária, e contar com participação de toda comunidade.



Diagnóstico preventivo

Após dois meses de implantação, a Reforma Acadêmica teve o seu primeiro seminário de avaliação. O evento permitiu diagnosticar os problemas iniciais na parte administrativa, que serão corrigidos com uma série de medidas. Segundo Jacyr Monteiro, coordenador de Ensino de Graduação, as dificuldades encontradas são bem menores do que as esperadas.

Revista

A Revista de Ciências Humanas, além de assinaturas, trabalhará num esquema de permuta com publicações similares, no Brasil e no exterior.

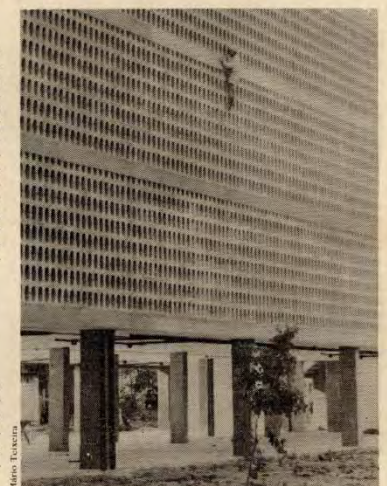
Perda
Arita Schlichting deixou cargo de coordenadora da Coordenadoria de Orçamento para Vânia de Abreu Dekker. Arita também se aposentou.



Arita sai. Assume Vânia

Arqueologia

O Laboratório de Arqueologia também foi atingido pela crise econômica do governo Collor, que paralisou o Projeto Salvamento Arqueológico Uruguai (Barragem Itá SC/RS) sobre a antiga cultura da região. Segundo a arqueóloga Marilindi Goulart, coordenadora do laboratório e do projeto, desde janeiro sem receber recursos, "a pesquisa é sempre o bode expiatório dos reflexos econômicos".



Maria Teles

Paisagismo na cidade

Aspectos do paisagismo urbano de Florianópolis foram debatidos no Curso Paisagismo Urbano, e Elementos de Desenho que aconteceu no Curso de Arquitetura.

Com apoio do CREA, IAB e IPUF, foi ministrado pelo especialista Silvio Soares Macedo, doutor pela Universidade de São Paulo.

Susto

Quando o fotógrafo Mário Teixeira apertou o botão,

o cidadão lá de cima quase despencou. O prédio da Química ainda não está concluído.



Estela, Edna e Bruno

Edna assume bem apoiada

Bastante concorrida a posse da nova diretora da Biblioteca Universitária, Edna Lúcia da Silva, no lugar de Estela Vieira de Oliveira. A solenidade ocorreu dia 7 no Gabinete do Reitor.

Discursaram Estela, Edna e o reitor Bruno Schlemper Júnior. Estela elogiou as qualidades da equipe, destacando a ampliação e modernização dos serviços prestados à comunidade acadêmica. Destacou o apoio permanente recebido da Administração da UFSC.

Edna agradeceu a confiança nela depositada, garantindo

prosseguir a obra iniciada pela ex-diretora. Manifestou como prioridades a reciclagem profissional e a utilização das modernas tecnologias.

O reitor afirmou que Estela superou as próprias expectativas. A informatização do setor, por exemplo, é uma realidade. Aproveitou para convidar os presentes a conhecer in loco o trabalho desenvolvido. Em relação à nova diretora, observou que ela é uma profissional capacitada e que foi nomeada por méritos próprios.

PADCT dá US\$ 4 mi

O Departamento de Coordenação de Programas da Secretaria de Ciência e Tecnologia da Presidência da República aprovou projetos de pesquisa para a Universidade Federal de Santa Catarina no valor de quatro milhões de dólares, oriundos do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico e do Programa de Recursos Humanos para o Desenvolvimento Tecnológico.

039: Este amor Catarina, um painel da nossa ficção

DAMIÃO, Carlos. Este amor Catarina, um painel da nossa ficção. **O Estado.** Florianópolis, 27 e 28 abr. 1996, pag. 03.

Este Amor Catarina, um painel da nossa ficção

Coletânea reúne contos e crônicas de 45 escritores catarinenses, de Virgílio Várzea aos novos talentos



A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina lança na terça-feira, às 19h30, no hall da Reitoria, o livro "Este Amor Catarina", uma coletânea com 306 páginas, 45 autores, organizada pelos escritores Flávio José Cardozo, Salim Miguel e Silveira de Souza e ilustrada pelo artista plástico Rodrigo de Haro.

O tema, como o próprio título indica, é o amor sob a perspectiva da ficção catarinense. Uma boa idéia, que anteriormente já rendeu dois volumes – "Este Mar Catarina" (1983) e "Este Humor Catarina" (1985), ambos reunindo um expressivo número de contistas e cronistas do Estado, alguns deles presentes também a este terceiro volume.

A antologia, como as outras duas citadas, tem o mérito de ser extremamente didática, referencial até, pelo que reúne de mais representativo da ficção catarinense. Por essa razão, é absolutamente recomendável a alunos de segundo grau e de cursos pré-vestibulares, pelo que estabelece como vasto painel da literatura de Santa Catarina, incluindo autores clássicos, modernos, pós-modernos e iniciantes talentosos.

Há momentos do livro em que o leitor evidentemente se depara com o dilema da diferenciação entre o que é conto e o que é crônica. Não se preocupe, no entanto, o leitor, porque este problema não é novo... Os próprios autores também não sabem muito bem estabelecer limites exatos para uma questão que não é exata. O melhor, mesmo, é esquecer as teorias e partir para a prática. Isto é, para a leitura atenta e descompromissada.



Painel de Rodrigo de Haro, na Reitoria da UFSC, vai ser entregue na terça-feira, junto com o lançamento do livro que ilustrou



niscências de Santa Catarina.

Temas - O tema genérico do livro é o amor, mas o leitor por certo encontrará variações infinitas sobre a questão. Há de tudo um pouco a merecer a atenção do público. Como diz Tânia Regina Oliveira Ramos, professora de Literatura Brasileira na UFSC, em sua apresentação: "Enfim temos um painel de amores bandidos, transgressões, soluções, tradições e uma visível busca de relatar histórias individuais para expressar sentimentos coletivos. O amor é a aprendizagem da vida, a busca do conhecimento efetivo, uma etapa necessária para a inserção do homem ao mundo transcendente. As personagens, em todas as histórias contadas, caminham assim em direção umas às outras, exercitando-se na busca deste aperfeiçoamento. A positividade do sentimento, que surge em toda plenitude, emerge numa constante valorização da vida, sem uma transcendência simplesmente divina, mas em direção mesmo a uma vitalidade erótica. Eros, cupido, vida".

Assim, o leitor encontrará o amor tratado com a linguagem clássica da ficção, da mesma forma que encontrará o mesmo tema sob tratamento experimental, e, ainda, com lirismo inigualável e com ousadas formas e informais.

Como toda antologia, "Este Amor Catarina" comporta momentos desiguais, por conta da própria formação dos autores. Mas, no geral, pode ser considerada primorosa, justamente por incluir os mais importantes nomes da ficção catarinense. Este é sem dúvida o fator que deve ser levado em conta como o mais relevante: a oportunidade que se oferece para que o público tenha um painel dos mais completos do campo ficcional do Estado.

Os autores esperam que outras editoras tenham a mesma inspiração, buscando outros temas para editar novas obras que formem, digamos assim, um panorama completo da literatura catarinense. "Este Mar...", "Este Humor..." e, agora, "Este Amor..." provam que o caminho é

este problema não é novo... Os próprios autores também não sabem muito bem estabelecer limites exatos para uma questão que não é exata. O melhor, mesmo, é esquecer as teorias e partir para a prática, isto é, para a leitura atenta e descompromissada.

Os contos – Escolher 45 histórias

ficcionistas de gabarito e projetados nacionalmente. Flávio Cardoso, tradutor de Jorge Luis Borges no Brasil; Salim Miguel, um dos líderes do movimento modernista (Grupo Sul) em Santa Catarina; Silveira de Souza, integrante do Grupo Sul e ligado à organização cultural do Estado há

alguns dos textos são conhecidos dos leitores, porque já publicados em antologias individuais. Outros, praticamente inéditos para o público, embora também já editados (em obras muitas vezes raras ou esgotadas).

Há curiosidades com as quais o leitor iniciante certamente se surpre-

surprende. Outra curiosidade é a inclusão também de autores naturais de Santa Catarina que não moram mais aqui e que fazem carreira em outros Estados. É o caso de Cristóvão Tezza (que muita gente pensa ser paranaense, mas é lagoonense); Edla Van Steen (florianense); e, finalmente, o

caso de Flávio Cardoso, nascido em Brasília há quase 20 anos). A intenção dos organizadores é excelente: manter a ligação dos escritores com seu Estado natal, inclusive como forma de valorizá-los nos estudos sobre a literatura catarinense. Afinal, muito do que escrevem contém remi-

buscando outros temas para editar novas obras que formem, digamos assim, um panorama completo da literatura catarinense. "Este Mar...", "Este Humor..." e, agora, "Este Amor..." provam que o caminho é acertado. (Carlos Damilão)

TRECHO

Meio-dia.
O estio estimulava uma intensa maturidade, inchando as goiabas fúlvulas, polindo os caju sumarentos, mordendo os pêssegos carnudos, a que os pássaros roiam a polpa açucarada pela coriassura de rebordos duros de goma.

Resumando dos troncos em grandes lágrimas avermelhadas, as resinas, derretidas pelo sol, alagavam o ar de um aroma acre que entontecia; mas das fundas sombras das macegas, mesmo dentre a rede hostil dos espinheiros, vinha também um brande e mole perfume de flores frescas, que se fundia no quente e áspero cheiro de maceca e de capim-gordura.

O céu, dum azul do cobalto esbafoado, abafava como abóboda de um forno de barro.

E por toda a largueza das terras, até o mar, descia, com reflexos baixos de madreperla, a imobilidade enervante de um deserto.

As vezes, porém, sarjando a quietude ardente, dum pedaço de pasto e onde pontas de pedras faiscavam, entre musgos e gravatás, uma cabra ruiva, de grandes olhos amarelados, erguia a dura cabeça de longos paus recurvos e soltava o seu berro desesperado e trêmulo.

Depois voltava a retouçar; e tudo mergulhava na cãida serenidade em que a paisagem havia adormecido,

fatigada e farta.

Aquelas horas João Claro descia encosta abaixo, rastejando, para espíar as raparigas que lavavam na fonte, à sombra fechada dos salgueiros.

E varando, cauteloso e mudo, a trama farfalhante das vassouras e das marias-moles, ele pensava na Rosa Maga, uma rapariga cor de jumbo, que tinha o sorriso mais fresco do que a água das pedras e o olhar mais doce do que a baga felpuda do ingá.

Aos seus olhos, amortecidos de soalheira, foi-se reacendendo, então, aquele dia em que a vira na fonte, de bruços, com os braços mergulhados até os cotovelos, alegre de puberdade e de prazer.

E Rosa Maga sentia tanto a frescura da linfa sussurrante que, atirando a cabeça para trás, num riso de intenso contentamento, uma das pomas lhe saltava do cotepe de chita.

Desde esse dia começara a perseguir a linda rapariga com amor e com ansiedade, buscando-a, desejando-a com todas as exigências de seu sangue insatisfeito, todos os impulsos de sua natureza de gato selvagem.

E descia, agora, sob a impressão daquela lembrança, excitado por aqueles aromas vivos que se enrolavam no ar, pensando na mulher que o

seu amor pedia como pede a terra, nos ardores da canícula, a chuva que viria fecundar-lhe as entranhas ardentes e núbiles.

A aragem morna, insinuante, bamboleava as folhagens em torno, fazia ondular a névoa trêmula que fervia no chão, despertava nas tocas os répteis amodorrados, enchendo o ar de insetos que zumbiam tontos do sol e de calor.

João Claro de repente parara, de olhos semicerrados pela violência da luz, a escutar uma cantiga que vinha da fonte, dentre os salgueiros finos e verdes.

A harmonia bárbara daquele canto, sensual e adocicado, suspendera-lhe a respiração, acelerando-lhe o sangue nas artérias tífidas.

Quase sufocado se ergueu, a procurar a frescura de uma sombra, com os ouvidos numa chieira, vendo manchas trisadas que partiam dos seus olhos, alagavam-se em espirais e se diluíam na radiância.

Em volta o sol marchava as folhas das samambaias, picava as pedras com fulgurações brancas de mica.

Trecho do conto "Terra Bárbara", de Othon d'Eça, publicado na antologia "Este Amor Catarina" (páginas 195 e 197)

Os autores e os contos

Adolfo Boos Júnior
A Nova
Almir Caldeira
Vigília de Ano Bom
Amílcar Neves
O Caminho de Volta da Figueira
Cristóvão Tezza
Penélope
David Gonçalves
Moda da Terra
Deonísio da Silva
A Mesa dos Inocentes
Edla Van Steen
A Promessa
Edson Ubaldo
Clarinho
Egli Malheiros
O Monstro
Emanuel Medeiros Vieira
Amor aos Vinte Anos
Enéas Athanázio
O Piá da Íris
Fábio Brüggemann
Uma Crônica de Amor Muito Doído
Flávio José Cardozo
Pedrinho Menez Vai Voltar Rico
Francisco José Pereira
Codinome Shirley
Glauco Rodrigues Corrêa
Coisa Ruim Dentro de Si
Guido Wilmar Sassi
Lamentações da Jovem Noíva
Hamilton Alves
O Instante Fugaz
Harry Laus
A Coroa



Herculano Farias
Ritual
Holdemar Menezes
Doralina
Hoyédo G. Lins
Evocação
Iaponan Soares
O Velho e a Moça
Jeda Inda
Um Casamento up-to-date
Inês Mafra
Íris e o Buzuki
Jair Francisco Hammas
Maria Solange e Solange Maria
João Nicolau Carvalho
O Rasga-Mortalha
Júlio de Queiroz
Um Amor Tão Leve

Lausimar Laus
O Responso
Márcio Camargo Costa
Serrânia
Olsen Jr.
Vinte Anos Depois
Othon d'Eça
Terra Bárbara
Paschoal Apóstolo Pitsica
Naufragal
Péricles Prade
A Fechadura
Pinheiro Neto
Limites
Raul Caldas Filho
Um Gato de Luz
Ricardo L. Hoffmann
Pelas Quadras
Roberto Gomes
Tende Piedade de Mim, Senhor
Rodrigo de Haro
L'Elsir D'Amore
Rubens Lunge
Revelações Sobre o Amor
Salim Miguel
Noturno
Sérgio da Costa Ramos
Amor de Portão
Silveira de Souza
Exercícios Burgueses
Tito Carvalho
Valentia
Urda Alice Klueger
Rosina x Pedro
Virgílio Várzea
A Primeira Entrevista

040: Machado de Assis entre pizzas e casas bancárias

SANDRONI, Cícero. Machado de Assis entre pizzas e casas bancárias. **Tribuna BIS**. Rio de Janeiro, 17 jul. 1991, pag.02.

2. Rio, Quarta-feira, 17 de julho de 1991

Cícero Sandroni

Tribuna BIS

Machado de Assis entre pizzas e casas bancárias

Quando o escritor brasileiro Salim Miguel visitou Lubeck, no norte da Alemanha, cidade fundada em 1158 e durante sete séculos dominante no Báltico, fez questão de conhecer a casa dos Mann, onde Thomas, último rebento de uma família de comerciantes, cuja mãe era brasileira, nasceu, cresceu e escreveu seus primeiros textos. Admirador do escritor alemão e profundo conhecedor de sua obra, Salim Miguel decepcionou-se quando soube que no antigo lar dos Mann, em vez de museu ou algo parecido, instalara-se casa bancária. A única referência ao autor de *A Montanha Mágica* e ao seu irmão, Heinrich, também escritor, autor de *O Anjo Azul*, era uma singela placa, informando que naquele local os dois viram a luz do mundo e deram seus primeiros passos na arte de escrever - arte que os levou primeiro à glória, e depois ao exílio, quando o nazismo e sua corte de horrores tomaram conta da Alemanha.

Se o povo alemão, culto e rico, não se preocupa em conservar as casas de seus grandes escritores, o que poderia levar o povo brasileiro, inculto e pobre, a preocupar-se com as casas dos seus? O sobrado onde Machado de Assis viveu seus últimos anos, por exemplo. Foi demolido, na década de 30 para dar lugar a um palacete de gosto duvidoso. Este, por sua vez, prova de que tudo o que é sólido se

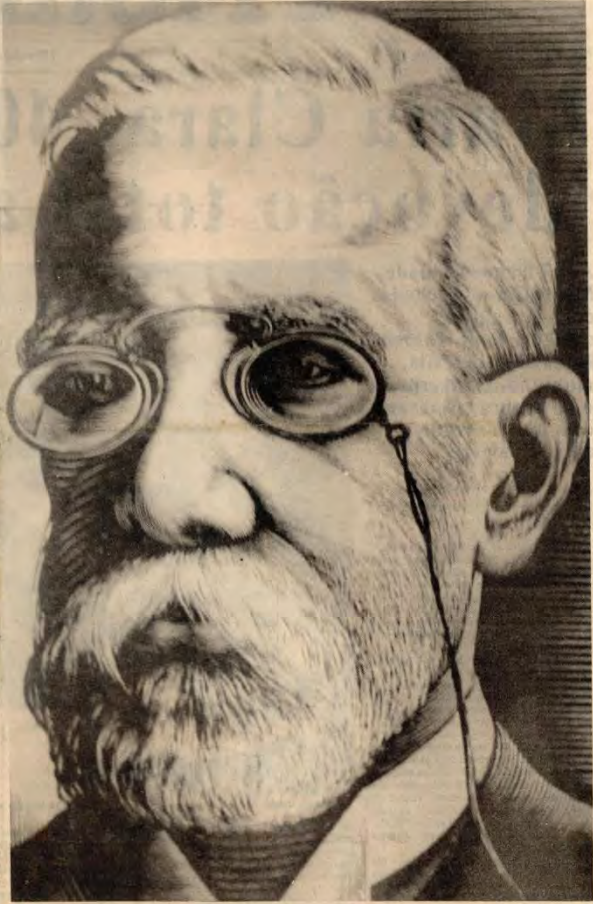
bre os adversários com a mesma fúria das picaretas que derrubaram a casa de Machado.

No esboço biográfico que escreveu para a edição das Obras Completas de Machado de Assis da Aguilar, sob a direção de Afrânio Coutinho, Renard Pérez conta que em 1883, Machado, então com 44 anos mudou-se, com sua Carlota, "para o chalé do Cosme Velho, residência assobradada, confortável, onde permaneceria até morrer". Na mesma edição publica-se foto do chalé, com a legenda informativa: "Casa da Rua Cosme Velho, onde viveu e morreu M. de A." Trata-se de um chalé de dois andares, a fachada no estilo arquitetônico que os portugueses introduziram no Brasil, com janelas altas e porta central, vidros e venezianas e pequenas sacadas com grades de ferro trabalhado. Um belo exemplo da arquitetura voltada para o homem: com o pé direito alto, a casa permitia a ventilação fresca. Se estivesse de pé até hoje - dispensaria o ar condicionado que o progresso oferece aos contemporâneos, para corrigir os erros dos arquitetos modernos. A tal casa da foto da edição Aguilar parece excelente. Só que não pertencia a Machado de Assis. A dele era um chalé idêntico, gêmeo, mas não geminado, construído ao lado do que aparece na foto. Foi demolido mais tarde, para dar lugar a um desses palacetes sem definição arquitetônica - típico

observando-nos com seu olho irônico, talvez lamentando a nossa sorte, com um pouco de compaixão e uma ponta de sarcasmo. Em cada palavra escrita há dezenas de anos, algo nos alerta, como se tivesse sido escrita hoje, por um crítico informado da vida nacional. Quem tiver olhos para ler, lerá, no conto, na crônica, no artigo de jornal ou no romance, não só o quadro social do Segundo Reinado, mas o quadro perene da situação brasileira, que se prolonga pela República Velha, o período Vargas, a República de 46, a ditadura militar, a Nova República de Sarney e a Nova República de Collor.

Alberto Torres escreveu sobre ele: "Um grande escritor português perguntava um dia qual a influência de Machado de Assis no governo e na política do Brasil. Todos sabem que era completamente nula. Quem privou, entretanto, com aquele espírito privilegiado agudo e sutil não tem o direito de duvidar de que, dadas certas emergências, seus conselhos sugeriam, certamente, aos homens de governo, soluções para as mais intrincadas crises políticas. Ninguém o ouvia, os políticos não o julgavam hábil senão para engenhar o entrecho dos romances e polir o estilo; na realidade, ele era uma finíssima natureza de diplomata e possuía a mais lúcida visão das coisas públicas".

A "lúcida visão" a que Al-



derrubado, para que se construísse no local um prédio de apartamentos, em cujas lojas, no térreo, hoje funciona uma pizzaria.

Parece incrível, misturar pizzas com Machado, mas um cínico diria: Muito justo. Afinal, manter de pé a casa de um escritor do passado, para que? Melhor ter lá quem nos forneça pizzas, chopes e massas, do que alimentar o culto à memória daquele neto de escravos - diria o ignorante. Mas diante da casa demolida, observando a pizzaria, na Rua Cosme Velho, alguém há de pensar que embora tenha morrido há 82 anos, Machado permanece entre nós, presente, vivo, atual, participante, onisciente e profético. Basta abrir um dos seus livros, para comprovar. O homem era mesmo um bruxo. O bruxo do Cosme Velho. E pode fazer suas bruxarias até hoje, como espero provar, se o leitor tiver paciência de tr até o fim.

Na casa que pertenceu à família de Thomas Mann em Lübeck hoje realizam-se operações bancárias com letras de câmbio, descontam-se promissórias e duplicatas, no exercício do jogo capitalista. No local onde outrora viveu Machado, os pizzaiolos se desdobram na afã de oferecer a melhor massa com alcei, muçarela e outros recheios e coberturas. Não parece engraçado e muito adequado ao estilo de cada povo este destino que alemães e brasileiros dão à casas onde viveram seus grandes escritores? Eles lá acumulam capital e ganham bons juros, provavelmente especulando, também, com a dívida externa brasileira; nós aqui - onde ninguém é de ferro - regalamo-nos com este "ersatz" da cozinha italiana, hoje espalhada por todo o território nacional, e cada vez mais difundida pelas artarugas ninjas. E olhem como a influência italiana vai longe: o próprio presidente da República adotou o "ma non troppo", indicação da pauta musical, para a sua camiseta-mensagem da corrida dominical. Como a avisar que seu porrete agora é suave, mas poderá abater-se so-

ta também derrubado. Com ele foi abaixo o outro chalé, o da foto, que "passava" por casa de Machado de Assis, para dar lugar ao tal edifício, em cujo térreo funciona a pizzaria.

E assim vai nossa história, destruindo o pouco que nos resta da presença terrena de homens que entenderam o Brasil e os brasileiros, empenhados na permanente luta, descrita por Drummond, na tentativa de decifrar a alma entranhada de um povo incapaz de preservar um pouco da nossa melhor memória.

O chalé que aparece na edição da Aquillar não é a casa de Machado de Assis, mas sim um que guarda semelhança

As vezes penso no pior: talvez seja de propósito este esquecimento, este desejo de demolir os vestígios, de impedir o conhecimento do lado mais humano de um escritor: a sua própria casa. Esta ideia absurda tem uma lógica: se o escritor passa a ser um ente sagrado, incorpóreo, sem o legado da nossa miséria de que falava Brás Cubas, ele estará pairando em outros mundos, em outras esferas. Então, as novas gerações vão desconhecer o verdadeiro legado do escritor aos pósteros: a decifração do país através da descrição dos seus personagens, a revelação de que ele está aqui, ao nosso lado, narrando a nossa história, contando os nossos casos, convivendo com a nossos problemas e a nossa miséria. E como isto é demasiadamente perigoso o melhor é transformá-lo num ícone, numa estátua como aquela instalada no pátio da Academia Brasileira de Letras, e esquecê-lo.

E no entanto, Machado de Assis está presente.

projeta-se para o futuro e desvenda o nosso presente. Os estudos que demonstram a argúcia de Machado na análise do processo social de que participava, sob o reinado de Pedro II estão à disposição do leitor: Astrogildo Pereira, Raymundo Faoro, Afranio Coutinho, Roberto Schwarz, Antonio Candido, Sonia Brayner, Davi Arrigucci Jr. e outros especialistas na obra machadiana já demonstraram a sua capacidade de participação no real, na história do Brasil na segunda metade do século XIX e na primeira década do século XX. Falta agora avaliar a permanência da obra de Machado em relação ao presente do Brasil, não só através da análise dos seus personagens imortais, mas das estruturas sociais que, então vigentes, continuam intactas, a desafiar qualquer tentativa de modificação simplesmente por atender e privilegiar os interesses das elites.

Nessa linha, encontra-se um outro Machado de Assis, declaradamente atuante, que os seus contemporâneos julgavam panfletário, os primeiros críticos consideraram efêmero, mas cuja leitura, hoje, revela a personalidade combativa e profética do homem que, escrevendo para o consumo imediato, deixou a marca de alguém que observava muito longe, mesmo no calor da hora. Este jornalista e polemista, desassombrado, desafiador do poder, distante daquele homem que detestava polêmicas, imagem fruto da má-informação de alguns críticos, foi estudado por Brito Broca. O Machado de Assis jornalista político aparece então, com todo o seu vigor de uma pena inclemente, partidária, e nitidamente liberal - no sentido que a palavra tinha no Império, e não no de hoje, sinônimo de conservador e reacionário.

Aos vinte anos de idade, escrevendo para *O Paraíba*, jornal que Augusto Emilio Zaluar publicava em Petrópolis, Machado ataca violentamente o chefe do governo, Visconde de Abaeté, e o ministro da Fazenda do gabi-

te conservador, Torres Homem. Brito Broca esclarece que no gabinete anterior, chefiado pelo Marquês de Olinda, o ministro da Fazenda Souza Franco julgou que para ativar os negócios devia aumentar o meio circulante, estabelecendo a pluralidade bancária. Com o Banco do Brasil, seis bancos passaram a emitir, além de sociedades comanditárias. Os liberais aplaudiam vivamente essa política audaciosa, que julgavam indispensável ao desenvolvimento do país. Mas os conservadores criticavam-na e o Imperador, homem pru-

Destruímos tudo que nos faz lembrar a presença dos homens que ajudaram a entender o Brasil e os brasileiros

dente, que não gostava de tais audácias, ajudou a derrubar o gabinete de Olinda, que levou de roldão Souza Franco, e seu "carnaval financeiro", na expressão de Torres Homem, que fustigava o governo em artigos no *Jornal do Comércio*.

O gabinete de Abaeté ainda tinha certa coloração liberal. Não tardaria a ser substituído pelo de Angelo Ferraz, de matiz essencialmente conservador. E quando entra em votação na Câmara o projeto Torres Homem, visando acabar com todas as medidas de Souza Franco, por ele consideradas inflacionárias. Então Machado de Assis, do ponto de vista de um liberal exaltado, publica seu artigo em defesa de Souza Franco. E um libelo do jovem jornalista, indignado com a política de Torres Homem, que, no melhor estilo monetarista, com o pretexto de combater a inflação, vai destruindo no cerne a economia brasileira.

Machado de Assis ataca em Torres Homem não só o eco-

nomista conservador, mas também o fato de ter abandonado os antigos ideais liberais - por defendê-los o político chegou a ser deportado para a Europa, em 1842 - trocando-os por uma política monetarista rígida, centralizadora, contrária ao desenvolvimento industrial ao congelar o crédito e inibir os investimentos. Política recessiva, que seria aplicada em várias fases da história do Brasil, como no tempo de Campos Salles e Joaquim Murinho, de Castello Branco e Roberto Campos, de Collor e Zélia Cardoso de Melo. No seu artigo, Machado afirma:

"O homem moral do Sr. Torres Homem sofreu uma transformação e não é certo aquele mesmo que tão ardente parecia no apostolado das liberdades públicas. Esse projeto com que o atual ministro pretende aniquilar o crédito tem um só vislumbre das ideias que animavam aquele Graco de tantas páginas vigorosas!" E mais adiante: "O sr. ministro da Fazenda pretende de certo apresentar meia dúzia de artigos, a sua obra-prima financeira, a sua odisséia econômica. Para um espírito sensato não passa tudo isso de um grosseiro golpe sobre o crédito; e uma pretensão vaidosa do ministro que pretende aniquilar uma liberdade garantida pela lei e pela necessidade pública".

Este Machado de Assis defensor do crédito, conferindo-lhe a condição de necessidade pública é comvente, em especial nesta hora brasileira, quando os juros de qualquer financiamento são astronômicos, impedindo que os brasileiros lancem mão dele. O jovem Machado brada no *jornal de Petrópolis* com veemência contra a recessão e Brito Broca, no seu trabalho de pesquisador infatigável, revela-o para o leitor do ano de 1991, a demonstrar sua impressionante atualidade.

Brito Broca escreve: "E depois de acentuar que não se trata de atalhar as especulações financeiras de Law, pois há um crédito regular e útil ao país, uma praça normal,

Machado se põe a deslazar da competência financeira do ministro, que, censurando o antecessor, não chega nem de leve aos conhecimentos deste último: "O projeto bancário do ministro da Fazenda não pode merecer o apoio da gente sensata. E a varinha de condão com que S. Exa. pretende criar um novo Pactolo, é um novo parto da fábula. S. Exa. fez da montanha e deu à luz o seu ratinho econômico, que não era de alfindega, e que por conseguinte veio ético e mirrado... Deus salve o monstro que começou a ser menino Jesus daqueles

Machado nunca foi um político, só jogou-se de corpo e alma na defesa do liberalismo em baixa no seu tempo

que folgarão em dançar sobre as ruínas da pátria."

Derrubaram a casa de Machado de Assis no Cosme Velho, mas o bruxo anti-recessivo brada, com a força dos seus vinte anos, perfeito e incólume, a vergastar todas as políticas monetaristas que levaram o país ao caos, à confusão e à pobreza em que se encontra. Querem transformá-lo num ser ideal, no escritor maior, e intangível, acima das questões práticas da vida real, mas Joaquim Maria está vivo, jornalista atento que não poupa palavras duras contra os poderosos, e se no vendor dos seus vinte anos atacou Torres Homem, a leitura de sua obra posterior demonstra que prosseguiu na mesma posição liberal e anti-recessiva. Portanto, pode-se imaginar o que diria hoje o bruxo do Cosme Velho sobre um epigono de Torres Homem, o Sr. Roberto Campos, que disputa amanhã cadeira na Academia Brasileira de Letras, da qual Machado de Assis foi fundador e seu primeiro presidente.

041: Um churrasco sob a chuva

SANDRONI, Cícero. UM churrasco sob a chuva. **Tribuna BIS**. Rio de Janeiro, 13 fev. 1991, pag. 02.

2. Rio, Quarta-feira, 13 de fevereiro de 1991

Cícero Sandroni

Tribuna BIS

Um churrasco sob a chuva

“Num país onde se serve tanta carne para alguns, quando tantos morrem de fome, está instalado o reino da injustiça”

(Palavras de Gabriel Marcel, filósofo existencialista francês, quando, homenageado em uma churrasqueira, em Porto Alegre, viu, atônito, colocarem em seu prato uma peça de carne sangrenta de quase meio quilo)

Lembro-me bem: foi o primeiro churrasco que oferecemos na nova casa, recém-construída e inacabada, com algum entulho ainda no quintal. Churrasco para umas oitenta pessoas, do tipo missa campal, daqueles que não se fazem mais desde que o governo começou a lançar pacotes econômicos como misseis Scud sobre nosso combalido orçamento doméstico. Mas naquela época ainda se podia pensar em uma festa maior, até porque a despesa não seria grande. O churrasqueiro, Roberto Biguacu, amigo de infância do escritor Salim Miguel, vinha de Santa Catarina trazendo carne, fresca e sangrenta, pronta para ser assada.

“Foi o melhor - e o mais barato - churrasco que fizemos lá em casa. Biguacu, cujo nome deveria ser genérico da Silva, tão grande era o seu coração, veio de Santa Catarina trazendo as melhores peças de res, abatida de véspera em sua pequena fazenda, acondicionadas em caixas de isopor. Pobre novilha Hereford, que um dia antes pastava tranqüila na inocência dos justos e no dia seguinte embarcava num jato espartilhado na forma de maminhas, alcatras e costelas para aplacar a fome de carne sangrenta de seres que se dizem racionais, mas ainda estão no neolítico - segundo Teilhard de Chardin.

Mas enfim era sábado. E Roberto Biguacu, figura exemplar de pecuarista, churrasqueiro e amigo, mandou-se para o Rio com suas caixas de carne para oferecer aos amigos que não conhecia. (mas digo de Salim Miguel e nortan-



pitalidade brasileira, quando oferecida por jornalistas cariocas e churrasqueiros catarinenses. Zickgraf fez muitos amigos no Rio entre escritores, jornalistas, intelectuais, artistas plásticos, gente de teatro e de cinema, que naquela época, como todos sabem, era perseguida no Brasil. Alguns até encontraram boa acolhida na Alemanha, graças aos esforços dele e de seu antecessor no posto, o diplomata Hans Bayer, que ajudou muitos brasileiros e realizou um trabalho extraordinário nas relações culturais entre o Brasil e a Alemanha.

Enfim, na homenagem ao Bernardo e à Doris, bem tropical e meio esculhambada, reuniu-se aquele grupo que a direita raivosa resolveu denominar de esquerda festiva. Mas esquerda festiva sem frescura, muito terra-a-terra, como se percebe pela descrição do churrasco. E todos estavam adorando aquele sujeito incrível, que vinha de Santa Catarina trazendo a carne, assando-a e oferecendo-a em generosos nacos, que brasileiros e alemães devoravam deliciosos. Além da chuva, cho-viam os elogios. E a cada um deles provocava grande alegria no assador; quando o elogio era maior, com prefácio e tudo, Biguacu não se continha; deixava rolar uma furtiva lágrima, enquanto tomava mais um gole de uísque e mandava mais uma peça de carne para o fogo.

Com chuva e tudo o churrasco foi se transformando numa celebração em torno da pobre novilha sacrificada, o sacerdote manejando espetos numa cerimônia quase ritual, administrando a carne e oferecendo-a na medida em que o calor da brasa estabelecia o ponto exato do assado. Os convidados entraram no rito tradicional de ficar em torno do churrasqueiro, provando a carne, bebendo e conversando, mesmo sob a chuva fininha que já dava sinais evidentes de exaustão, tantos os insultos que ouviu de Biguacu. Mais um pouco, vencida pelo rei das brasas, parou inteiramente; aí então o churrasco transformou-se num verdadeiro happening no barro, onde aos elogios à carne levavam Biguacu a grossas lágrimas.

- Mas vocês estão gostando, mesmo? perguntava, comovido.

E diante das respostas positivas:

- Então provejam mais este pedaço, só este pedacinho, olhe a cor da carne, morda, para ver

to seus amigos, um churrasco preparado no estilo catarinense - cuja diferença do gaúcho, aqui para nós, além do talento do churrasqueiro no manuseio da carne, só mesmo o sotaque açoriano das conversas em torno dele.

Juto com Roberto, as carnes da novilha e os seus apetrechos de churrasqueiro, desembarcou no Rio a chuva torrencial, na manhã de sábado. Hoje estamos acostumados com chuva em dias de festa, aqui em casa. Basta anunciar a visita de alguns amigos para atempestade se armar, impedindo a permanência no jardim e no quintal dos fundos, onde está a churrasqueira. Se a gente organiza um festa maior o dia até amanhecer lindo, céu azul, sem sombra de nuvem - mas começam a chegar os convidados, tome dilúvio. Com o passar do tempo, fomos nos acostumando com a chuva em dias festivos. Hoje a gente até não se importa muito; mas naquele dia, era praticamente a inauguração da casa, a chuva nos deixou desanimados. Não conhecíamos ainda a tempera de Roberto Buguacu, domador de tempestades.

Quando ele chegou, escoltado por Salim Miguel, sua mulher, a escritora Eglê Malheiros, e os filhos, trazendo as carnes da infeliz novilha dentro do isopor, a minha mulher, já desesperada com tanta chuva e o lamaçal que começava a se ormar no quintal da churrasqueira, chegou a sugerir:

- Não seria melhor a gente ir para uma churrascaria e pedir para eles assarem a carne lá?

Roberto Buguacu, que acabara de nos ser apresentado, sentiu-se ofendido em seus bríos de churrasqueiro:

- Minha senhora, com todo o respeito, este churrasco eu vou assar aqui, com chuva ou sem chuva.

E depois de um olhar ameaçador para o céu que mandava a água:

- Churrasco sem um pouco de chuva não é churrasco. A senhora tem aí um toldo?

Tínhamos a velha barraca de acampamento dos meninos. Era o suficiente. Buguacu apossou-se do que restava da barraca e assumiu o comando das ações:

- Preciso de três valentes sem medo de chuva para armar esta traquitana - disse, naquele puro sotaque açoriano.

Na qualidade de dono da casa e sem outro recurso fui um dos três valentes voluntários que seguimos, em direção à churrasqueira, sob o aguaceiro, para tentar erguer uma proteção contra a água. Armar aquela lona molhada foi epopéia digna de ser filmada por um Eisenstein, com o som e a fúria da natureza invectivada pelo Buguacu, a comandar as operações no lodo, enquanto desafiava o poder da água. Enfim, armou-se uma espécie de tenda árabe, que de árabe não tinha nada, foi logo dizendo o Salim Miguel. E pode parecer incrível,

mas o aguaceiro, temeroso das ameaças de Buguacu, amainou.

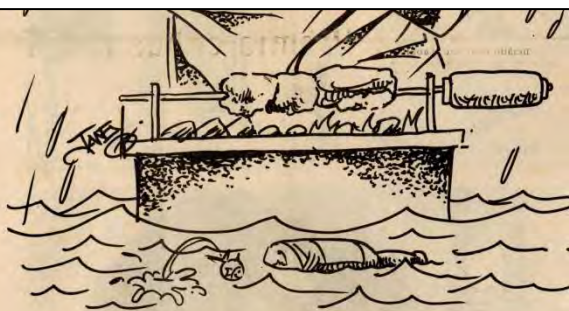
Levamos o carvão seco, muito jornal velho e álcool e depois de várias tentativas o fogo surgiu, sob a tenda; sentimo-nos todos como o homem primevo, no paleolítico, conseguindo a primeira chama, da fricção de gravetos com a palha. A vitória sobre a natureza parecia próxima. Buguacu sorriu e então surgiu uma expedição à casa, em busca do uísque, pois o fogo acesso era apenas o princípio - deveríamos esperar uma hora, ou um pouco mais, abanando bem para atizar as brasas e só então colocar as carnes para o assado.

Veio o uísque e naquele final de manhã, enquanto a chuva ainda caía, mas bem mais fina e leve, em respeito ao Buguacu - que ainda lançava olhares ameaçadores para o céu - a gente abanava o fogo, declarava abertos os trabalhos étlicos e Buguacu escolhia as peças de carne para a brasa. Estabelecia a prioridade de entrada na churrasqueira e espetava as linguças e cebolas com aquela concentração ao trabalho característico dos mestres na sua arte.

Quando as brasas estavam rubras, mas já sem ímpeto para lançar chamas, o que estragaria a carne, Buguacu anunciou:

- Vai começar a inana!

A inana começou com a carne assando brandamente, alguns espelhos de linguça gotejando e as cebolas dourando sob o toldo improvisado, enquanto a chuva, respeitosa, diminuía; cada tempestade conhece o seu Próspero. E Buguacu naquela mágica instrumentação, firme no uísque alisando a carne com sal grosso comprado em loja de artigo de umbanda, que é o único bom para churrasco. Iluminado pelo



calor da brasa, ele assava a carne com entusiasmo, feliz e realizado em plena comunhão com o seu trabalho de assador, enquanto afastava, com insultos dirigidos ao mau tempo, os últimos respingos da chuva.

Mas o tempo, ainda nebuloso e a lama no quintal mantinham os convidados dentro da casa. Aí entrou em ação um esquema de apoio, dos dois rapazes contratados para servir salgadinhos e bebidas. Buguacu observou de sua churrasqueira e não se conteve:

- Este pessoal não entende nada de churrasco!

No que tinha toda a razão. Churrasco é churrasco, salgadinho é para coquetel. Mas o estimulante aroma da carne assada começou a levar os convidados para perto da churrasqueira, apesar da lama e da renitente chuva. Ela, apesar de insistia em desafiar Buguacu. Os mais famintos chegaram mais perto, abrigaram-se sob o toldo e no momento em que Salim Miguel homologou a carne, dando-a por assada no ponto, os nacos começaram a ser servidos, com generosidade, por um Buguacu que transpirava contentamento. Depois de atender aos mais próximos, condescendeu em servir pedaços às senhoras, abrigadas na casa, longe da churrasqueira e da lama. Pedacos que os mais solícitos, escoltados por voluntários com protetores guardachuvas, iam receber na churrasqueira, formando uma pequena fila insólita, digna dos filmes de Buñuel.

Neste ponto é bom registrar que o churrasco era homenagem de despedida a um diplomata alemão, Bernardo Zickgraf, e sua bela esposa Doria, que provaram, da carne sangrenta e na lama do quintal, o melhor da hos-

Parecia até um vendedor querendo convencer o freguês, quando na verdade aquela carne deliciosa era o fruto do seu trabalho, como pecuarista, da pobre novilha que ele criou, talvez com o único objetivo de um dia sacrificá-la e assá-la para que os amigos a devorassem.

E o pessoal comendo e bebendo; e a cada nome de escritor, artista, jornalista ou quem quer que fosse apresentado, Buguacu não aguentava e tomava mais uma dose.

- Mas é ele mesmo? Ele é grande!

Até o momento em que chegaram Raul Ryff e Beatriz. Um momento de decisão, pois este excepcional ser humano, que deixou um testemunho de competência, lealdade, dedicação e talento, além de ter aquele coração boníssimo do qual todos os que o conheceram lembram-se ao por toda a vida, era um gaúcho que conhecia profundamente as artes do churrasco. Quando Raul Ryff e Beatriz provaram a carne, aprovaram-na e repetiram, Roberto Buguacu não se conteve. Abraçou-se a Salim Miguel e murmurou, quase confidencial:

- Raul Ryff gostou do meu assado!

E chorou convulsivamente, com os soluços de uma criança.

E a tarde passou assim, entre lágrimas e risos marcando aquele churrasco meio louco, celebrando uma vitória do homem sobre a natureza. A noite chegou tarde, como acontece em todo verão e os últimos convidados saíram pelas dez horas, exatamente quando chegava o vice-cônsul inglês e a mulher, que se confundiram, pensando que era um churrasco noturno. Desculpou-se com o característico *fair play* e embora convidada a ficar, percebeu que não era hora, bateu em retirada. Dizem que naquela noite o casal foi visto numa churrascaria de rodízio.

Quanto ao Roberto Buguacu, várias histórias contam-se sobre o que aconteceu com ele, depois daquele churrasco histórico. Uma delas, a que parece mais verdadeira, informa que levou uns quinze dias para voltar a Santa Catarina, tão contente ficou com o sucesso do seu assado. Sei que uma semana depois ele ainda estava em São Paulo onde visitou meu pai e falou muito, com entusiasmo, da festa aqui em casa. Uma festa dele, na qual atuou tal e qual Babette, aquela personagem inesquecível de Isak Dinesen, para quem o prazer de fazer sua arte compensava qualquer sacrifício. *Ars Gratia Artis* - já dizia a marca registrada da Metro Goldwyn Meyer. Este contentamento puro de agradar aos amigos com a arte de assar um pedaço de carne marca Roberto Buguacu e o transforma em personagem inesquecível, sempre lembrado quando os amigos se reúnem para um churrasco - o que se faz cada vez menos a cada novo plano econômico que o governo enfia pela goela do povo brasileiro.

042: Primavera Cultural

MENEZES, Claudio. Primavera Cultural. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 13 out. 1993, CACAU, pag. 03.

CLAUDIO MENEZES

Preocupação

□ O venerando Colégio Coração de Jesus não teve culpa nenhuma e deu um castigo exemplar a dezenas de alunos que aproveitaram certa liberdade durante as recentes Olimpíadas da escola, em parte realizadas na Astel, e resolveram aprontar feio.

□ Levaram escondidas, de casa, várias bebidas alcoólicas que deixaram em estado de coma pelo menos duas estudantes.

□ Os implicados não têm mais do que 15 anos e são filhos da classe média alta e alta da cidade.

Rebarba

□ Sobrou também para Florianópolis.

□ A praia da Joaquina recebeu ontem e ontem um público como há muito tempo não via.

□ Só de ônibus de excursão contou-se, na segunda-feira, véspera do feriado, mais de 100.

□ Movimento digno de alta estação.

Frutas

□ Enfim, uma boa ideia, que pode gerar bons frutos.

□ A empresa Sulcatarinense, que tem um complexo de britagem e usina de asfalto no interior de Biguaçu, há quatro meses começou um ambicioso projeto de reflorestamento em parte dos 150 hectares de sua propriedade.

□ Já cobriu 32 hectares e no reflorestamento agregou uma novidade: o plantio de árvores frutíferas.

□ A ideia é tida como referência pela Fatma, que também cita a empresa como exemplo na área de controle ambiental.

Primavera cultural

□ Poetas argentinos, mexicanos e brasileiros debatem a poesia contemporânea hoje, às 14h30min, no auditório do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC, em Florianópolis.

□ O debate faz parte do evento *Poetas por Poetas*, que prossegue amanhã às 18 horas, com um painel sobre "Leituras críticas e leituras poéticas", com os conferencistas Cleber Teixeira, Ariel Schettini, Horácio Costa e Manuel Ulacia.

□ Outro evento cultural da maior importância que se realiza em Florianópolis é o Festival de Teatro Isnard Azevedo, promoção da Fundação Franklin Cascaes.

□ Aliás, Salim Miguel, diretor da Fundação, está impressionado com a quantidade de grupos inscritos: 122.

□ Salim acredita que o mesmo festival, no próximo ano, poderá reunir em Florianópolis cerca de 200 grupos teatrais, quebrando um recorde nacional.

HOTEL FAZENDA JOMAR
O VERDADEIRO
HOTEL FAZENDA.
STO. AMARO DA IMPERATRIZ - SC
RESERVAS FONE: (048) 45-1514

A polícia e os skatistas

□ A Polícia Militar achou uma forma mais tranqüila de ocupar o seu tempo, sem precisar correr o risco de combater assaltantes, esturpadores, traficantes e demais marginais que abundam na Grande Florianópolis.

□ Passa agora o seu tempo prendendo skates de adolescentes no bairro de Coqueiros.

□ Alguém tem que tomar uma posição: não é nenhum tipo de crime vender ou andar de skate.

□ Aliás, o secretário do Continente, de quem me falam maravilhas, bem que poderia fazer uma pista na Praia do Meio onde, segundo meu amigo José Rui Soares, presidente da Associação, tem lá um belo terreno disponível, na frente do Chopão.

□ Os skatistas em Coqueiros hoje já lotam um estádio como o da Ressaca.

□ Mas, por favor, que a pista não fique como o pier da Praia da Saudade, ou seja, só no projeto.

Nativos da Ilha

□ Enfim, o despertar.

□ Foi criada no último sábado, em Florianópolis, a Associação dos Nativos da Ilha. Ilha de Santa Catarina, a mais bonita do Brasil, onde está a população mais acolhedora do mundo.

□ Prioridade é defender a cultura açoriana e preservar nossa cultura, bombardeada por outras tradições.

□ Prefeito Sérgio Grandó foi comunicado da boa nova e prometeu total apoio.

□ Primeiro passo é reeditar o disco de Cláudio Alvim Barbosa, o poeta Zininho, já para a Festa do Mar, em novembro.

□ Aliás, Grandó pretende usar uma das músicas de Zininho sobre a Ilha como tema da festa.

Gosto é gosto

□ *Buenas Chê* é o nome de um jornal desse movimento tradicionalista que faz de Santa Catarina hoje o seu único palco que, segundo o colega Roberto Hirtz, gasta boa parte de seu espaço na última edição para criticar, bem ao estilo de seus adeptos, o jornalista, defensor mor da preservação dos costumes da Ilha de Santa Catarina. A palavra mais leve com que sou brindado é "ignorante".

□ *Buenas Chê?* Se o nome é esse, imagine o resto.

□ Me nego a ler e a saber o que essas pessoas pensam a meu respeito.

□ Prefiro a cultura contemporânea, os versos de Caetano Veloso, a música de Michael Jackson e Waldir Agostinho, os escritos de Paulo Francis, João Ubaldo Ribeiro, Luis Fernando Veríssimo, Gilberto Dimenstein, Zózimo Barroso do Amaral e Sérgio da Costa Ramos.

□ É que eu sempre fui moderninho: uso brinco, tatuagem, jeans rasgado e adoro velejar na Lagoa da Conceição. E, quando de férias, lá fora, não dispensei um Big Mac, seja na Big Apple ou na Cidade Luz.

Estoril "A Loja do Homem, preferida pelas mulheres"
Calçado da Felipe Schmidt - Fpolis.

Alegria morena



Kênia de Oliveira ensinando que sorrir é preciso

Monumento

□ Isto é fantástico.

□ Completa um mês nesta sexta-feira um monumental buraco no Aterro da Baía Sul, em trecho recém-insurgado que encurta o acesso à ponte Colombo Salles, na Avenida Paulo Fontes, quase na frente do Camêlôdromo.

□ Há duas semanas a Prefeitura colocou uma placa na frente do buraco e os motoristas sofrem para fazer o desvio.

□ Botou a placa, mas se esqueceu do principal: tapar o buraco. Ao menos que queiram transformar o buraco em monumento.

★ ★ **ESTÁ** com a boca estampada em sorrisos o publicitário André Chereim (leia-se Mercado Sul Publicidade). Pela segunda vez se destacou como a agência que mais veiculou produtos de seus clientes no DC. Antes de ter sua própria agência, André fazia parte da equipe da Artplan Sul.

★ ★ **OESTE** de Santa Catarina, concentrando a maior produção nacional, realiza em Chapecó no próximo final de semana a 6ª Festa da Linguíça - Wurstfest. A região, que sedia unidades das cinco maiores agroindústrias de produtos derivados de suínos e de aves, a Sadia, Perdigão, Chapecó, Coopercentral e Ceval, industrializa aproximadamente 15 mil toneladas de linguiças por mês.

★ ★ **RESPONDA**, rápido, caro torcedor: você pagaria CR\$ 1 mil para ver um jogo entre Botafogo x Fluminense? Hoje, são, tranqüilamente, os dois piores times do Brasil.

★ ★ **"MINHA** aquarela é de tons fortes. Os suaves tons pastéis já não fazem parte da minha pintura". Frase pesada que abrirá o livro, ainda no prelo, da mãe do cantor Cazuza, Lucinha Araújo. E, sem dúvida, uma frase que poderia fazer parte das letras fortes compostas por seu filho.

★ ★ **DEU** no jornal: Evangélicos farão show para boicotar Madonna no Rio. Coitados.

★ ★ **UMA** reportagem exibida ontem no Hoje, da Globo, Dia da Criança, entre filhos de pescadores de uma ilha no Paraná, merece prêmio internacional. Sensacional. Amenizou o impacto daquela matéria do Paulo Henrique Amorim no Fantástico sobre Michael Jackson e seu amigo de 13 anos. A reportagem do Paraná deu um banho. Emocionou.

★ ★ **O COMERCIO** de Florianópolis vendeu anteontem como no Natal. Lojas registraram filas em todos os departamentos e movimento foi até a noite. Crianças comemoraram o movimento com muitos presentes.

★ ★ **HOJE** tem festa de alegre moçada do Variedades no Barulho Urbano. Todos lá.

Toques

043: Fórum de cultura vai lançar projeto "A Paixão de Ler"

FÓRUM de cultura vai lançar projeto "A Paixão de Ler". **O Estado**. Florianópolis, 06 mar. 1996, cultura, pag. 12.

12 CULTURA

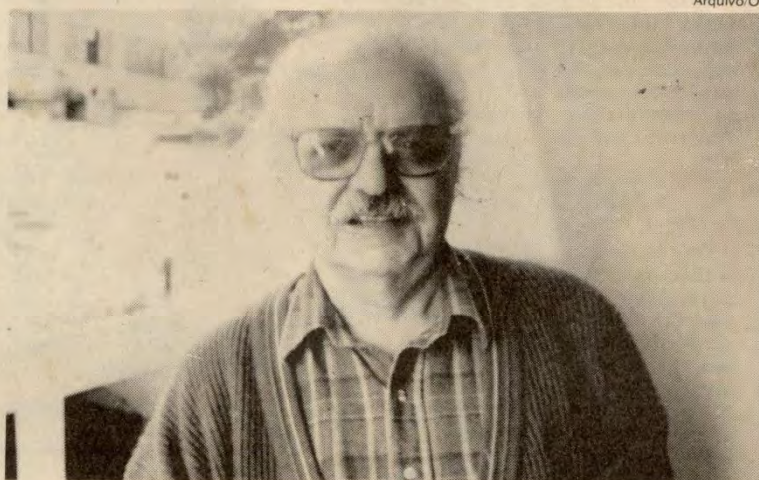
O EST

Fórum de Cultura vai lançar projeto "A Paixão de Ler"

Órgão foi criado pelos dirigentes municipais das capitais, em reunião realizada em Brasília

Mesmo que o superintendente da Fundação Franklin Cascaes, Salim Miguel não tenha conseguido apoio financeiro do Ministério da Cultura para os projetos na capital durante a reunião realizada em Brasília na última sexta-feira, dia 1º, voltou com outras duas boas notícias: a primeira é que foi criado o Fórum de Dirigentes de Órgãos de Cultura das Capitais Brasileiras, aprovado pelos dirigentes de órgãos de cultura das capitais de 25 dos 27 Estados do país, e a outra é que já a partir de maio deve ser implantado em Florianópolis o primeiro projeto proposto pelo Fórum - *A Paixão de Ler*, projeto de incentivo à leitura.

O Fórum tem o objetivo de melhorar a comunicação e relações entre esses órgãos e o Ministério e para isso foram formadas duas comissões provisórias- uma para preparar e analisar um estatuto e outra para estabelecer intercâmbio e projetos, da qual Salim Miguel faz parte como representante catarinense. Durante a próxima reunião, a ser realizada nos dias 11 e 12 de abril, será eleita a Diretoria definitiva e assinado o documento do estatuto. "Espero também



Arquivo/OE

Segundo Salim Miguel, da FFC, Fórum vai atuar junto ao governo

nesta oportunidade poder apresentar os projetos do Festival de Teatro Isnard Azevedo e da Mostra de Dança de Florianópolis, os quais não foram analisados na reunião da semana passada e para os quais espero apoio financeiro do Ministério da Cultura", explica Salim, lembrando que esses projetos foram priorizados pela abrangência de ambos.

O primeiro projeto definido pelo Fórum incluirá todas as capitais brasileiras. *A Paixão de Ler* será implantado em escolas, bibliotecas e centros comunitários onde escritores

locais ou não falarão sobre a vontade e necessidade de leitura e lerão ainda trechos de suas obras. A data de implantação do projeto será decidida na próxima reunião, mas Salim afirma que até maio estará funcionando na capital. "Devemos começar a listagem de nomes de escritores e locais prováveis de implantação e a lista definitiva só sairá pouco antes do início da aplicação de *A Paixão de Ler*, projeto que promete ser de grande valor cultural já que além de autores catarinenses pretendemos de outros Estados também", anima-se o superintendente.

044: Quatro anos de cultura

ELTERMANN, Raquel. Quatro anos de cultura: Salim Miguel deixa comando da fundação Franklin Cascaes, que já não organiza só carnaval. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 27 dez. 1996, variedades, pag. 08.

Quatro anos de cultura

Salim Miguel deixa comando da Fundação Franklin Cascaes, que já não organiza só carnaval



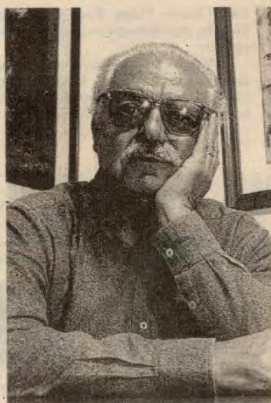
ROBERTO SOULADORA 96

METAS: Salim Miguel afirma que primeiro desafio ao assumir Fundação Franklin Cascaes foi criar uma política cultural, o que até então não existia

Raquel Eltermann
FLORIANÓPOLIS

“**A** gente nunca faz tudo aquilo que gostaria, mas no caso da Fundação, digo que fizemos bem mais que os nossos adversários queriam”. É com este espírito otimista que o jornalista Salim Miguel se despede da superintendência da Fundação Franklin Cascaes, após quatro anos à frente da cultura municipal. Responsável pelo crescimento cultural de Florianópolis e pela recuperação das raízes açorianas, Salim Miguel, entre bois-de-mamão, bruxas e rendas, fez a cidade “re-conhecer” seus valores históricos e artísticos.

Seu primeiro desafio foi definir uma política cultural para a capital catarinense. “Há quatro anos, a Fundação era destinada a organizar somente o Carnaval e alguns poucos pagodes pela cidade”, relembra Salim. Isto, para um dos pioneiros no cinema catarinense, autor de 14 livros e com mais de 30 anos de experiência em comunicação e cultura, não poderia ser suficiente. Sua visão de cultura colocou a cidade, entre outras coisas, no circuito nacional de teatro, a partir da reorganização do Festival Isnard Azevedo - criado na gestão de Edson Andriano somente para grupos locais e cancelado na administração de Esperidião Amin. “Este ano tivemos mais de 150 inscritos no concurso e até ampliamos a participação para grupos do Mercosul”, orgulha-se Salim.



ESCRIBA: Salim é autor de 14 livros

Ele destaca também a popularização das artes cênicas quando o ônibus do Teatro Guaíra veio especialmente para o Festival apresentar peças no interior da Ilha. “Havia pessoas nas comunidades que nunca haviam assistido a um espetáculo”, relembra.

Entre problemas como falta de infra-estrutura para o trabalho - o órgão não

possuía sequer mesas suficientes para os funcionários - a Fundação Franklin Cascaes ainda conseguiu espaço para a realização de projetos pioneiros como A Ilha em Buenos Aires, realizado em parceria com a Fundação Catarinense de Cultura, a Embaixada do Brasil, a Secretaria de Cultura da Argentina e a iniciativa privada. “Agora a Fundação se encontra instalada em um edifício no centro da cidade, que não envergonha ninguém”, salienta o superintendente.

A motivação para o trabalho fez Salim Miguel buscar na criatividade a saída para os problemas enfrentados pelo órgão. “Com as chuvas do ano passado, as secretarias tiveram suas receitas diminuídas e partimos em busca do apoio da iniciativa privada, sem desmerecer todo o incentivo que a prefeitura sempre dispensou à Fundação”. Através da criação de um setor de marketing cultural, a Fundação recebe projetos para a aprovação e captação de recursos. Assim puderam ser publicados oito livros que integram a série Cadernos de Cultura e Educação, co-editados pela Fundação e que têm em comum o tema Florianópolis. “Temos, por exemplo, resumos sobre a história da cidade, a história da Praça XV e o resgate da obra de Franklin Cascaes. Em contra-partida ficam com alguns exemplares para a distribuição em escolas e bibliotecas”, diz ele. Esta proposta se estende a todas as áreas culturais como dança, folclore e música. Graças ao apoio da Fundação, a Orquestra

Municipal de Florianópolis gravou seu primeiro CD (veja matéria na página 2).

A idéia de fazer de Florianópolis um pólo de cinema está caminhando a passos largos com a estruturação do Funcine, em conjunto com o Setor de Cinema da Funarte. “Isto criou condições para que a Cinemateca e o Polo de Cinema adquirissem equipamentos, realizassem oficinas, preparassem pessoal e apoiassem a produção de vários curtas e documentários”, garante Salim Miguel.

VISÃO CULTURAL - Buscando ampliar a visão da cultura popular e do folclore, a Fundação promoveu o Encontro Estadual de Folclore, visando também um intercâmbio cultural e turístico entre os municípios. “Neste último ano realizamos o Encontro Nacional com o tema voltado para a Festa do Boi, e contamos com a participação de grupos até do Amazonas, mostrando a diferenciação e a proximidade destas culturas como o Boi-de-Mamão, Boi Bumbá e Bumba Meu Boi.

Quanto ao futuro das atividades criadas pela Fundação, Salim Miguel se limita a afirmar que “espero que a futura administração respeite o trabalho realizado nestes quatro anos, mesmo porque a cidade já compreendeu e assimilou o significado da cultura como bem inalienável e vai exigir a manutenção e ampliação do que foi feito”.

045: Fundação Franlin Cascaes luta por verbas

PEREIRA, Juliana. Fundação Franlin Cascaes luta por verbas. **O Estado**. Florianópolis, 2 e 3 mar. 1996, magazine e cultura, pag. 05.



Manifestações folclóricas — como o boi-de-mamão — são apoiadas e promovidas pela Fundação Franklin Cascaes. Para a continuidade, dirigentes esperam obter patrocínio que viabilize os seus eventos

Juliana Pereira

No final desta semana o Superintendente da Fundação Franklin Cascaes, Salim Miguel, esteve reunido com o Ministro da Cultura, Francisco Weffort, para discutir a possibilidade de financiamento federal para os projetos culturais da capital catarinense. Salim considera importantíssima a reunião, já que o cronograma de trabalho para este ano está idealizado, faltando apenas verba para realizá-lo. "Temos um grande potencial a ser desenvolvido, faltam apenas os meios", lamenta Salim explicando que o maior problema são os cortes no orçamento municipal realizado para recuperar os estragos com o enchente do final do ano passado em Florianópolis.

Dos oito anos de existência, a FFC ficou praticamente inativa cinco. É o que afirma Salim. A partir de 1993 começaram a se realizar eventos que este ano estarão na terceira ou quarta edição. Na programação de 1996, dos 19 eventos planejados, dois daqueles estes projetos merecem destaque: Festival de Teatro Isnard Azevedo-ano 4, III Mostra de Dança e 2ª Maratona Fotográfica. As novidades são: Mostra Internacional de Teatro de Bonecos- para premiar diferenciadamente ao Isnard Azevedo, Encontro Folclórico, a Gincana de Artes Plásticas e o lançamento do cd da Orquestra Municipal de Florianópolis.

A Fundação tem duas linhas de trabalho, uma em que oferece oficinas e eventos abertos à participação da comunidade e outra para que estuda e trabalha com determinados tipos de

artes, com as quais cerca de 30 funcionários da prefeitura municipal cedidos a FFC lidam. O orçamento fica em torno de R\$ 1,5 milhão- 1% do orçamento do município. "Não criamos manifestações, apenas incentivamos essas expressões populares e as pessoas passam a exigir mais. Por isso, necessitamos de apoio dos órgãos públicos e privados permanentemente. Há muito potencial a ser desenvolvido", comenta Salim.

Nos dois primeiros meses deste ano, já foram executados o II Seminário de Música- que reuniu estudiosos e profissionais da área em apresentações, oficinas e cursos- e o planejamento dos eventos dos meses seguintes. Agora em março, a partir do dia 4 a 8, acontece a Oficina de Documentário- Sérgio Santeiro e entre 23 e 24 deste mesmo mês, acontece a 2ª edição da Maratona Fotográfica, que em 1994 reuniu mais de 300 fotógrafos da Grande Florianópolis.

"Este ano, a Maratona estará dentro da programação de aniversário de Florianópolis, mas ainda não definimos o tema", explica a Coordenadora de Artes da FFC, Luci Maria Mendes. Outros espetáculos estão sendo preparados para as comemorações e serão surpresa para a população.

Além, a comunidade deverá ser agrada beneficiada pelos projetos da Fundação Franklin Cascaes este ano através de várias edições de oficinas de dança, teatro e de cinema- uma novidade. "Os projetos em cinema são muito caros, por isso menos frequentes. Se tivéssemos mais recursos



Salim Miguel, lutador incansável: "Temos potencial. Faltam meios"

agora, esta área seria priorizada", observa Luci ao contar sobre a oficina a ser ministrada em abril por David Tygel. "Estamos sonhando e acreditando que vamos ganhar do Núcleo de Transportes- um ônibus para criarmos o teatro itinerante que abranja todas as comunidades da capital", anima-se a coordenadora de artes. Ela explica que a partir da carcaça do ônibus, seriam retirados os bancos e montado um palco que circularia interminantemente com espetáculos apresentados gratuitamente nas comunidades.

O Festival de Teatro Isnard Azevedo também terá novidades, a começar pelo local. "Solicitamos o Teatro do CIC a Fundação Catarinense de Cultura e nos foi negado. O edital de pedido está OK e não nos foi justificado", explica Luci, lamentando a falta de espaço para a viabilização para ampliação do Festival também para mostra de teatro. Além disso, o planejamento da Mostra Internacional de Teatro de Bonecos, separadamente, deve valorizar esta categoria que contava com pouco espaço naquele festival.

A mostra de Dança de Florianópolis, realizada e dois em dois anos também será ampliada e deve contar com- além de grupos nacionais- outros latinos e o Balé da cidade de São Paulo. A exemplo do que acontece no tradicional Festival de Dança de Joinville, os participantes farão apresentações de rua para o público. "Tudo são pretensões, pois ainda não temos verba e contamos com apenas seis pessoas para a organização e coordenação dos eventos", lembra Luci.

Além destes eventos de maior porte, durante todo o ano acontecem exposições e mostras de trabalhos em artes plásticas, teatro, fotografia e artesanato, para as quais os grupos ou indivíduos são selecionados através da avaliação de vídeos e currículos vitais. "Pretensos participantes de qualquer programa da Fundação, com exceção das oficinas e cursos, passa por um rígido processo de seleção", afirma Luci.

Patrimônio- A Casa da Memória é o projeto mais ambicioso e urgente do setor de patrimônio cultural da Fundação Franklin Cascaes. O acervo, ainda sem classificação e enumeração, de fotografias, discos, vídeos, livros e objetos que contém a memória da capital catarinense, aguarda um espaço onde possa haver a devida conservação deste material e ainda apreciação da comunidade. "A Casa da Memória será como um museu, só que com registros áudio-visuais e arquivos nas áreas de dança, teatro, música, literatura e todo o tipo de artes a

partir da década de 60", explica o coordenador do setor de patrimônio cultural da FFC, Ademir Santos. Um dos maiores colaboradores é o poeta Zimino, que doou um acervo de fitas cassete de programas de rádio local apresentados durante os anos 40 e 50. Enquanto o início deste projeto não é praticável, outros vão sendo executados. O documentário em vídeo *A Ilha e o Poeta*- que trata da história de Zimino, paralela as mudanças históricas-culturais na capital- vai ter as filmagens iniciadas este ano.

"Finalmente saiu a verba", diz aliado Ademir. Outra edição de um projeto de pesquisa em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina será lançado durante as comemorações do aniversário de Florianópolis, é o *As populações pré-colônias da Ilha de Santa Catarina*. Existe ainda o desejo de dar continuidade a publicação do *Caderno Cultura e Educação* editado pela Fundação e já na sua quinta edição. Dois mil exemplares destas edições foram distribuídos no ano passado a instituições culturais e escolas.

Também faz parte do setor de Patrimônio cultural, a biblioteca da Fundação Franklin Cascaes com um acervo de cerca de 1.200 publicações entre literárias e técnicas. A biblioteca situa-se dentro da sede da própria fundação e é aberta ao público. "Devemos grande parte do nosso acervo audiovisual e literário as poucas pessoas que se habilitam a doações. E isso é cada vez mais difícil", conclui Ademir.

Arquivo O/E

Casarão da Lagoa, descentralizando a cultura

Mesmo funcionando num espaço físico separado da sede da FFC, o Casarão da Lagoa é vinculado a Fundação e realiza o mesmo tipo de programação cultural- só que em menor escala e para um público mais específico da região da Lagoa da Conceição. "Estamos tentando criar um hábito cultural aqui e nosso maior problema é ser definido quanto a nossa condição de núcleo cultural", afirma a responsável pelo setor da FFC- Casarão da Lagoa, Márcia Mathias.

Em relação ao número de funcionários e proporcionalmente ao espaço físico, as atividades são intensas. Diariamente entre às 8 e 20 horas, oito funcionários atendem ao público que frequenta a biblioteca,

sala de exposições, oficinas e cursos gratuitos.

A biblioteca tem um acervo de mais de dois mil exemplares, em sua maioria de literatura, dos quais usufruem 500 associados e outro número incontável de pessoas que apenas consultam ou lêem na própria biblioteca. No Casarão são ministrados ainda 12 cursos diferentes durante todo o ano, nas mais diversas áreas culturais- literatura, dança, música, línguas, expressão corporal, teatro- e funciona ainda a Oficina de Artes Infantil, atendendo no total mais de 300 alunos. "Os cursos têm duração entre dois e quatro meses e são gratuitos", explica Márcia e completa dizendo que também

empresta o espaço do Casarão para professores ministrarem aulas particulares de cursos ligados a cultura.

O projeto para este ano, é retomar o espaço do auditório, atualmente emprestado a Delegacia da Lagoa, para criar um núcleo de vídeo serão realizadas sessões de vídeo quinzenalmente e uma vez por mês apresentamos filmes num telão. "Queremos voltar a proporcionar o prazer do cinema ao ar livre através do Projeto Cinema Paradiso", lembra Márcia.

Como na sede da FFC, neste local há também um acervo considerável de fotografias, artes plásticas e artesanato, com destaque para o de peças de renda



Antiga construção abriga biblioteca, oficinas de arte, sala de exposições e proporciona cursos à comunidade

Índice de autor

Autor	Ref	Past/n.
BALDISSARELLI, Adriana	BALDISSARELLI, Adriana. Pressão psicológica para intimidar escritores. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 out. 1998, pag. 04.	035
BRUGGEMANN, Fabio	BRUGGEMANN, Fabio. Estado e censura. A Notícia . Florianópolis, 08 ago. 1996.	030
DAMIAO, Carlos	DAMIÃO, Carlos. Este amor catarina, um painel da nossa ficção. O Estado . Florianópolis, 27 e 28 abr. 1996, pag. 03.	039
ELTERMANN, Raquel	ELTERMANN, Raquel. Memórias de um libanês na ilha. Diário Catarinense . Florianópolis, 14 jan. 1997, variedades, pag. 05.	034
	ELTERMANN, Raquel. Quatro anos de cultura: Salim Miguel deixa comando da fundação Franklin Cascaes, que já não organiza só carnaval. Diário Catarinense . Florianópolis, 27 dez. 1996, variedades, pag. 08.	044
FAJARDO, Elias	FAJARDO, Elias. Entre a confissão e a ficção da cadeia. O Globo . Rio de Janeiro, 15 maio 1994, Livros, memórias.	024
GASTAL, Ney	GASTAL, Ney. Salim Miguel: Florianópolis já foi uma cidade muito mais gostosa e simpática. RS. [s.l, 10,11 fev. 1990. Entrevista.	001
GEHLEN, Joel	GEHLEN, Joel. A sintaxe que nos expressa. A Notícia . Florianópolis, 01 mar. 1998. anexo	033
HOEMKE, Neusa Manzke	HOEMKE, Neusa Manzke. I FLORIANÓPOLIS. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 27/mai/92, Lazer e Cultura, pag. 19.	015
JUNKES, Lauro	JUNKES, Lauro. De Cruz e Souza a Salim Miguel. A Notícia . Florianópolis, 15 mar. 1992, Literatura., anexo, pag. 05.	017
LAPS, Jô	LAPS, Jô. Clic mágico que congela o tempo: ilustres figurinhas. Diário Catarinense . Florianópolis, 07 ago. 1994.	021
	LAPS, Jô. Livros para quem naufraga. Diário Catarinense . Florianópolis, 30 jul. 1995, pag. 08	026
LEITE, Pedro	LEITE, Pedro. O QUE scandaliza você?. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 nov. 1991, Revista DC, pag. 07.	012
MENEZES, Claudio	MENEZES, Claudio. Primavera Cultural. Diário Catarinense . Florianópolis, 13 out. 1993, CACAU, pag. 03.	042
MIRO	MIRO. [Nota com foto] O Estado . Florianópolis, 29 abr. 1994.	022
MOURA, Francisco Miguel de	MOURA, Francisco Miguel de. Santa Catarina, um Estado interessante. Correio do Piauí . Teresina, 03 fev. 1993.	019
PEREIRA, Francisco José	PEREIRA, Francisco José. A propósito de Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 09 out. 1991, pag.03.	007
PEREIRA, Juliana	PEREIRA, Juliana. Fundação Franlin Cascaes luta por verbas. O Estado . Florianópolis, 2 e 3 mar. 1996, magazine, cultura, pag. 05.	045
PIENIZ, Gleber	PIENIZ, Gleber. Nossa memória seletiva de 98: cultura sem unanimidade. A Notícia . Florianópolis, 31 dez. 1998 e 01 jan. 1999, pag. 1. Anexo.	013

PIRES, Zeca	PIRES, Zeca, Verbas para a produção: edital resgate do cinema deve reunir cineastas de todo o país no Rio. Eles buscam mais recursos. Diário Catarinense . Florianópolis, 10 nov. 1993, Variedades.	020
PISANI, Osmar	PISANI, Osmar. Salim Miguel dá nova dimensão à linguagem. Gazeta Mercantil . São Paulo, 29 mar. 1999, Santa Catarina, pag. 08.	036
PONTES, Mário	PONTES, Mário. [Nota sobre Salim Miguel] Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 15 jun. 1991, idéias/livros, pag. 02.	004
PRESTES, Marlene	PRESTES, Marlene. Guerra pelo mercado literário: escritores e editores de Santa Catarina analisam o mercado de livros e traçam estratégias para conquistar mais espaços. Diário Catarinense . Florianópolis, 31 jan. 1996, pag.4 e 5.	031
RATES, Zeni	RATES, Zeni. Salim Miguel recebe homenagem: Assembléia Legislativa concede-lhe hoje o título de "Cidadão catarinense". A Notícia . Joinville, 27 maio 1992, Variedades, pag.29.	016
SALIM, Miguel	J.O. Universidade. J.O.Informa. Rio de Janeiro, out./Nov.1990, pag. 02.Entrevista com Salim Miguel	003
SANDRONI, Cicero	SANDRONI, Cícero. Machado de Assis entre pizzas e casas bancárias. Tribuna BIS . Rio de Janeiro, 17 jul. 1991, pag.02.	040
	SANDRONI, Cícero. UM churrasco sob a chuva. Tribuna BIS . Rio de Janeiro, 13 fev. 1991, pag. 02.	041
SILVA, Dionísio da	SILVA, Dionísio da. Memórias de prisão em tempo de perplexidade. Jornal da tarde . [s.l.], 23 jul. 1994.Caderno de sábado.	023
WOSGRAUS, Juliana	WOSGRAUS, Juliana. Papo cabeça. Diário Catarinense . Florianópolis, 11 mar. 1996.Foto	032
	LETRA viva volta com Salim Miguel. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 23 mar. 1990, pag. 20. Lazer e Cultura.	002
	SALIM Miguel. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 06 set.1991, Lazer e Cultura.	005
	TÍTULO para Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 set. 1991, Visor, pag. 02.	006
	SALIM Miguel. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 12 nov. 1991, Lazer e Cultura.	008
	DEDICAÇÃO reconhecida. Diário Catarinense . Florianópolis, 11 nov. 1991. Variedades.	009
	LIVROS: Salim Miguel - literatura e coerência. O Estado . Florianópolis, 12 nov. 199. Nota [roteiro].	010
	QUARENTA anos de vida literária: escritor Salim Miguel recebe homenagem na biblioteca pública de Florianópolis. A Notícia . Florianópolis, 12 nov. 1991. Variedades.	011
	SALIM Miguel. A Folha da Cidade . Florianópolis, jun. 1992, pag.06, ano2. nº 14. Mosaico	014
	SALIM Miguel, 74 anos, jornalista e escritor. In: OLIVEIRA, Mauricio. Data estimula planejamentos. AN Capital . Florianópolis, 31 dez. 1998 e 01 jan. 1999, pag. 08.	018
	SALIM Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 mar. 1995, suplemento especial, pag. 13.	025
	[NOTAS] A Notícia . Florianópolis, 04 dez. 1995, Ricardinho.	027
	LEITURA. O Escritor. São Paulo, dez. 1995, pag. 07.Foto.	028
	TRES escritores representam SC em encontro do mercosul. A Notícia . Florianópolis, 04 dez. 1995.	029
	A GAIOLA e a amplidão. Diário Catarinense . Florianópolis, 28 maio 1999, Santa Catarina 100 anos de história, pag. 02.	037
	SAI Salim. Entra Alcides. Jornal Universitário-UFSC . Florianópolis, 18 jun. 1991, pag. 04.	038
	FÓRUM de cultura vai lançar projeto " A Paixão de Ler". O Estado . Florianópolis, 06 mar. 1996, cultura, pag. 12.	043

Índice por jornal

Jornal	Ref	Past/n.
A Folha da Cidade	SALIM Miguel. A Folha da Cidade . Florianópolis, jun. 1992, pag.06, ano2. nº 14. Mosaico	014
A Notícia	QUARENTA anos de vida literária: escritor Salim Miguel recebe homenagem na biblioteca pública de Florianópolis. A Notícia . Florianópolis, 12 nov. 1991. Variedades.	011
	PIENIZ, Gleber. Nossa memória seletiva de 98: cultura sem unanimidade. A Notícia . Florianópolis, 31 dez. 1998 e 01 jan. 1999, pag. 1. Anexo.	013
	RATES, Zeni. Salim Miguel recebe homenagem: Assembléia Legislativa concede-lhe hoje o título de "Cidadão catarinense". A Notícia . Joinville, 27 maio 1992, Variedades, pag.29.	016
	JUNKES, Lauro. De Cruz e Souza a Salim Miguel. A Notícia . Florianópolis, 15 mar. 1992, Literatura., anexo, pag. 05.	017
	[NOTAS] A Notícia . Florianópolis, 04 dez. 1995, Ricardinho.	027
	TRES escritores representam SC em encontro do mercosul. A Notícia . Florianópolis, 04 dez. 1995.	029
	BRUGGEMANN, Fabio. Estado e censura. A Notícia . Florianópolis, 08 ago. 1996.	030
	GEHLEN, Joel. A sintaxe que nos expressa. A Notícia . Florianópolis, 01 mar. 1998. anexo	033
AN Capital	SALIM Miguel, 74 anos, jornalista e escritor. In: OLIVEIRA, Mauricio. Data estimula planejamentos. AN Capital . Florianópolis, 31 dez. 1998 e 01 jan. 1999, pag. 08.	018
Correio do Piauí	MOURA, Francisco Miguel de. Santa Catarina, um Estado interessante. Correio do Piauí . Teresina, 03 fev. 1993.	019
Diário Catarinense	TITULO para Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 set. 1991, Visor, pag. 02.	006
	PEREIRA, Francisco José. A propósito de Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 09 out. 1991, pag.03.	007
	DEDICAÇÃO reconhecida. Diário Catarinense . Florianópolis, 11 nov. 1991. Variedades.	009
	LEITE, Pedro. O QUE escandaliza você?. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 nov. 1991, Revista DC, pag. 07.	012
	PIRES, Zeca. Verbas para a produção: edital resgate do cinema deve reunir cineastas de todo o país no Rio. Eles buscam mais recursos. Diário Catarinense . Florianópolis, 10 nov. 1993, Variedades.	020
	LAPS, Jô. Clic mágico que congela o tempo: ilustres figurinhas. Diário Catarinense . Florianópolis, 07 ago. 1994.	021
	SALIM Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 mar. 1995, suplemento especial, pag. 13.	025
	LAPS, Jô. Livros para quem naufraga. Diário Catarinense . Florianópolis, 30 jul. 1995, pag. 08	026

Diário Catarinense	PRESTES, Marlene. Guerra pelo mercado literário: escritores e editores de Santa Catarina analisam o mercado de livros e traçam estratégias para conquistar mais espaços. Diário Catarinense . Florianópolis, 31 jan. 1996, pag.4 e 5.	031
	WOSGRAUS, Juliana. Papo cabeça. Diário Catarinense . Florianópolis, 11 mar. 1996.Foto	032
	ELTERMANN, Raquel. Memórias de um libanês na ilha. Diário Catarinense . Florianópolis, 14 jan. 1997, variedades, pag. 05.	034
	BALDISSARELLI, Adriana. Pressão psicológica para intimidar escritores. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 out. 1998, pag. 04.	035
	A GAIOLA e a amplidão. Diário Catarinense . Florianópolis, 28 maio 1999, Santa Catarina 100 anos de história, pag. 02.	037
	MENEZES, Claudio. Primavera Cultural. Diário Catarinense . Florianópolis, 13 out. 1993, CACAU, pag. 03.	042
	ELTERMANN, Raquel. Quatro anos de cultura: Salim Miguel deixa comando da fundação Franklin Cascaes, que já não organiza só carnaval. Diário Catarinense . Florianópolis, 27 dez. 1996, variedades, pag. 08.	044
Gazeta Mercantil	PISANI, Osmar. Salim Miguel dá nova dimensão à linguagem. Gazeta Mercantil . São Paulo, 29 mar. 1999, Santa Catarina, pag. 08.	036
J.O.Informa	J.O. Universidade. J.O.Informa. Rio de Janeiro, out./Nov.1990, pag. 02.Entrevista com Salim Miguel	003
Jornal da tarde	SILVA, Dionisio da. Memórias de prisão em tempo de perplexidade. Jornal da tarde . [s.l.], 23 jul. 1994.Caderno de sábado.	023
Jornal de Santa Catarina	LETRA viva volta com Salim Miguel. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 23 mar. 1990, pag. 20. Lazer e Cultura.	002
	SALIM Miguel. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 06 set.1991, Lazer e Cultura.	005
	SALIM Miguel. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 12 nov. 1991, Lazer e Cultura.	008
	HOEMKE, Neusa Manzke.I FLORIANÓPOLIS. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 27/mai/92, Lazer e Cultura, pag. 19.	015
Jornal do Brasil	PONTES, Mário. [Nota sobre Salim Miguel] Jornal do Brasil . Rio de janeiro, 15 jun. 1991, idéias/livros, pag. 02.	004
Jornal Universitário-UFSC	SAI Salim. Entra Alcides. Jornal Universitário-UFSC . Florianópolis, 18 jun. 1991, pag. 04.	038
O Escritor	LEITURA. O Escritor . São Paulo, dez. 1995, pag. 07.Foto.	028
O Estado	LIVROS: Salim Miguel - literatura e coerência. O Estado . Florianópolis, 12 nov. 199. Nota [roteiro].	010
	MIRO. [Nota com foto] O Estado . Florianópolis, 29 abr. 1994.	022
	DAMIÃO, Carlos. Este amor catarina, um painel da nossa ficção. O Estado . Florianópolis, 27 e 28 abr. 1996, pag. 03.	039
	FÓRUM de cultura vai lançar projeto " A Paixão de Ler". O Estado . Florianópolis, 06 mar. 1996, cultura, pag. 12.	043

O Estado	PEREIRA, Juliana. Fundação Franlin Cascaes luta por verbas. O Estado . Florianópolis, 2 e 3 mar. 1996, magazine, cultura, pag. 05.	<u>045</u>
O Globo	FAJARDO, Elias. Entre a confissão e a ficção da cadeia. O Globo . Rio de Janeiro, 15 maio 1994, Livros, memórias.	<u>024</u>
RS	GASTAL, Ney.Salim Miguel: Florianopolis já foi uma cidade muito mais gostosa e simpática. RS. [s.l., 10,11 fev. 1990. Entrevista.	<u>001</u>
Tribuna BIS	SANDRONI, Cícero. Machado de Assis entre pizzas e casas bancárias. Tribuna BIS . Rio de Janeiro, 17 jul. 1991, pag.02.	<u>040</u>
	SANDRONI, Cícero. UM churrasco sob a chuva. Tribuna BIS . Rio de Janeiro, 13 fev. 1991, pag. 02.	<u>041</u>

Índice por ano

Ano	Ref	Past/n.
1990	GASTAL, Ney. Salim Miguel: Florianópolis já foi uma cidade muito mais gostosa e simpática. RS. [s.l., 10,11 fev. 1990. Entrevista.	001
	LETRA viva volta com Salim Miguel. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 23 mar. 1990, pag. 20. Lazer e Cultura.	002
	J.O. Universidade. J.O.Informa. Rio de Janeiro, out./Nov.1990, pag. 02.Entrevista com Salim Miguel	003
1991	PONTES, Mário. [Nota sobre Salim Miguel] Jornal do Brasil . Rio de Janeiro, 15 jun. 1991, idéias/livros, pag. 02.	004
	SALIM Miguel. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 06 set.1991, Lazer e Cultura.	005
	TÍTULO para Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 set. 1991, Visor, pag. 02.	006
	PEREIRA, Francisco José. A propósito de Salim Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 09 out. 1991, pag.03.	007
	SALIM Miguel. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 12 nov. 1991, Lazer e Cultura.	008
	DEDICAÇÃO reconhecida. Diário Catarinense . Florianópolis, 11 nov. 1991. Variedades.	009
	LIVROS: Salim Miguel - literatura e coerência. O Estado . Florianópolis, 12 nov. 199. Nota [roteiro].	010
	QUARENTA anos de vida literária: escritor Salim Miguel recebe homenagem na biblioteca pública de Florianópolis. A Notícia . Florianópolis, 12 nov. 1991. Variedades.	011
	LEITE, Pedro. O QUE scandaliza você?. Diário Catarinense . Florianópolis, 17 nov. 1991, Revista DC, pag. 07.	012
	SAI Salim. Entra Alcides. Jornal Universitário-UFSC . Florianópolis, 18 jun. 1991, pag. 04.	038
	SANDRONI, Cícero. Machado de Assis entre pizzas e casas bancárias. Tribuna BIS . Rio de Janeiro, 17 jul. 1991, pag.02.	040
1992	SANDRONI, Cícero. UM churrasco sob a chuva. Tribuna BIS . Rio de Janeiro, 13 fev. 1991, pag. 02.	041
	SALIM Miguel. A Folha da Cidade . Florianópolis, jun. 1992, pag.06, ano2. nº 14. Mosaico	014
	HOEMKE, Neusa Manzke.I FLORIANÓPOLIS. Jornal de Santa Catarina . Florianópolis, 27/mar/92, Lazer e Cultura, pag. 19.	015
1992	RATES, Zeni. Salim Miguel recebe homenagem: Assembléia Legislativa concede-lhe hoje o título de "Cidadão catarinense". A Notícia . Joinville, 27 maio 1992, Variedades, pag.29.	016
	JUNKES, Lauro. De Cruz e Souza a Salim Miguel. A Notícia . Florianópolis, 15 mar. 1992, Literatura., anexo, pag. 05.	017
1993	MOURA, Francisco Miguel de. Santa Catarina, um Estado interessante. Correio do Piauí . Teresina, 03 fev. 1993.	019

	PIRES, Zeca. Verbas para a produção: edital resgate do cinema deve reunir cineastas de todo o país no Rio. Eles buscam mais recursos. Diário Catarinense . Florianópolis, 10 nov. 1993, Variedades.	020
	MENEZES, Claudio. Primavera Cultural. Diário Catarinense . Florianópolis, 13 out. 1993, CACAU, pag. 03.	042
1994	MIRO. [Nota com foto] O Estado . Florianópolis, 29 abr. 1994.	022
	LAPS, Jô. Clic mágico que congela o tempo: ilustres figurinhas. Diário Catarinense . Florianópolis, 07 ago. 1994.	021
	SILVA, Dionisio da. Memórias de prisão em tempo de perplexidade. Jornal da tarde . [s.l.], 23 jul. 1994.Caderno de sábado.	023
	FAJARDO, Elias. Entre a confissão e a ficção da cadeia. O Globo . Rio de Janeiro, 15 maio 1994, Livros, memórias.	024
1995	SALIM Miguel. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 mar. 1995, suplemento especial, pag. 13.	025
	LAPS, Jô. Livros para quem naufraga. Diário Catarinense . Florianópolis, 30 jul. 1995, pag. 08	026
	[NOTAS] A Notícia . Florianópolis, 04 dez. 1995, Ricardinho.	027
	LEITURA. O Escritor . São Paulo, dez. 1995, pag. 07.Foto.	028
	TRES escritores representam SC em encontro do mercosul. A Notícia . Florianópolis, 04 dez. 1995.	029
1996	BRUGGEMANN, Fabio. Estado e censura. A Notícia . Florianópolis, 08 ago. 1996.	030
	PRESTES, Marlene. Guerra pelo mercado literário: escritores e editores de Santa Catarina analisam o mercado de livros e traçam estratégias para conquistar mais espaços. Diário Catarinense . Florianópolis, 31 jan. 1996, pag.4 e 5.	031
	WOSGRAUS, Juliana. Papo cabeça. Diário Catarinense . Florianópolis, 11 mar. 1996.Foto	032
	DAMIÃO, Carlos. Este amor catarina, um painel da nossa ficção. O Estado . Florianópolis, 27 e 28 abr. 1996, pag. 03.	039
	FÓRUM de cultura vai lançar projeto " A Paixão de Ler". O Estado . Florianópolis, 06 mar. 1996, cultura, pag. 12.	043
	ELTERMANN, Raquel. Quatro anos de cultura: Salim Miguel deixa comando da fundação Franklin Cascaes, que já não organiza só carnaval. Diário Catarinense . Florianópolis, 27 dez. 1996, variedades, pag. 08.	044
	PEREIRA, Juliana. Fundação Franlin Cascaes luta por verbas. O Estado . Florianópolis, 2 e 3 mar. 1996, magazine, cultura, pag. 05.	045
1997	ELTERMANN, Raquel. Memórias de um libanês na ilha. Diário Catarinense . Florianópolis, 14 jan. 1997, variedades, pag. 05.	034
1998	GEHLEN, Joel. A sintaxe que nos expressa. A Notícia . Florianópolis, 01 mar. 1998. anexo	033
1998	BALDISSARELLI, Adriana. Pressão psicológica para intimidar escritores. Diário Catarinense . Florianópolis, 23 out. 1998, pag. 04.	035
1999	PISANI, Osmar. Salim Miguel dá nova dimensão à linguagem. Gazeta Mercantil . São Paulo, 29 mar. 1999, Santa Catarina, pag. 08.	036
	A GAIOLA e a amplidão. Diário Catarinense . Florianópolis, 28 maio 1999, Santa Catarina 100 anos de história, pag. 02.	037

1999	PIENIZ, Gleber. Nossa memória seletiva de 98: cultura sem unanimidade. A Notícia. Florianópolis, 31 dez. 1998 e 01 jan. 1999, pag. 1. Anexo.	013
1999	SALIM Miguel, 74 anos, jornalista e escritor. In: OLIVEIRA, Mauricio. Data estimula planejamentos. AN Capital. Florianópolis, 31 dez. 1998 e 01 jan. 1999, pag. 08.	018